

Obras de GUERRA JUNQUEIRO

A velhice do Padre Eterno, 1 v.
A vitória da França.
Baptismo do Amor.
Pátria, 1 vol.
Finis Patriæ.
O Crime.
A Lágrima.
Oração à Luz.
Oração ao Pão.
Poesias dispersas.
Prosas dispersas.
Horas de combate.
O Caminho do Céu
Promeleu libertado.

P.^e MANUEL BERNARDES

NOVA FLORESTA

ou Silva de vários apogemas e ditos sentenciosos, espirituais e morais. Nova edição em 5 volumes com um estudo preambular sobre o autor por José Pereira de Sampaio (Bruno).



B-11-34
Obras de COELHO NETO

Sertão.

A Bico de Pena.

Água de Juvênta.

Romanceiro.

Teatro, vol. I, (O Relicário, Os Raios X, O Diabo no corpo).

Teatro, vol. IV, (Quebranto, comédia e o salnete Núbem).

Teatro, vol. V (O dinheiro, Bonança, e o Intruso).

Fabulario.

Jardim das Oliveiras.

Inverno em Flôr.

Apologos, contos para crianças.

Miragem.

Mysterio do Natal.

O Morto.

Rei Negro.

Capital Federal.

A Conquista.

A Tormenta.

Tréva.

Banzo.

Turbilhão.

O meu dia.

As Sete Dóres de Nossa Senhora.

Balladilhas.

Pastoral.

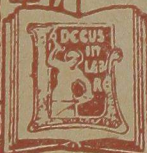
Vida Mundana.

Patinho torto.

As quintas.

Scenas e Perfis.

Feira Liore.



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CARTAS DEVOLVIDAS

CARTAS REVOLVIDAS

En Libris
José Medina

JOÃO RIBEIRO

DA ACADEMIA BRASILEIRA E DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

CARTAS DEVOLVIDAS



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão,
L.^{da}, edit. — Rua das Carmelitas, 144

AILLAUD E BERTRAND — LISBOA-PARIS

1926

Ácerca da difficil simplicidade

Estava eu para pedir a Vossa Mercê, sempre bem avisado nas suas respostas, o verdadeiro conceito em que se hão de ter as novas escolas poeticas.

Sabe Vossa Mercê que ando ás vezes prevenido com as migalhas que me concede para o governo da vida.

Os poetas novos parecem-me realizar a maxima simplicidade de que é capaz a literatura.

Não só aqui, mas em todo o orbe esses suppositos iconoclastas, tão da minha sympathia, puzeram fogo a todas as velharias rhetoricas do nosso tempo e... caminham desassombradamente para o nú...

Hoje, as raparigas e as modas adoptaram egual estilo para regalo das concupiscencias ultrajadas pelo tempo; vestem-se de roupas transparentes,

finissimas, quasi tecidas de illusão optica, de tal geito, que nem Eva no Paraizo poderia gabar-se de tão difficultosa simplicidade.

Ora, estou a ler uns versos da Alemanha, após a guerra, e vejo que os seus malsinados symbolismos não passam de verdades cruas, claras e axiomáticas.

Porque dizer mal dos nossos jovens poetas se a doença, ou antes, a saude, é terraquea e universal ?

Aqui está, por exemplo, o poeta Jakob von Hoddis, que descreve em oito versos um tufão nas ruas de Berlim.

Como é elle exacto e admiravel de simplicidade !

O vento redomoinha, levanta-se a poeira. « Da cabeça do burguez vôa o chapéo ».

Dem Burger fliegt vom spitzen
Kopf der Hut . . .

Haverá coisa mais exacta ? Muda-se o tempo, « Quasi toda gente espirra, endefluxada ».

Die meisten Meuschen haben einen Schnupfen.

Eis a escola nova. Registrar o espirro, a catarreira e os chapéos ás bolandas com o vento.

Se Vossa Mercê me permite pensar, acredito que a escola nova consiste apenas em rehabilitar os nomes e as coisas ditas anti-poeticas. Eu bem desconfiava de que as novidades não passam de anachronismos ressuscitados.

Porque se ha de admittir um anti-poetico ? Tudo é poesia ou antes, nós é que a somos.

Já o nosso tão amado Luis Delphino escreveu com admiravel coragem este verso :

Cabellos louros, louros qual manteiga.

Houve mesquinha critica que não percebeu nesse precursor a necessidade de affrontar os preconceitos do vocabulario antiquado das musas. As musas precederam os thesouros vocabulares.

Quanto a mim, agrada-me esse impavido des-
embaraço. Tambem eu, em toda a minha vida de letras, pratico, verso e convérso uma espécie de anti-literatura.

Quando o meu grande amigo Ronald falou de « lua humoristica », comprehendí o alcance da formosa imagem. A lua ri-se. Desde criança conheço dos almanaques a estampa da lua de carão jovial, a commissura dos labios voltada para cima, num riso largo, bom e sereno.

Para mim a « lua humoristica » era uma tradição infantil e genial.

E Ronald é como von Hoddís, da mesma arte em que florescem Mario e Oswaldo de Andrade, Manoel Bandeira, G. de Almeida, Teixeira Soares, Moraes Neto, e outros do nosso modernismo literario.

Em von Hoddís tudo está em ter o denodo do poeta simples, como convém aos nossos dias, tão complicados.

De tal arte nos emmaranhámos, enredados no cipó das coisas, diuturnamente enleados nas lianas das nossas florestas, que a vida inteira não seria cabal para destruir os entraves do caminho.

Já tentei uma vez fazer a « tabula rasa » da mi-

nha pobre literatura. E retomei o rumo da infancia.

Nessa jornada a pospelo, comecei a andar para trás, mas, emfim, chegou o momento em que alcancei a ponte que se quebrou . . . e eis acabada a viagem.

Ha sempre, lá para os dias que se foram, uma ponte quebrada.

Queria eu despir-me de todas as convenções, abolir os canones da vida, e . . . tocar o nú.

Impossivel.

Entretanto, quem creou tamanhas impossibilidades ? Não seremos nós, os verdadeiros culpados, foragidos da innocencia e da simplicidade ?

Estou certo, como diz Vossa Mercê, que a civilização é impotente para complicar o universo. A civilização cria-nos sentidos novos, descobre horizontes maiores, multiplica as coisas conhecidas do mesmo passo que augmenta as que nos são ignoradas. Assim, somos nós mesmos que nos complicamos á força de descobrirmos cada vez mais. E para falar como os pedantes, é o « eu » que cresce, e não o « não eu », perennemente o mesmo.

Essa inversão das complexidades, todavia, em coisa alguma nos aproveita.

Andamos a vêr côres diferentes sem percebermos de vez a unidade da luz branca original e unica.

Não progredimos no sentido verdadeiro, essencial das coisas ; decompomos, dividimos, multiplicamos, fragmentamos e pulverizamos o universo. A sciencia humana consiste nessa curiosidade malsã de reunir estilhaços innumeraveis ; e não sei em que é ella superior á crassa ignorancia.

O remedio a tamanha miseria da alma, talvez, esteja na absoluta renuncia de todas as vaidades do entendimento.

Para que saber ? para que saber tanto, se o segredo se torna cada vez mais numeroso, largo e profundo ?

Na antiguidade a ambição das viagens expirava nas columnas de Hercules ; e hoje nem o padre Oceano nos embarga o passo.

Eis ahi.

O melhor é esperar a extinção de todos esses rumores incommodos e incomprehensíveis. Quando estiverem elles perto do imperceptivel, tudo se confundirá num murmurio e num anhelito final.

É o que me ensinam os versos de um grande poeta, Detlev von Liliencron.

Este Liliencron foi, ha vinte ou trinta annos, o maior poeta da Alemanha. Morreu a tempo, quando lá os cubistas, dadaistas e futuristas começaram a lavrar o campo sagrado.

Deus o tenha na sua gloria !

Liliencron offerece-me num dos seus breves poemas, essa unidade final das coisas barulhentas que passam.

— Está o poeta, todo contemplativo, no seu aposento. Na vidraça zumbe um besouro.

E eis que quebra a esquina uma fanfarra marcial, troante, a estrondear pela rua. As casas trepidam, tudo estremece. Os metaes rouquenhos e as flautas sibilam, retumbam, trilam em tempestade.

Mas a musica passa ; as vozes se adelgaçam. Agora é mais suave, ronronha, chia e amortece.

Um minuto mais e já longe, zanguizarreia apenas um flautim, agudo, tremulo, porfioso.

Zanguizarreia, zanguizarreia . . .

Mais uma volata esmorecida — zig-zag . . .

Zig . . .

Dahi a pouco :

Zi . . . zi . . . zi . . .

É acaso a fanfarra que ouço ou é o zumbido do besouro na vidraça ?

Zi . . . zi . . . zi . . .

Não sei ; mas esse é o circulo vicioso de todas as tempestades.

Deste poeta tiro a lição que se tivermos de esperar pela morte de todos os rumores e estrondos, nada mais igual á complicação do que a simplicidade.

As coisas simples contêm as outras todas e está exactamente nisso a razão de serem difficeis.

Quando leio os poetas que me atormentam o ouvido, abro uma distancia razoavel, deixo que as suas vozes esmoreçam e afinal, sinto, como um residuo agradavel, aquelle zumbido universal e manso que é, afinal, o mesmo das grossas fanfarras, dos pequenos mosquitos e da poesia nova.

Acaso não o sente Vossa Mercê, que é tão philosopho e tão bem conhece a medida de todas as coisas ?

Disse um inglez paradoxal : quando me dão um livro novo, compio um antigo.

Fio que me deferirá o pedido.

Aqui estão os motivos principaes da minha admiração pelos jovens poetas. Toda essa bulha é um ruido suave, amplificado pelas nossas tolas indignações . . .

Afinal, zumbem na vidraça como o besouro de Liliencron e acabam na simplicidade eterna das coisas que passam.

É possível e até desejavel que delles reste um flautim na decomposição desse temporal desfeito.

Essa ultima voz suavizada pelo tempo, não direi qual seja, para não levantar outra fanfarra.

Mas Vossa Mercê, que é anti-americano, inimigo do « jazz » e nem se arreceia de charamelas juvenis, nem do clangor das trompas, vae dizer-me pela volta do correio, quem é o flautim, coroado de louros.

Tenho cá preparado um epigramma laudatorio.

Deus guarde a Vossa Mercê, como a nossa litteratura ha mister por dilatados annos.

Dum velho maço de papeis

Meu caro Treviranus

Que tempo ha (e eu nem quero contar os dias escorridos e tristes) que não recebo cartas tuas em almaço candido com tua letra rija e conselheira, ruim mas ineffavel. Nem tu, meu adorado amigo, avalias a dôr dessa ausencia de philosophia que é a unica cousa que me põe sobre os pés e me edifica. Vê que complicados embaraços e que irregularidades de terreno me impedem de entesar a espinha e tomar uma attitude austera nesses tempos confusos.

Ah ! Simeão o estilita, famelico e doce, podia ao certo fazer um tregeito obscuro e vulgar, de cuecas, agachado sobre o ponteiro ascetico e regenerador ; para espinha linear e tesa tinha o monge por demais a columna. E era um santo ! Mas eu, misero vivente, e rojante pelo solo, humilde e indigno vereador de outras eras, atomo perdido na mas-

sa soberana, se bem que com immerecida saliencia no recesso da minha parochia, ah Treviranus ! eu t'ó declaro, eu t'ó declaro, não sei que cousas fazer, nem que palavras pronunciar diante de ti e destas paredes.

Lembrei-me, ou antes foi a oportunidade quem me lembrou, que é tempo de fazer confissões e começar as penitencias. Quaresma postuma, dirás, mas entretanto quaresma devida e paga ; e nem estranhes essa contricção tardia. E as missas, em centena, engrolhadas « post mortem ? » seria extravagante celebrar missas purificadoras nesta vida e deixar-se para commetter as marotadas na vida de além-tumulo. Não. A verdadeira praxe é o processo invertido dos commendadores ricos. Bandalheira agora, missas, ao depois. Oh ! o processo invertido ! eis, senão me engano, a tua philosophia. Mas, vamos ás minhas confissões. Creio que gira em minhas veias sangue forte de frade. As chronicas da minha familia são obscuras e é difficil illuminal-as á pesquisa ; ficariam, como as orações de Demosthenes, cheirando a azeite. Mas creio que era minha bisavó ou minha quarta avó (afasto isso para bem longe por evitar sagrados escrupulos de penna, ou os meus acanhamentos de Epistola). Concordarás que era minha quinta avó, que recebia um frade. Recebia-o com Deus e sem escandalo, não pelo muro do quintal, o que seria indigno de uma avó tão longinqua e de um frade tão santo, mas pela porta, pela mesma porta por onde entrava o meu quinto avô (entrava é bem certo, mas eu imagino com que difficuldade a transpunhas, ó meu desditoso e firme antepassado !)

Ainda hontem um talho que dei no dedo clareiou-me mais que a abstrusa taboa em letra verde da minha genealogia ; vi o meu sangue esguichar como uma torneira delgada aberta desde o evo medio ; passaram os globulos de villões suados, de guerreiros de Ourique e de Aljubarrota, um pingo de vivandeira abrasada em Alcacerquibir, uma gota de mesario de Elvas e afinal, eil-o que passa o resquicio vermelho de Frei José de Santa Clara (era elle, tão celebrado na conquista espiritual do Paraná mirim), um globulo farto e espumante, creado á parra gallega. Dizer-te que fiquei confuso, seria um acanhamento deshonesto e excessivo na Epistola de um quinto neto ; digo-te, porém, e é a verdade, que fiquei esclarecido e illuminado.

Devo dizer-te mesmo que fiquei contente ; e se José de Santa Clara (tão celebrado na conquista espiritual do Paraná-mirim) não fosse « frei, » agora mesmo, resoluta, sem detença, mettel-o-ia nas minhas taboas para honra e memoria de suas decadentes vergontas.

Quem diria que a minha arvore genealogica se reconstituisse como o animal de Cuvier, bestialmente, pelo esguicho banal dum talho, pela baba da seiva, em processo invertido ! Mas acaso não o era, invertido e sem graça, o methodo do meu quinto avô (Deus o conserve onde os ha) na factura dos seus nobres descendentes ? Nem discutamos cousas algo compromettedoras.

Guarda bem esse segredo, Treviranus, que é o da tua philosophia. Guarda e passa, como disse, ou eu calumnio, o mavioso bardo *** ... homem de muitas letras e *traditore*.

É esse sangue apostolico que me evangeliza nas veias, me catechiza os leucocitos anemicos, me entrega de pés e mãos ás furias sagradas do extasi e ao santo hysterismo dos devotos. Vê tu bem ahi mais uma razão da minha alegria ; um apostolo das selvas, um frade na minha familia — que honra para a estirpe de um cançado e obscuro vereador ! que espelho para a minha parochia !

Pois bem. Desde que eu me senti frade tive o orgulho da minha essencia ; neste caso, quint'essencia, o que é demasiado terrivel. Senti cair-me as calças e o jaleco voar-me rasgado em azas despregando-se pelos braços abertos em indignação ; a terra tremeu toda, o sol afundou-se e o véo do firmamento partiu-se pondo um estrondo de cataclismo no mundo ; e um fragmento daquelle véo, tangido pela chuva de oiro que chovia em vez de sol, veiu descendo bambo, enfunado, aberto e bivalve, enguliu-me e vestiu-me todo . . . e eis-me de habito e burel. Havia pelo ar um cheiro forte de incenso e myrrha, e as minhas palavras saíam da boca unctuosas, banhadas de santo oleo . . .

Vi aos meus pés a multidão piedosa dos fieis e dos crentes a murmurar — Frei João da Silveira ! — e vi o padre Gomes esfalfado e as devotas suaves em turba, Dona Maria tão gorda, Dona Chiquinha Bastos que me promettia para o futuro uma quinta avó discreta, e um rôr de gente em rosario bracejando e apertando-se a beijar a minha tunica monachal e singela.

— Frei João ! Frei João !

Confesso que uma grande gloria me cobriu todo, e eu senti a tenue nuvem da reverencia pairar

phosphorescente em ellipse sobre a minha cabeça sagrada. E entrei em profundas meditações, em graves theologias serenas, absorto, de olhar alto virado para dentro. Que gloria para a minha Parochia agreste e mundana ! eu era Frei João, o amado, o santo.

Depois, porque a santidade mesma não exclue a immundicie, eu almocei ovos estrellados, engraxei os sapatos, dispuz os meus livros de extase e saí. Todas as pessoas me olhavam e me fitavam, paradas ás portas, como a uma besta de climas extravagantes ; mas vi logo que era a humildade, a admiração que as fazia curiosas e commovidas. Dei-lhes um gesto amplo de bençam e passei. Pelas ruas saudavam-me, uns de mãos no peito, outros quebrando os joelhos em compasso, todos abatidos ao peso dos peccados negros e todavia transparentes. Só um garoto esfarripou-me trefego e ligeiro :

— É o vereador Silveira.

Profanação demoniaca. Creio que foi o Bastos, o magricela, sacrilego ; mas talvez não fosse elle o infame ; o Bastos era meu compadre e amigo velho do coração, mas quem sabe ? Bastos sempre fôra um canalha.

Entretanto, o côro mudo de adorações accrescia e eu andava como numa apothese de procissão com um rabicho de fanaticos atrás pelas ruas e logares.

Num momento aggregou-se ao prestito religioso um grupo angelico com cytharas e harpas sagradas, derramando no ar de incenso sonoridades diaphanas, musicas subtis e seraphicas. Falava-se

que Frei João ia dizer a « Missa Nova » e eu preli-
bava a delicia da minha inauguração apostolica
numa igreja fechada em crepusculo com toalhas
alvas nos altares de ouro, empunhando a hostia
lunar e branca. « Sursum corda. »

E sentia-me todo regenerado. Remontava ago-
ra a minha genealogia, e cousa singular ! frade ago-
ra, eu não podia supportar que o meu quinto avô
fosse Frei de Santa Clara ; obsceno ! não ! o meu
quinto avô era de certo um José, mas o José da
Silveira de Elvas, varão forte e inquisidor. Era
dahi que eu vinha, fructo delicioso posto agora,
sobre toalha de renda, na ara sacrosanta.

E entrei pela igreja a dentro, com a multidão
rabeiando atrás, e o côro seraphico das harpas e
cytharas na frente. Lá no alto e no throno, o Deus
de Israel. Vingador e Barbilongo, que vinha de
vencer com seus exercitos a legião dos diabos saí-
dos da profundeza do mar oceano para afflicção
do universo e com os quaes eu me tinha mancom-
munado.

De repente a terra tremeu de novo e o véo do
firmamento rasgou-se. O meu burel tripartiu-se
em terno de roupa da Aguia de Ouro. A igreja
transformou-se num palacete profano, e o Deus
de Israel vingativo transmudou-se num soldado
modesto e sem colera.

Vozes banaes gritavam :

— Viva o vereador Silveira !

E eu que me tinha mancommunado com a le-
gião dos diabos vencidos, recompuz meu sorriso e

minha pobre avó tão util e calumniada, e comecei:

— Marechal

Mas a banda de musica allemã (pois era ella) a orchestra de seraphins) cobriu-me a voz e abafou-me as palavras.

.

Teu amigo — *Silveira*.

1894 anno da revolução.

Sete annos de pastor . . .

Meu caro amigo, você, como eu, tem cuidadoso interesse pela historia comparada das literaturas e, muito mais do que eu, tem colhido fructos preciosos nesta seara.

Quero, pois, communicar-lhe uma pequenina *trouvaille*, que não é minha, mas aproveita a um caso curioso de nossas letras e applica-se ao texto do mais bello soneto da lingua e poesia portugueza.

Dahi, o interesse que empresto á sua divulgação.

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella,
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia

Os dias na esperanza de um só dia
Passava contentando-se com vêl-a . . .

São sabidas as variantes desta joia. E apontada é a problematica fonte de inspiração, em versos inteiramente inferiores :

gran padre schernito
Che non si pente e d'aver non gl'incresce
sette e sett'anni per Rachel servito.,

palavras de Petrarca, as quaes nem de longe podem comparar-se á obra prima de Camões, mórmente pelo fecho :

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo : mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida !

Este lindissimo terceto nada deve á fonte petrarqueana, algo, porém, ao Genesis : *videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine* — pareceram-lhe poucos os dias quando comparados á grandeza de seu amor.

Carolina Michaëlis, cuja erudição assombrosa é de todos nós reconhecida e admirada, já por varias vezes tratou do soneto do poeta maximo. Escusado se torna acceder que tudo revolveu e discutiu, e della é, além de outras, a indicação de Petrarca, que acima citei ; as innumeradas variantes, falsas attribuições, parodias, glossas e imitações, castelhanas e portuguezas, não escaparam á critica da eminente romanista.

Entretanto, uma observação passou-lhe despercebida. O conteudo da peça famosa arrima-se num erro de interpretação do texto biblico. O erro pa-

rece já arraigado em todas as literaturas, e devido apenas a uma equivocação literal.

Os poetas, como toda a gente, supõem que Jacob servira sete annos e que lhe deram Lia, e que serviu mais sete annos, e só então obteve Rachel.

Sette e sett'anni per Rachel,

diz o italiano. E, por seu turno, o portuguez também o diz :

Começou a servir *outros sete annos*,
Dizendo: mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida!

Dest'arte, é evidente dos textos poeticos que Rachel só foi obtida após *quatorze annos*, e assim se explica a allusão á *curta vida* para tão desmedido prazo.

Ora, o texto do Genesis diz cousa differente. Vamos analysal-o pouco a pouco, accentuando em commentarios os passos mais pertinentes á amorosa constancia do patriarcha.

Servivit ergò Jacob pro Rachel *septem annis*: et videbantur illi pauci dies p̄ce amoris magnitudine.

Jacob serviu, por causa de Rachel, por *sete annos* e estes lhe pareciam poucos dias pela grandeza de seu amor por ella.

Está aqui evidente o numero de annos que Jacob serviu a Labão para obter a mão de Rachel (*pro Rachel*). Ao cabo deste tempo Jacob reclama a esposa promettida. E, então, ordenou Labão as

bodas, e á noite introduziu furtivamente Lia na camara de Jacob. Este, sentindo-se ludibirado,

V. 25. Dixit ad socerum suum : quid est quod facere voluisti ? non né pro Rachel servivi tibi ? quare imposuisti mihi ?

Disse a seu sogro : que é isto que me quizeste fazer ? Acaso, eu não te servi por amor de Rachel ? porque me enganaste ?

Labão explica o propositado engano : não era costume (V. 26), diz elle, casar primeiramente as filhas mais moças ; e Lia era a mais velha, devia ser a primeira.

E Labão disse mais a Jacob que, si este viesse em *servir outros sete annos*, teria a posse desejada de Rachel.

Aqui é que bate o ponto. O erro commum consiste na affirmativa de que a posse de Rachel se realizou outros *sete annos* depois, o que fez o nosso poeta lamentar a brevidade da vida para tão longo amor, e suggeriu a Petrarca a formula expressiva :

sette e sett'anni.

Mas, o texto do Genesis declara que as bodas de Lia se consummaram, e que *sete dias depois* Jacob convolava a novas nupcias com Rachel, mediante o só compromisso de servir mais sete annos a Labão.

Não foi, pois, necessario que se esgotasse o prazo dos longos quatorze annos, mas apenas o de uma semana :

V. 27. Imple *hebdomadam dierum* hujus copulæ : et hanc quoque dabo tibi pro opere quo *serviturus es mihi septem annis aliis.*

Acaba a *semana* de bodas com esta : e depois dar-te-ei aquella (Rachel) pelo trabalho de que ainda *me has de servir por mais sete annos.*

E ainda mais explicitamente se conta no versiculo seguinte :

Aquievit placito : *et hebdomada transacta*, Rachel duxit uxorem.

Jacob concordou com o ajuste, e *passada uma semana* desposou Rachel.

Em resumo, Jacob esperou apenas sete annos e sete dias.

Donde vem, pois, o erro, que parece já arraigado em todas as literaturas ? Talvez de que nos textos hebreus *hebdomada* tambem se entendia um septennato ou uma semana de annos, como por exemplo na *setenta semanas* da predicção de Daniel ($70 \times 7 = 490$) sobre a vinda do Messias. A palavra grega *hebdomas* adoptada pelos gregos e pelos medicos e technicos latinos sempre figura nos textos sagrados desde a versão dos *Setenta*.

Mas no texto do Genesis a interpretação, que ahí se declara tratar de uma semana de dias (*hebdomada dierum* do versiculo 27), exclue outra exegése mais latitudinaria. E que razão temos para admittir um sentido figurado ? Como poderíamos mudar uma *semana de dias*, textualmente, em sete annos ?

Encontrei a refutação deste pequeno erro, que tambem corre em lingua francêsa, num curioso li-

vro, ERREURS SCOLAIRES, do mathematico Tarnier.

Abençoado deslize que gerou um dos mais estimados primores da literatura !

E como se respondia, andando, áquelles pyrrhonicos que negavam o movimento ; bem podemos responder a todas as sabias exegéses, só com repetir as palavras immortaes :

Sete annos de pastor Jacob servia
 Labão, pae de Rachel, serrana bella :
 Mas não servia ao pae, servia a ella,
 Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
 Passava, contentando-se com vê-la,
 Porém, o pae, usando de cautela,
 Em lugar de Rachel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso
 Lhe era negada assim sua pastora
 Como se a não tivera merecida,

Começou a servir outros sete annos,
 Dizendo : mais servira se não fôra
 Para tão longo amor tão curta a vida !

Nem todos aceitam essa exegése que devia agradecer a Jacob, devorado e exaustado de tanto amar pelo metro biblico de sete e setenta.

Não sei si Você achará algum merito nas linhas que escrevi ; apenas aproveitei uma correcção applicando-a a uma das mais formosas producções da lyrica portuguesa, mas com o desconsolo arido de que nada valem erros diante da emoção d'arte, eternamente superior á sciencia humana.

Ácerca dos inimigos literarios

Meu suave inimigo !

Certa vez, em horas desoccupadas, pensei em escrever ácerca dos inimigos considerados na litteratura.

A falar verdade, o assumpto fugia-me debaixo da penna, e convenci-me de que realmente os inimigos literarios são criações metaphysicas.

Não acredito muito nesses espectros.

Concedo que existam e que sejam mais visiveis que as almas do outro mundo. Mas são sempre evanescentes e fugazes, e, como succede ás almas penadas, não se sabe perfeitamente bem, se são ellas, se somos nós que temos medo uns dos outros ou se são alguns velhacos apostados em nos fazer mau sangue.

Comtudo, para meu uso, e dada a minha longa experiencia, intentei, naquella occasião, estabele-

cer um quadro ou diagramma dos inimigos literarios.

Procedi como se fôra eu um entomologo paciente. Colhi-os no ar, espetei-os em alfinetes sobre cartão, e pude verificar que eram numerosos mais do que suppunha.

Para mim não passavam de celeres borboletas vistosas e innocuas. Digo borboletas, porque essa comparação deve de ser agradável, quasi poetica e adequada a esses animalculos vaidosos.

No fim das contas, que vem a ser um inimigo literario? É um homem que gostando das letras, não gosta das nossas letras. É o seu legitimo direito: e não sei como seja possivel contestal-o.

Por que haviam de ser nossos amigos? Só as bestas é que nos contestam, mas são criaturas de Deus.

Demais, a vida literaria é apenas um aspecto da mesma vida. E onde ha vida, ha luta contínua, ardua e difficil.

Prolongando a minha singular mania, tentei uma classificação systematica dos inimigos. Puz-lhes ao pé os rotulos de genero e especie, e ajuntei os signaes symbolicos de Marte e Venus, pois que dessas «petites bêtes» o numero de machos é pequeno e as femeas são numerosas.

Desde logo percebi que sendo pouco aggressivos e innocuos, não valia a pena registral-os com tamanho apparatus. E as causas de erro, como del-

las me havia de defender ? Quem sabe se ali não estavam muitos dos meus amigos do peito ?

Resolvi, pois, dar por finda aquella mania.

Comtudo, ainda me lembram alguns especimens curiosos daquelle collecção inutil.

Havia, por exemplo, o « inimigo impaciente ».

O meu inimigo impaciente costumava acompanhar-me com assiduidade. Louvava as minhas intenções, fazia o elogio da minha sinceridade.

Eis senão quando, um dia, mudou completamente por qualquer causa occulta ou obscura. Passou a maltratar-me com a mesma assiduidade de outro tempo.

Lia, commentava, divergia. De vez em quando falava-me silenciosamente :

— Ora ahi está o homem com a sua injeccão do costume . . .

Aborrecia-me evidentemente : ia, vinha, batia as azas, e dias depois em novo encontro :

— Ainda outra vez, exclamava. É insupportavel esse sujeito !

Ao cabo de algum tempo o meu inimigo impaciente estava esgotado. A minha presença, toda involuntaria, dava-lhe na asthenia dos nervos.

Não podia mais conter-se :

— É demais ! Já agora é preciso escachar este palerma.

Dito e feito. O inimigo impaciente e tambem escriptor nas horas vagas, desde logo rabisca uma

carta anonyma com algumas lérias ou expreme um artigo de sustancia que leva ás folhas e arma uma polemica.

— Matei-o por uma vez ! diz triumphante.

Mas, a victima levanta-se, cura os arranhões e volta á saude com maior appetite.

A carnificina do « inimigo impaciente » não chega ao obituario.

Esse inimigo é familiar a todos os jornalistas commensal e parasito da vida literaria.

Outro inimigo, todo azul, da minha collecção, é o poeta. É o inimigo — « Sua Alteza ».

Sua Alteza é sempre um genio « par droit de naissance ».

Uma negligencia qualquer do protocollo, qualquer omissão nos « salamaleques » que se lhe devem, é uma offensa mortal. Como crianças divinas, choram, desesperam e praticam feios desatinos.

Depois, com a mesma volubildade, dão para rir, e espalham epigrammas e picuinhas pelas folhas.

Vingam-se com espirito.

Suas Altezas, afinal, são magnanimas. Se a fatalidade os empurra para o throno, logo esquecem, como aquelle famoso principe, as offensas recebidas e condescendem generosamente em reconciliar-se com os seus subditos.

Graças a Deus !

Lembra-me ainda o inimigo verde e branco, o « inimigo admirador ».

É o mais jovial de todos elles ; tem sempre um sorriso protector e satisfeito.

— Li os teus bellos versos . . .

— Mas, eu não sou poeta . . .

— Sei bem. Mas és o poeta da prosa . . .

Nunca é possível pegal-o em falso.

Será realmente um inimigo ? É antes um amigo por antecipação.

Ai de nós, se elle nos lesse ! Decididamente, o entomologo commetteu um erro grave de classificação. Este inimigo é o « Deus ex machina » dos destinos literarios.

Se os literatos fossem lidos, como se haviam de compor as academias ?

Outra especie ainda recordo vagamente, perdeu as côres, deteriorada pelo tempo.

Chamei-lhe o « inimigo feudal », pelo odio entranhavel que um delles me tinha.

Era um odio de familia que passava duma a outra geração.

Reuniam-se todos, mãe, pae, avô e filhos :

— Vamos saborear as parlapatices do idiota . . .

E em cachinadas de riso zurziam despiadosamente as asnidades da victima.

Essa especie tende a fossilizar-se e está quasi extincta.

Faz-me, porém, algumas saudades . . .

Para não alongar esse catalogo, deixo de mencionar alguns inimigos mais futeis, o inimigo ami-

go, o inimigo-decrepito, o inimigo-grammatical, o inimigo capitalista, o inimigo academico e quejandos outros.

E sempre me assalta essa reflexão, de que na realidade esses são os nossos melhores amigos e os nossos « animadores ». Quasi tudo o que somos a elles o devemos.

Se de alguma coisa eu necessitasse para confirmar a minha decadencia, a prova estaria na falta que sinto dos inimigos que outr'ora me cercavam.

Esses espectros leaes já me abandonaram. A solidão triste da velhice é bem mais amarga que a companhia dessas almas do outro mundo.

Ellas tinham, pelo menos, a virtude de chamá-las algumas superstições.

E aquelle que deixou de ser supersticioso já deixou para trás a innocencia e a mais bella porção da vida.

Meu amigo e senhor ! Feche esta pagina de desenganos !

Ácerca da questão orthographica

Meu grande mestre !

Se neste momento de paz grammatical se reacendesse o facho da discordia entre os combatentes da velha e da nova orthographia, eu certamente desertara o campo da peleja tão ingrata e tantas vezes combatida sem proveito.

Estou já rouco de dizer e repetir que a repugnancia ou indiferença do Brasil pela neographia portugueza é para esta a morte certa. O cadaver ainda está exposto ás encommendações de defuntos e a outras cerimonias funebres ; a verificação de obito, porém, é já desnecessaria.

A reforma portugueza principiou mal. Foi feita sem a nossa audiencia, como se os trinta milhões de brasileiros fossem analphabetos, ignorantes ou

em qualquer caso « *quantité-négligeable* ». Não foi uma obra literaria como cumpria ser, não foi sequer a obra de philologos, quero dizer, de estudiosos dos textos literarios e historicos da lingua (e isso podia ser) : foi apenas um trabalho de linguistas, estritamente glottologos bem informados das leis phoneticas e da lingua antiga, mas antipathicos ao que elles chamam o artificio do renascimento e da Arcadia, ao latinismo culto, e aos influxos internacionaes, principalmente francêses, em summa, infensos á evolução moderna da linguagem.

Essa phase culta é sempre tida como um *nonsense* pelos glottologos.

Foi assim que os reformistas acharam que as imagens visuaes das palavras estavam erradas, não tinham importancia e que tudo se havia de aferir e conferir pelo ouvido.

O portuguez passou, pois, sob esses desgraçados auspicios, a ser transcripto como as linguagens alphabeticas dos povos barbaros e selvagens. Deviamos voltar á lingua de quatrocentos. O Brasil escapava a essa chronologia. Eu bem sei que os reformistas negam o excesso e declaram sinceramente que não são phoneticos ou phonetistas. Adoptam um certo meio termo de que elles proprios se fizeram arbitros.

O grande modelo da reforma é a graphia espanhola. Essa espanholização que o patriotismo portuguez impediu e subverteu entre os seculos da ominosa occupação castelhana, de 1581 a 1640, adquiriu inesperada consagração official.

No Brasil, a neographia portugueza nova e ao mesmo tempo pre-historica, não conseguiu generalizar-se. Foi recebida com desconfiança, e essa prudente desconformidade cada vez mais se define em absoluta repulsão.

É certo que alguns homens de autoridade, professores ou especialistas de questões grammaticaes, amigos do vernaculismo ou o que é quasi sempre o mesmo inimigos de todos os influxos internacionaes, da civilização, se contentam com esse exotismo proximo e quasi domestico do espanholismo convencional da nova reforma.

E depois, isso é um novo pasto para ineditas diabruras.

Estes mestres, porém, com quanto respeitaveis, não são propriamente escriptores, e quando alguns o sejam, exercem num raio muito limitado o seu tranquillo proselytismo. E, feitas as contas, não chegam a meia duzia estes apóstolos que morrem martyres do silencio.

Toda a imprensa, toda a literatura, todas as manifestações escriptas da lingua no Brasil conservam a orthographia tradicional do seculo XIX, de Garrett, Herculano, Castilho, Gonçalves Dias, Alencar e Machado de Assis e de toda geração nova.

A razão é simples. Os nossos letrados instruem-se nos livros francezes, em menor gráo nos inglezes ou alemães que ainda não descobriram nem adoptaram aquella reforma scientifica e anticlassica.

Por sua vez, os livreiros deste lado incumbem-se de reprimir o commercio de livros lusitanos, dando ao escudo, que vale quatrocentos réis, o valor de

dois e tres mil, mais ou menos. São, pois, tradicionalistas de outra especie.

O facto é que a neographia pode considerar-se extincta nesta margem do Atlantico.

Essas reflexões, talvez extemporaneas, voltaram ao meu espirito ao ler numa folha as palavras do heróe ousado e sympathico, cujo nome, como o do seu companheiro, se tornou explosivamente popular em todo o Brasil.

Sacadura Cabral, falando ao — *Diario de Noticias* — de Lisboa, confessa a estranheza que lhe causou a discrepancia (que não promovemos) entre as duas graphias da lingua commum, cousa que só poderá persistir com grave damno para os interesses da civilização portugueza. Diante da nossa irreductibilidade ou antes da nossa indifferença, acha que é tempo ainda de restabelecer a unidade da lingua escripta, agora exposta a uma desintelligencia perigosa e com nenhum proveito.

Como essa, ha numerosas opiniões entre portuguezes, todas concordantes. Os proprios neographos de maior responsabilidade não são infensos a qualquer revisão da reforma com a collaboração imprescindivel do Brasil.

A orthographia seguida entre nós é a que se tem chamado *usual* ou *mixta*. A definição pouco importa.

É a graphia, cá e lá, anterior ao decreto portuguez. É tão etymologica como a franceza, ingleza ou alemã nas palavras latinas e gregas do vocabulario moderno e post-medieval.

Esse modo de escrever, iniciado na idade classica, resultou progressivamente da propria educação popular em tres seculos de actividade.

Ao cabo de tão longo periodo, achamos uma escripta razoavel e culta sem transcripções hyper-etymologicas nem hyper-phoneticas. O numero real de erros e duvidas em tão opulento lexico, constitue uma parte insignificante que sempre serviu para distracção de grammatiqueiros frivolos e blasonadores eximios de sua profunda sciencia.

Nunca pessoa alguma se oppoz a correções uteis e necessarias ; e assim como em outro tempo se fizeram varias emendas *um* e (*hum*), *até* e (*athé*), hoje com egual espirito se adoptaram outras, razoavelmente discretas (*pessego* e *pecego*).

Não ha, pois, o *parti-pris* de recusar os ensinamentos uteis e fundamentados, como não ha a leviandade criminosa de aceitar sem exame, como « ultima palavra da sciencia », meras convenções de grammaticos e grottologos, ensimesmados em suas locubrações claustraes.

Eis, meu grande mestre, o meu depoimento que é apenas o de um curioso dessas coisas.

No meu entender, ha uma gravitação insopitavel dos grandes centros de força espirital: a França, a Inglaterra e a Alemanha.

O resto não passa de satellites e asteroides que perderiam o governo de si proprios se quizessem

suicidar-se pela independencia que não podem alcançar.

A neographia portugueza é um romance de Julio Verne gracioso, antecipador . . . mas é um romance.

Não lhe parece ?

Ácerca de S. Pedro

Sei que Vossa Mercê esteve o dia todo a festejar o santo chaveiro do céo, que é da sua antiga devoção.

Pudesse eu, que não sou contumaz nem blasphemo, acompanhar-o nessa adoração perpetua ! A minha idolatria vê o grande santo a outra luz, ao fulgor mortiço das fogueiras populares.

É o povo o meu bollandista.

E o povo, algo irreverente na sua religião incondicional, não tem São Pedro em grande conta. Porque, afinal, foi elle o que negou a Christo.

Alguma coisa ha de demoniaco nas negações ; e a crer no gallo dos Evangelhos (onde as proprias aves merecem credito) Pedro negou tres vezes, sendo mais advertido do que Manlio dos seus gansos capitolinos e profanos.

Eis por que offereço ao hagiologio de Vossa Mercê algumas notas marginaes do « folk-lore ».

Bem quizera eu que fossem illuminuras de azul e ouro.

Eil-as, como as colhi entre os camponios da minha terra, que são todos devotos como Vossa Mercê.

Iam Jesus e S. Pedro, certo dia, por um distante caminho, quando avistaram ao longe um bandido soez e barbudo que apertava aos peitos uma innocente e formosa donzella.

— Vae, Pedro (disse Jesus) e castiga aquella affronta.

Saiu S. Pedro, quanto dava a pressa e a indignação, e alcançando o malfeitor, que devorava de beijos a casta e linda criatura, logo puxou da espada e com um desses golpes carolingios e formidaveis, canhestramente (e mais do que queria) decepou de um golpe as duas cabeças unidas.

Voltou humilhado e triste para junto de Jesus, lamentando o erro e o excesso.

— Torna de novo ao logar, disse o Senhor, porque está escripto que o que ligares na terra está ligado no céo. Vae e recompõe tudo.

Voou S. Pedro a reparar a injustiça, mas, como a alegria perturba tanto ou mais que a afflicção, repoz as cabeças nos dois corpos, trocando-as desastradamente.

Por isso é que tanta formosura traz a cabecinha tonta de um demonio.

Vê-se dahi que S. Pedro, na historia da criação, é um transformista insigne.

Confirma-o ess'outro caso que delle se conta, no momento da criação do homem.

Quando Deus afeiçoava o homem com um pouco do limo terrestre, S. Pedro, ás occultas, inhabilmente, plasmava tambem com a argila um sêr he-diondo e contrafeito.

E, á imitação do Senhor, acabada a obra, Pedro achou que estava bem feita, e soprou. Mas não vi-nham os espiritos áquella carcassa disforme.

O Padre Eterno, amigo, condescendeu em soprar, e logo saíu aquella disformidade a agitar-se.

— Bem ! disse o Senhor. Esta fica para macaco.

Eis como S. Pedro foi o primeiro precursor de Darwin.

S. Pedro, enfim, era um homem (se é licito chamar de homem a um tão grande santo) e era homem de espirito.

Uma vez no céo, alguns espanhoes que ali havia, como de costume, faziam grande algazarra de vozes.

O Padre Eterno chamou o porteiro do céo e fez-lhe vêr a inconveniencia de tantos espanhoes ali reunidos a vozearem em tamanha serrazina.

S. Pedro esteve a meditar um bocado e logo achou o remedio.

Entre-abriu a porta celeste, saíu fóra, e começou a gritar com todos os pulmões :

— *A los toros ! a los toros !*

Os espanhoes em massa ruíram para fóra do céo, gritando :

— *Santiago ! adonde ? adonde ?*

S. Pedro aproveitou a confusão, reentrou e, precipite, fechou a porta do céo.

Creio que Vossa Mercê não levará a mal essas interpolações democraticas e populares no hagiologio do excelso chaveiro da bemaventurança.

Eu não sou um bollandista, já disse, mas acho que á legenda aurea dos santos se podem ajuntar algumas heresias frivolas para accrescentar o fulgor da santidade e consolidar o triumpho eterno da Fé.

Para concluir, tenho outro caso muito vulgar aqui e em S. Paulo, no anecdotario da medicina.

Vossa Mercê naturalmente não o ignora. Mas, sempre o repetirei para edificação de algumas almas timidas, como argumento decisivo a favor da homeopathia e de outras aguas potaveis.

Foi o caso que S. Pedro, abrindo as portas do céo a um desconhecido, inquiriu suavemente :

— Quem é o amigo ?

— *Io sono Giovanni Benedetti, italiano di San Paulo !*

— *Bene !* disse S. Pedro, que nas occasiões precisas sabe temperar um pouco as linguas sublunares.

S. Pedro folheou os registros diarios dos mortos e não achou o nome do sujeito. Nada ! Seria engano ?

Um pouco ao longe, S. Cosme e S. Damião, technicos celestes da medicina, sorriam maliciosamente.

— De que é que vocês riem ? disse S. Pedro com um leve enfado.

Então, um daquelles dois santos aproximou-se e falou ao chaveiro :

— Pergunte a esse italiano quem foi o medico que o curou.

Assim se fez.

O italiano explicou-se ; o seu medico era o doutor Silva Bastos, romancista notavel, amigo da pobreza . . .

— Basta ! exclamou S. Pedro. Esse doutor Bastos atrapalha-me toda a escripturação celeste. O senhor Benedetti devia morrer daqui a vinte annos. Mas, não é o primeiro ; póde entrar. *Avanti !*

Muito poderia eu contar a Vossa Mercê a respeito da vida, feitos e familia sagrada de S. Pedro.

As historias do mundo andam cheias.

Receio, porém, as coleras celestes, que das terrenas já ando farto. E, quem sabe ? talvez tenha um dia de bater ás portas do céo, se essa terra em que vivo me bastar para purgação dos meus peccados.

Estou que S. Pedro é meu amigo, e se não, conselhos e expedientes não me faltam.

Na minha terra natal havia um certo João fogueteiro, afamado pelos seus rojões, maravilhosos e por suas mentiras.

Era casado com a Tereza, companheira de arte pyrotechnica e de quem houvera um filho apadriñado na pia por S. Pedro.

O João fogueteiro lançou uma vez um foguete de tal estrondo que levou quinze dias a subir pelo céo acima.

— E, (contava elle aos circumstantes) ao cabo de um mez, caíu o foguete á minha porta com este bilhete :

« Compadre João. Não faça mais destes foguetes que me estão arrombando o céo. Seu compadre, S. Pedro. »

— Não é verdade, Têê ?

— Pois não é ! dizia Tereza. « Seu » João não mente !

Mentira ou verdade, não o sei, nem Vossa Mercê é capaz de recusar esse mysterio de dois compadres.

Dessa historia, guardo um sentido aproveitavel e é que se, na hora extrema, me pesarem muito os peccados, amarrar-me-ei a um desses foguetes providenciaes.

Lá chegarei.

Deus prospere a Vossa Mercê para o serviço desta republica que, toda ella, sem a invocação dos santos, merece bemaventurança e foguetes.

Salte por mim a fogueira, se ainda é tempo. Viva S. Pedro !

Ácerca do inimigo hereditario

Meu suave inimigo,

Descobri que eras, por dom de estirpe, inimigo meu, quatro gerações acima da nossa.

Conspiremos contra essa prosapia odiosa e, a não vencermos, suicidemos-nos por amor da ordem universal, esmagando a semente damninha de tão longa discordia.

Eu disse que escrevias bem, com alguns solecismos.

Entendeste e levaste a mal essa minha ingenua advertencia. O solecismo é a independencia do espirito architector. *Ce sont deux ou trois vices qui font un homme vertueux.*

O Brasil, que é um Portugal amplificado e rarefeito, é a patria e o lugar geometrico de todos os praxistas. Escuta.

Para o homem de letras o grammatico é o inimigo hereditario.

Thema excellente e inesgotavel do epigramma

e da satira, o grammatico, por sua esterilidade professional, difficilmente alcança a rehabilitação a que talvez terá algum direito.

É o typo da impertinencia, da caturrice, do finca-pé, sempre de irremediavel atrazo.

Haveria talvez oportunidade de examinar com serena imparcialidade este caso que não é outro senão — « *The case against grammar.* »

Esse sentimento universal foi bem definido ainda não ha muitos meses por Robert Utter que sendo um humorista e ao mesmo tempo um professor, acha que aquella incompreensão resulta da enorme variedade de grammaticos tão grande como a variedade dos letrados.

O mestre A aconselha certo uso porque este data de quinhentos annos. O mestre B aconselha o uso actual e diverso como preferivel pois não falamos linguas mortas, mas vivas.

A sciencia grammatical consiste num circulo vicioso, assim formulado pelo professor H. Peck, em perguntas e respostas :

P. — Pode o verbo passivo admittir um objecto ?

R. — Sem duvida. Toda gente assim usa fazel-o.

P. — Qual é a razão em que se funda toda gente para isso ?

R. — A unica razão é que o verbo passivo pode admittir um objecto.

Eis ahi uma amostra luminosa dos methodos grammaticaes.

A razão está com o humorista.

Não percebes que todos mandam, ninguem obedece e vae tudo muito bem ?

Querem marchar quando o caso é de rodopiar segundo o exemplo rotatorio do planeta.

A grammatica usual é uma serie de circulos viciosos, uma tautologia infinita.

Com os dictionarios acontece a mesma coisa. Muitos vão ao dictionario para saber o que não sabem, outros lá vão para saber o que ninguem sabe.

Não sabemos qual é a mais razoavel das duas especies de ignorancia.

Os letrados fazem grammatica ás escondidas, por contrabando e pilhagem. É um banditismo em que já te tenho surprehendido, meu velhaco.

É, portanto, um pouco injusta a parcialidade com que habitualmente fazes burla dos grammaticos.

O humorista americano pensa que se deve estender a critica aos proprios letrados. Vê lá que tens algo para o teu tabaco.

É principalmente notavel a variedade que entre elles ha, reduzida pelo humorista a tres classes.

A primeira, a mais radical, é a dos bolcheviks. Estes querem plenas liberdades e franquias, não precisam de muletas para andar e representam o typo popular do — *cat-that-walks-by himself*. Para que a grammatica ?

A segunda classe é a dos democratas : guiam-se pelo voto da maioria. O que mais se repete é seguramente o melhor e o mais conforme á soberania popular.

A ultima classe é a dos legitimistas aristocratas, partidarios da autoridade.

Essas classes engalfinham-se entre si, e, como todas são unanimes contra os grammaticos o tumulto é indescriptivel e infinito.

Como sempre succede, ha um grão de verdade em cada partido, e certamente foi uma divindade diabolica que dividiu entre elles o bem que devia ser indivisivel.

Como, pois, queres tu conciliar tamanhas divergencias ?

E valeria a pena concilial-as ?

Todos trabalham sobre o mesmo material, os que se exercitam na lingua de quinhentos annos atrás fazem autopsia, os que trabalham na lingua viva fazem viviseccão.

Longe ou perto, uns e outros procuram o segredo da vida ; mas quasi todos morrem antes da missa do setimo dia.

Crês acaso que durarás mesmo morto, uma semana ?

Ha trezentos mil annos no seio da floresta virgem um anthropoide achou certo grunhido para dizer — *paz!* e outro grunhido mais aspero para dizer — *guerra!*

Estava feita a grammatica, o dictionario primo, semente de discordias infinitas.

Mas ha gargantas femeas e machas e ha as que se endefluxam.

Dahi surgiram as primeiras dissensões phoneticas que vieram culminar na torre de Babel.

O systema de grunhidos barbaros não era, cer-

tamente, adequado a qualquer uniformidade. No chaos linguistico em que vivemos é difficil descobrir os macacos responsaveis pelas differenciações ; provavelmente eram todos bolcheviks e libertarios, e não ha nada melhor para dividir homens ou macacos que o bolchevismo.

Depois de milhares de seculos entramos a viver num regimen conservador, mas ainda tempestuoso.

O professor Bain que escreveu uma *High Grammar*, diz logo em começo : « A grammatica é uma sciencia ou não é nada ».

A sciencia não pode condemnar factos, quaesquer que sejam. Logo, pôr aquelle dilemma a grammatica não é coisa alguma.

Os dilemmas são insoluveis.

Que vivam, cão e gato, o grammatico e o homem de letras, como bons inimigos hereditarios.

Dou-te a mão e o dedo mindinho ; não m'o apertes com tanta vehemencia, entre rindo e chorando. Está o valle de lagrimas tão cheio que podemos nelle disputar um *water-polo*.

Bem dizia o etymologista que agua vem de *aqua*, porque *a qua* (*vivimus*).

Vae-te, inimigo leal !

Ácerca da brevíloquencia

Senhor meu !

Tenho lido nos livros impressos e ainda mais no livro da vida, que o Brasil é a terra dos oradores.

Toda a gente, neste fecundo torrão, nasce com terribilissimas comichões na garganta. A qualquer pretexto, em qualquer companhia, onde ha ouvidos a explorar ou a entupir, levanta-se um sujeito qualquer e grita :

— Meus senhores !

É o discurso. Em geral, o orador começa dizendo que não podia deixar de falar nesse momento. Não podia, por que ? Ninguem percebe essa coacção intima que elle proprio imagina. Esses oradores são todos, pois, impulsivos.

Conviria dar remedio, quanto se pudesse, a tão abominavel hysterismo. A molestia, porém, é incuravel.

Os proprios Galenos que poderiam prestar esse

serviço, uma vez ou outra, contraem facilmente a bacharellice que, transformada em mèzinha, adquire a virulencia de venenos mortaes.

Os Ciceros, os Vieiras, os Ruy Barbosas deviam ser exemplos de abstenção para os impotentes maniacos de megalomania verbal.

Nada justifica essa vulgarização criminosa, de falar mal e seja como fôr.

Quando os nossos oradores pedem attenção, entendemos que pedem piedade, pois que é obra de misericordia social ouvi-los.

Falam mal, em regra, porque dizem coisas inuteis, tolas e dispensaveis; são por vezes duros como as mais preciosas essencias das nossas florestas, o pau-ferro, o quebracho ou o jacarandá.

Os que escrevem, pelo menos, não obrigam á leitura forçada, mas, os que falam, abotoam-nos e impedem-nos as retiradas estrategicas.

Ha chuva, ha calor ? pouco importa. O verbo alimpa a atmosphaera e refrigera as almas sequiosas de eloquencia e caroço, de soluços, reptos e gemidos . . .

Ha pressa ? ha falta de tempo ? ha negocios graves ? nunca ; não ha maior negocio que o da palavra divina e o tempo melhor é o que se emprega nessa illusão tonitroante e feliz . . .

A nossa oratoria nacional tem inflexões guardadas pela tradição zelosa dos mestres. As frases

podem ser postas em musica ; as notas distribuem-se em graves e agudas, em compasso variavel entre o adagio e o cantabile. Não sabemos donde vieram essas formulas, mas existem . . .

A oratoria é, pois, essencialmente musical, e na quasi totalidade, entre nós, rivaliza com a banda alemã, com a só differença que a banda funciona em campo raso, o que permite dar ás gambias, ao primeiro temperar das guélas sonoras.

Se esse nosso costume de falar não tiver um termo, acabaremos numa balburdia infinita. O côro substituirá o solo, e talvez seja esse o remedio e o juízo final da rhetorica.

Foi talvez pensando nessa calamidade cosmopolita, que Moszkowski introduziu um pequeno capitulo no seu recente e já famoso livro de aventuras — *As ilhas da sabedoria* (Die Inseln der Weisheit).

Moszkowski morreu o anno passado, e foi aquelle o seu ultimo livro, que é uma satira exquisitamente jovial dos nossos tempos.

Elle podia dizer : — Tenho dito ! mas não teve tempo.

O romance de aventuras é o descobrimento por alguns *touristes* de um novo archipelago no oceano Pacifico, as — *Ilhas da Sabedoria* — até agora desconhecidas de geographos e viajantes.

As — *Ilhas da Sabedoria* — inteiramente informadas da nossa civilização antiga e moderna, realizam todas as utopias do passado e do presente e algo do futuro.

Cada ilha tem a sua organização e physionomia propria : a primeira dellas é a ilha Baleuto, onde tudo se faz segundo a constituição classica da republica de Platão. É a ilha platonica.

Dessa republica, é sabido, estão banidos os poetas, segundo o conselho do philosopho grego : mas é permittida a leitura de alguns delles, apenas nas escolas e como textos grammaticaes.

Velejando para o norte, ha a ilha Vleha, que é a da felicidade, e é a do homem da natureza, um pouco á moda de Rousseau. Nenhuma paisagem academica nem sececcionista. As ilhóas lindas andam vestidas com aquellas roupas definidas por Petronio, como tecidas de vento. A ilha da felicidade é um dos lugares mais perigosos do mundo.

Mais um dia de mar, e chegam á — *Ilha das Perversões* — terra dos venenos, da cocaína, do opio, do euphorbio. Ali a nossa physica é considerada barbara e antediluviana, porque se funda na medida quantitativa, isto é, nos numeros e a nossa arithmetica é falsa ; como o é a nossa geometria euclidiana. É a ilha da relatividade.

Enfim, chegam os *touristes* á Ilha de Sarragala.

Esta é a ilha mecanizada. Tudo ahi vae de carrinho, em roldanas e polés. A electricidade, o radium, a desagregação atomica criam energias novas e extraordinarias.

Não se anda, vóa-se, volatiliza-se.

Mas o que vem ao nosso intento, nessa terra

ethereal, onde a poupança do tempo engenhou todas as machinas possiveis e praticas, ahi na ilha de Sarragala é que se inventou um instrumento admiravel a que deram o nome expressivo de — *Breviloquencia*.

É uma machina de laconismo, que possui a propriedade maravilhosa de condensar os longos discursos em comprimidos centesimaes.

Eis o que convinha importar da ilha de Sarragala, como genero alimenticio com isenção de impostos.

A — *Breviloquencia* — dispensa a eterna verbosidade, o palavrorio tagarellante e loquaz. Quem nol-a dera neste Brasil !

A verdade é que só somos breves por dinheiro (por exemplo, nos telegrammas) e arrojam os longos textos completos e por extenso sobre a multidão inerme e incauta dos que nos ouvem, sem o mais leve sentimento de misericordia por ella.

Oh ! que grande invenção a da *Brevilloquencia* !

Ácerca de quem inventou a palavra — «Tupi»

Meu caro amigo !

Eis um problema inesperado. Falamos communmente de lingua «tupi» ou do povo «tupi», com a inconsciencia automatica com que usamos as palavras do idioma corrente.

Entretanto, ha um pequeno mysterio nesse vocabulo.

Os nossos antigos chronistas e historiadores já-mais denominaram «tupi» a lingua ou o gentio brasileiro.

Os chamados glottologos, homens duros e asperos que só admittem na humanidade uma pequena garganta e um tubo vocal, a cujo serviço fica dependurado um volumoso appendice inutil que é afinal toda a carne e osso do homem, esses glottologos emperram-se nas suas leis phoneticas e, atheus da alma, arrazam o espirito humano quando este não condescende nem se conforma com os tremores labiaes e gutturaes do alphabeto.

Está claro que para elles o termo — « tupi » — se não é indigena, deve ser asneira inexplicavel.

Ha, todavia, alguma coisa mais e melhor do que o tubo vocal e as frioleiras glotticas.

Estariam, pois, despedidos os glottologos, neste ponto daqui por diante. Que vão tratar dos seus negocios.

Fique o meu amigo, tão liberal com os meus discursos.

Na verdade, é para quasi toda a gente coisa assombrosa verificar agora que os velhos chronistas não conheciam a palavra.

« Tupi » — é uma expressão recente, e tão nova que já foi attribuida a von Martius, um dos primeiros que tentaram ordenar com alguma intelligencia os materiaes ethnographicos, esparsos, das raças aborigines.

É falsa essa attribuição inteiramente insustentavel.

O termo « tupi » — com toda a probabilidade formou-se na alma popular como se havia formado a « lingua geral » por meio de generalizações facéis e intuitivas e pelo aproveitamento de vozes communs aos dialectos de varias tribus affins do tempo da catequese.

Os chronistas e os padres conheceram tribus varias e entre as mais numerosas e accessiveis, notaram e registraram as nações dos tupinikins na região de Porto Seguro, dos Tupinambás, aquem e além do S. Francisco, dos tupinaés e ainda falaram tarde e artificiosamente de tupiunas e tupitingas.

Todas essas denominações offereciam uma raiz commum, a saber, as duas syllabas iniciaes — «tupi». Pareceu que deviam ser variedades e aspectos de uma só coisa.

E assim foi talvez criada por artificio logico a palavra «tupi» desconhecida dos indigenas, dos conquistadores e dos proprios e primeiros catequistas.

Esse ar de familia, correspondente á realidade das coisas, criou a boa fortuna do vocabulo, bem achado que hoje corre com a vida intensa de quasi dois seculos.

É inutil, pois, fazer feros e metter a glottologia nessa formação toda espiritual, admiravel pela sua expressividade laconica.

O povo entenderia que os indios eram todos «tupis», por isso mesmo que, aqui ou ali, havia tupinikins ou tupinambás . . .

Teve espirito e acertou.

O «folk lore», porém, sciencia mais latitudinaria e concessiva que a glottologia, vae dar-nos a explicação do phenomeno.

Ha na origem de todas as civilizações quasi sempre um heroe eponymo. Chama-se assim, com esse termo grego, o heroe o fundador das cidades e pae dos povos infantes.

Seculos depois que a tribu dos Ramnes, á margem do Tibre, fundou a cidade de Roma, a imaginação popular, trabalhada de lendas e de gestas

heroicas, criou um heroe imaginario chamado Romulo, que não era mais que o proprio nome da gente e da cidade primitiva.

Da antiga Olisopona, na praia occidental, quem poderia ser padre e ador senão o velho Ulysses, que perlustrou os mares em aventuras e peregrinações maravilhosas ?

E Lisboa foi dest'arte fundada por Ulysses.

É a historia de sempre ; o povo não dispensa a investigação da paternidade.

« Tupi » não é mais do que o heroe eponymo de varias tribus littoraneas do Brasil antigo.

Ha ainda um aspecto do curioso enigma de que o proprio « folk lore » vae dar a chave e decifração.

Ha um pensamento religioso e elementar em quasi todos os povos, o qual corresponde ao dualismo do bem e do mal, do dia e da noite, de Deus e do demonio, nas mythologias selvagens e barbaras.

É a crença de que no principio das coisas existiram dois irmãos gêmeos, de indole opposta.

É o mesmo caso de Romulo e Remo nas sagas romanas, de Caim e Abel no genesis hebraico, dos dioscuros (Castor e Pollux) dos gregos e nas innumeraveis legendas e variantes dos — « Dois irmãos » — em todas as historias e contos populares.

Os indios da costa tinham igual mytho, o dos irmãos Tamenduare e Aricuté ; os bacairis, segundo von Stein, o mytho de Keri e Kame.

Para que alongar com facil erudição toda essa lista com exemplos universaes do mytho primitivo ?

Ora, nós temos um testemunho antigo de que os tupis e os seus parentes de igual lingua, os guaranis, nasceram de dois irmãos eponymos.

E é a primeira vez que apparece o nome mysterioso de — « tupi ».

Realmente os dois irmãos que geraram os dois povos chamavam-se, um a um, tupi e guarani.

O primeiro povoou o norte : o segundo, o sul. A versão mais antiga que conheço desta lenda é a que nos depara a — *Historia do Brasil* — de frei Vicente do Salvador, que a escreveu pelos começos do seculo XVII.

« Saíram dois irmãos por cabos desta gente (diz elle), um chamado « Tupi » e outro « Guarani » ; este ultimo deixando o Tupi povoando o Brasil passou a Paraguae com sua gente e povoou o Perú. »

Assim, acredito haver decifrado esse mysterio pela unica solução possivel, a do « folk lore ».

A palavra — « Tupi » — é o nome de personagem legendario, irmão de outro — « Guarani » — que povoaram o Brasil. São heróes eponymos, cujo appellido foi posteriormente criado segundo os nomes das gentes e das coisas a que deram origem.

Á gente indiana, e não á civilizada, é que cabe a criação da lenda e das pessoas que a animam, segundo um pensamento elementar que a anthropo-

logia e a ethnographia acham e verificam na historia de todos os povos.

Não foi Martius, (como diz Bertoni, guaranisan-te illustre, mas em falta de informação) o criador da termo tupi que dois seculos antes havia sido registrado na lenda dos dois irmãos.

Sem duvida alguma, «tupi» é uma contracção de outros nomes de tribus affins (tupinikins, tupinambás e tupinaés, como já lembramos), mas necessitado pelo «elementar gedanke» das tribus que buscavam no mysterio das tradições o seu heroe ávito.

Esta é a interpretação que imagino; e acredito não ter bebido em vão nos textos dos velhos chronicistas.

Espero a tua resposta.

Do carnaval

Cazuza !

Esprei-te hontem e hoje. Porque tardas ?

— Está na hora !

É o que me dizem e é o que ouço a todos os momentos.

Como os camponios, só tenho o relógio do sol. É elle, o sol, luminoso e grande, quem me determina a tarefa ou o repouso.

Sinto-o na sua gloria esplendida em céo limpido ou através das nuvens. E diz-me agora que é mister interromper os trabalhos arduos e as labutas atormentadas.

Seja feita a vontade do sol. É elle a fonte de vida, das festas, dos anniversarios e dos banquetes.

E enquanto gastamos a nossa seiva vital, elle solícito amadurece as searas.

— Não tardes, meu amigo.

Muito perto de mim, a alguns passos apenas, ha uma sociedade de foliões carnavalescos. Podia haver duas; mas esta, quanto sei, vale quatro da medida normal.

As janellas luminosas e abertas desse *Club* vomitam para a rua a atroadora e retumbante serra-zina e algazarra de cem vozes estentorias. Embalde, todas as noites, procuro vencer o estrondo desse terremoto. A artilharia de quatro zabumbas formidaveis reduz a silencio a minha fortaleza d'alma.

Dois meses ha que se esfalfam e se recompõem esses foliões; emquanto temperam as guelas roucas da vespera imaginam novos estardalhaços inauditos. Zimbram, assobiam, grasnam, ladram, regougam, coincham, cocoricam . . .

Esgotada a escala de vozes bestiaes, ha ainda bimbalhar de sinos, ranger de cacherenguengas, esternutações e atxins, titinabulações de fazer ouvidos moucos.

Perguntei ao divino sol se era essa a harmonia das espheras.

— Pythagoras era um nescio, disse elle. Todos esses ruidos formicinos e infinitesimaes não chegam ao segundo céo dos planetas. Trata de dormir até amanhã.

Que fazer ?

Tive uma idéa. Pensei que talvez fosse possivel indemnizar esse club de gente alegre. O dinheiro abafa clamores insopitaveis. Com dinheiro talvez se mudasse da vizinhança. Pagar-lhe-ia eu todas as despesas.

Fiz as contas. Mas, succede que ás vezes, tenho

alguns dinheiros, e outras vezes (sem numero), não tenho nenhum.

E digo como o Bilac ao abrir a Academia no tempo em que não havia *jeton* :

— Não havendo numerario, tambem não ha numero.

Renunciei, pois, ao meu plano e aceitei com resignação as largas insomnias das minhas ultimas noites.

E assim estava eu nessa conformidade, quando me apparece o presidente do Club com uma subscripção.

— Vão mudar-se ? perguntei com mal contida alegria.

— Não, respondeu-me tambem alegre o jovial presidente. É que o nosso bloco sae hoje e falta tapar uns buracos . . .

E assim, eu que tinha a intenção de pôr termo a essa folia, não me senti com forças para resistir. Assignei a subscripção, paguei e tapei . . .

Depois de pagar, comecei a perceber que o carnaval não era tão ruim e tinha algum valor. Pelo menos não tinha a insipidez propria das coisas gratuitas.

Comecei a achar graça naquellas pilherias velhas que eu suppunha defuntas, talvez no inferno, á ilharga dos Bocages e dos Aretinos :

Mosquito é insecto,
Caracol é caramujo
Não chora meu bem
que eu fujo.

Esses pés demais compensavam a falta de cabeça ; e comecei a perceber a harmonia infinita dessa inversão dos valores metricos.

Perdi o bom senso e a vergonha, levantei-me e voei acima de todos os sarcasmos e não liguei, como na cantiga da *Macumba* :

Estás falando de mim,
Eu não ligo não . . .
A inveja é um facto
Que nunca tem fim

ou ainda

Podes vir de feitiço
Para cima de mim.

Realmente é preciso ser de pedra ou de cimento hydraulico para não sentir a caricia daquelles versos.

Ha certos suppostos vicios e pretensas perversões que dependem apenas de uma só experiencia.

Experimentou, gostou.

Ha pessoas que não entendem a — *Macumba*, — nem deletream o mysterio do — *Tatú subiu no páo*. — É pena.

São pobres de espirito, ou antes para falar com os termos technicos, não são *bam-bam-bans* nem *bata-clans*.

— Está na hora !

É o breve minuto, o estilicidio, o instante fugitivo que já criou coisas novas e characteristics da nossa cultura.

O carnaval criou o maxixe, hoje mundial, e foi o estímulo da musica nacional, inaudita e unica, pelo seu rythmo novo de remeleixo, de notas *bi*, tripontuadas á espera de outras notas fugitivas, ce-leres e relampagueantes.

É essa a arte extraordinaria do Sinhó, Careca, Souto, o Freire Junior, e dos versos impagaveis do doutor Philomeno Ribeiro.

Perdão, se esqueci alguns genios . . .

São todos cuéras, thebas, cutubas e arrepiados . . .

O Carnaval, mesmo para os displicentes, delicados e snobs, traz sempre uma vantagem.

Ou antes, duas.

A primeira é que traz chuva, com muito mais exacção que o serviço meteorologico do nosso Observatorio.

Pouco ou muito, sempre chove no Carnaval, que é de natureza felizmente intransferivel.

A chuva esmaece o alarido, encurta e estoura a pelle dos bombos e diminue os odores axillares e outros perfumes correlativos e esparsos.

É uma providencia hygienica, equivalente e daquelles expurgos terriveis da Saúde Publica. E para alguns foliões, inimigos das thermas, substitue o sabão e a casca de côco.

A segunda vantagem do Carnaval é que a gente póde ir-se embora e sem incommodo tomar passagem para algum recanto longinquo de refrigerio.

Sauve qui peut.

Não é preciso salvo-conducto, mas é necessario ter um pouco mais de dinheiro do que eu tive para a subscrição.

Optei pelo abaixo-assignado. Emfim, podia ser peor, se um impulso inconsciente, mas humano, me induzisse a comprar uma fatiota barata, de caingang positivista.

Que successo !

Emfim, convem aceitar o Carnaval, pois que faz rir e o riso afugenta e dissipa os humores malignos.

Essa alegria multitudinaria parece amarga, mas é um tonico popular. Pelo contagio propaga a boa vontade, distende os nervos, descarrega a tensão de antigas tristezas.

É talvez melancholica por ser pautada no calendario a hora fixa e improrogavel: mas não é inferior aos sorrisos convencionaes da quotidiana hypocrisia da gente grave.

Se é verdade que essa loucura vem do gentilismo antigo, das lupercaes e das canções de Baccho e dos satyros, não ha como interromper a volupia tantas vezes secular que a gravidade da civilização não conseguiu reprimir.

É preciso preparar o estomago para os longos jejuns e as fortes peixadas da quaresma, e tambem poupar as glandulas lacrimantes destinadas a chorar na grande paixão de Jesus.

Ámanhã mesmo principia o arrependimento.
As suaves conversas dos namorados, á noite, *lenes sub nocte sussurri*, do poeta, cedem a mão ás vozes de penitencia.

E de que se hão de arrepender os outros, os homens graves e sérios ?

De nada. O seu carnaval delles é eterno.

Evohé !

Memento homo . . .

Vou esperar-te á estação.

Um academico do seculo XVIII

Meu senhor,

Conforme promessa ha dias feita a Vossa Mercê, que é grande meu amigo, vou escrever agora ácerca de um poeta desconhecido.

E vou falar sem commetter a vulgaridade dos elogios academicos. Como Vossa Mercê não ignora, sou abstemio e já num fragmento de Epicharmo se diz que os homens que bebem agua são incapazes do dithyrambo.

Eu o sou.

É verdade que o poeta é do seculo XVIII, e essa antiguidade permite um pouco de maledicencia sem o socorro da lei secca e sem a eventualidade de qualquer polemica desagradavel.

Vou contar o caso por menor, e verá Vossa Mercê que as minhas horas perdidas não são totalmente inuteis e vasiaas.

Ha um antigo proverbio ou coisa que o valha, que se expressa nestes termos : « Atirei no que vi e matei o que não vi. »

É uma occorrenciã feliz na historia de todos os erros.

Dos caçadores de quem provavelmente se originou o rifão, ou de outros anexiristas da sabedoria popular, passou a todos os imprudentes e incautos que se propõem conhecer a origem das coisas.

Ora, estando eu mergulhado no estudo de uns velhos codices manuscriptos do nosso Instituto Historico, lendo, ou antes, folheando (porque em verdade já não leio coisa alguma) topei com um empoeirado poeta que eu não buscava e nem sequer suspeitava haver existido, tantas são as sombras espectraes dos poetas esquecidos e ignorados.

Emfim, um dia, um breve momento, chega para essas miseras victimas do olvido.

Conheço das minhas leituras, e acho admiravel, perdoe-me Vossa Mercê, aquelle dito de um desalmado e maligno escriptor francez que escreveu : « De todos os poetas que ninguem lê, o melhor é Racine. »

Que finura ! que rara sinceridade !

Ora, estou para dizer-lhe que o poeta que descobri nos codices do Instituto, não é inteiramente bom, e talvez seja um pouco peor que Camões.

Refiro-me a Antonio de Oliveira, da — *Academia dos Esquecidos* — que se reunia de vez em quando sob os auspicios do primeiro conde de Sabugosa, vice-rei do Brasil.

Foi isso mais ou menos no primeiro quartel do seculo XVIII. O conde de Sabugosa era um varão

austero e temente a Deus ; logo que chegou á colonia, ao assentar a sua côrte na Bahia, tratou de cohibir os abusos, as irreverencias, a soltura de costumes.

Prohibiu, sob penas severas, os calundús, os candomblés, os cateretês armados pelo demonio á innocencia dos reinos ; e desappareceram deste modo as cheganças e as talheiras, os lambesujos e outras praticas mimicas e choraes que engalavam a velha Bahia jovial, amiga das festas.

Houve grandes gemidos por essa tristeza do vice-rei, que arrolhava em nome da religião o sagrado direito de dar á perna nos regabofes tradicionais da colonia.

A Bahia, onde tudo mente até mesmo o céo, conforme a famosa observação do grande almirante e libertador D. Fradique de Toledo Osorio, é, como todas as cidades tropicaes, necessitada quotidianamente de sol e chuva.

Está, na sua psychologia urbana, o bimbalar dos sinos alternado com o vatapá. Oração e pimenta.

Não podia ignoral-o o vice-rei que, por natural compensação, supprimindo aquelles conluios obnoxios substituiu-os pelo alto e rigido recreio das sociedades literarias.

Foi assim que se serviu, com fino gosto (a meu vêr muito contestavel) crear a *Academia dos Esquecidos* para repasto de alegrias espirituaes.

O bem da Republica reclamava esses defastios de alto cothurno.

Considero inhabil essa compensação. Perdoe-me ainda uma vez Vossa Mercê e imagine hoje a suppressão do carnaval, substituido, por exemplo,

pelo ranger de dentes de uma sessão publica da Academia de Letras.

Pois foi o que fez o vice-rei. Acabadas as festas populares, surgiu um Parnaso de quarta ou quinta ordem da colonia.

Ajuntaram-se os poetas, como sempre numerosos (e não raro bajuladores). Eram na maior parte latinistas, mestres regios, desembargadores e padres.

Essa gente de tomo difficil discutia theses em prosa e verso (a meu vêr, sempre em prosa) e fazia epigrammas restituindo ao Olympo a gargalhada homérica dos deuses.

Divertiam-se. E divertiam-se « *moult tristement a la manière des anglois* », como disse Montaigne.

Ora, entre os poetas, busquei em vão os vestígios de um certo genio que Nuno Pereira, no seu — « *Peregrino da America* » — compara a Lope de Vega

Li, isto é, folheei, os tres pesados volumes da Academia e não encontrei rasto da grande, da encomiada phenix dos engenhos.

Foi nessa pesquisa que, inesperadamente, se me deparou um nome assiduo e inteiramente ignorado, a desaparecer lentamente picado, esfarelado e rendilhado pelas traças. Através dessas reticulas percebi a sua vaidade e agora o restituo á luz, envergonhado talvez de haver dormido tres seculos na injustiça dos homens.

Apresento-o a Vossa Mercê.

O poeta Antonio de Oliveira (é este o seu nome), visto a distancia de hoje, não parece detestavel. Não sei se os nossos grandes poetas de agora, com egual patina, poderiam resistir ao cotejo, dada a hypothese que pudessem tambem escapar seminús pela reticula dos carunchos e dos lepismas tres vezes seculares.

O grande poeta (chamemol-o grande para que não se torne nosso inimigo pessoal), o grande poeta Antonio de Oliveira fazia decimas em linguagem e armava epigrammas em latim.

Em latim, elle saqueava os bolsos de Marcial com a habilidade do ratoneiro illustrado e de boas letras, como os ha e sempre os houve, graças á eternidade de todos os vicios.

Mas, furtava habilmente, com luvas de pellica. Vou dar um exemplo. Tendo-se proposto na Academia o thema — « Huma dama fermosa mas com poucos dentes » — saíu-se o nosso Antonio de Oliveira com esse gracioso distico :

Rideo sæpe tibi, mihi nunquam, edentula, rides :
Quare nequis me rideat, ipsa refert.

É inutil rir para as moças que não têm dentes ; tudo fazem para não rir, voltam o rosto para trás dos hombros e levam embora as outras que podem rir.

Não estará tudo isso bem resumido e encaixado naquelle distico ?

Faltou-lhe apenas citar o autor.

Ride, si sapis, ó puella, ride

assim escreveu Marcial num dos seus epigrammas que, certamente, serviu de modelo ao academico esquecido.

Outr'ora esses furtos tinham o sainete da erudição latina e materna. É de boa regra que os herdeiros, prodigos sempre, dissipem a mãos largas o cabedal da familia.

No mesmo tom aventurou-se ainda o poeta a tratar igual thema numa decima vernacula. A coisa saíu-lhe gongorica e complicada :

Não ! pois se Nise tem posto
 Não me soffre o coração
 Que deixe assim ultrajar.
 E desdentada chamar
 A quem toda é perfeição.
 Senhores, vá de questão :
 No céu ha estrellas, é certo,
 Reluzem sendo o sol perto ?
 Céu na boca e sol no rosto
 Ver-lhe estrellas, é incerto.

Prefiro o disticho latino onde Marcial, sem duvida, descobriria alguma patavinidade obscura desculpavel num honesto gatuno colonial.

Quero ainda offerecer ao bom gosto critico de Vossa Mercê outra decima de Antonio de Oliveira.

Deve levar-se em conta que os poetas das antigas academias tratavam themas de antemão propostos. O subjectivismo, a inspiração pessoal desaparecia. Faziam versos á maneira de relatorios, sob informação official. O marinismo, o euphuis-

mo, o lilismo, todas as escolas cultas do tempo mataram a poesia sob a fria mortalha de conceitos e metaphoras.

Não admira, pois, que o Parnaso se transformasse num conciliabulo de charadistas.

Agora o thema que haviam de desenvolver era o de — « um Amor perfeito mettido num malmequer ».

Não falleceu a coragem ao nosso poeta, e eil-o intrepido a fabricar esta decima :

Lisandra quando quizeres
Das flores alguém sujeito,
Nunca dês Amor-perfeito
Rebuçado em malmequeres,
Pois se outra vez o fizeres
Pode ser que Fabio então
Vos diga : meu coração
Não dês taes flores a mim,
Porque é dar cartas de sim
Com sobrescripto de não.

Parece-me o fecho desta decima muito bem achado, e, dados os precedentes deste poeta Antonio, talvez não seja delle.

Que importa ? nem todos bebem pelo seu copo, como o fazia Musset . . . algumas vezes.

Vossa Mercê, a quem vivo para servir no que mandar e fôr mister, dirá se tambem agora eu puz uma negativa no sobrescripto.

O que posso assegurar é que a presente carta é toda — « sim » — no conteudo, tanto é o amor e o respeito que consagro a Vossa Mercê, a quem Deus guarde.

Do seu ultimo criado . . .

De um velho maço de papeis

Pedindo o voto na Academia

Meu caro Treviranus,

Eis-me agora tardigrado e sonolento a cumprir a promessa. Ás tuas mãos ha de chegar, eu o espero, este manuscripto, disperso quasi, com a singela concatenação que lhe permite um colchete a varar as folhas. Essas folhas, reuni-as eu para fazer-te homenagem, feixe de pervincas rasteiras apanhadas ao acaso e de fetos rachiticos medrados ao bordo de um muro em ruinas.

Ah! eu devia escrever-te em verso; porque a austeridade só tem a sua formula no Rythmo sagrado e imperecivel; e nós outros só nos rimos em prosa e de pernas abertas, o que tudo é incompativel com a sacrosanta poesia cantante das odes.

Reuni-as, essas folhas selvagens, porque é preciso legar a espiritualização das nossas dôres aos nossos tardios sobreviventes. Não te espantes pois,

que eu te diga coisas breves perto da derrota que é morte. Os defuntos são laconicos, bem o provam os epitaphios.

Nasci numa provincia obscura, sem jardins outros que os das *malicias* bravas e os das rosaceas campestres, num precipicio sem céo, entre montanhas erguidas acima até o zenit; e numa cabana tosca, quasi mangedoura archaica da Judéa sem as Tres Estrellas que vinham ensinando aos thronos dos magos o caminho ingenuo do estabulo regenerador do mundo.

Ahi nasci.

Creio que fiz pouco nos primeiros dias, além daquellas proezas vegetativas que não cabem num relatorio.

É difficil dizer-te a minha Infancia, a idade da gloriosa inconsciencia das cousas, da vegetação insensivel do Ser, desse tempo em que a gente sem emoções cavalga as doceis vassouras, pega ao laço os cardeaes altivos de pescoço sanguinolento e canto guerreiro, na qual, de peito n'agua, rasga-se a corrente frigida dos rios ourelados do tremulo bambual umbroso.

Mais tarde a escola nos absorve. E della saímos como duma colmeia activa, sobraçando os papeis tediosos, em disparada, o sol a pino, pelas ruas. Ah! quanto aprendi na escola a gozar das ferias! e a minha sciencia dos divinos Dias-Santos! a ella devo a natural dedicação que voto ao bento ocio fecundo.

Porque é do ocio que saem as meditações, estrume do louro immarcessivel. Foi o ascetismo que engenhou os canones, e a preguiça é a theologia viva.

Meditatei e cresci.

Mas por ter entrado na escola, saí della ; fiz-me homem como os outros quando o menstruo dos machos abarytona o larynge e leva-os ás moitas sombrias a cuja borda, esquecidas e incautas, passam as raparigas rubras e quentes, carregadas de bilhas bojudas que reclamam repouso á beira da estrada. E fiz-me homem ; e fiz-me doutor.

Todo esse tirocinio através de ciladas e destroços de luctas de echo confinado entre montanhas, não é de certo o objecto tonitruoso dum panegyrico. Mas ha sempre um passado nessa immaculada prehistoria que se póde mostrar, nitida e pura, aos vindouros. Tambem soffri decepções e bronchites. Fiz alguma cousa em prol da minha Patria e fiz ah ! meu caro Treviranus, fiz um Discurso.

Esse discurso trouxe outros ... e outros ... e outros.

Mas não enxergas nessa prole espiritual e infinita o motivo sequer duma heroica Epopeia ? poema obscuro, mas todavia poema. Ha um mundo a descobrir nesse mar ignoto, nova America aberta aos excessos longinquos dos suevos que já não cabem no antigo imperio romano. E bem o fazia Pedr'Alvares, quando as suas caravellas como passaros de azas brancas trementes, quasi n'agua, com os bicos rentes ao oceano tenebroso, iam levantando o véu que escondia os mundos ignorados.

Para quem esses Mundos ? a quem pertencem as invenções ? Ah ! quam longe está o ingenuo

programma de pescar almas com a rêde espiritual de S. Pedro. A christandade é já tão grande !

É desse proselytismo selvatico e apostolico que resulta nesta terra a sobrevivencia do Discurso.

Ora-se e perora-se como diante de uma taba para semeiar a Fé pela multidão prostrada de joelhos dos catecumenos de arco e flecha, constrictos e scismadores, relembrando o vago cheiro de carne inimiga *moquiada* e regada a cauim espumante.

E não só fiz discursos. Fiz versos immorredouros ; cantei as cousas sensuaes e bellas. E cheguei mesmo a roubar á tribu uma mulher para mim, para cão do meu lar, fiel e branco, de dorso macio e docil. Ah que a tribu o não reclame !

E depois iniciei a Politica — arte de navegar bem melhor que a pesca ingenua e primitiva dos aborigines.

Pratiquei algumas artes liberaes que me não deram nada, excepto gloria e despesas.

Emfim vejo que o tempo urge e não quero roubar o teu precioso tempo.

Em resumo, para não alongar palavras, peço o teu voto.

O teu voto, por ser de quem é, basta-me ainda que seja unico. Quero ser ungido com o oleo da tua consagração.

Teu, sempre teu . . .

Depois da recusa do voto

Treviranus ex-amigo,

Depois daquellas tersas linhas lançadas a esmo, mal traçadas e tortas, quem diria que eu voltasse de novo ao terreno movediço da epistola ?

E entretanto é verdade que agora te escrevo desejando-te, como S. Paulo aos gentios, principalmente a Saúde.

Quando digo Saúde, quero dizer que o *beef* se assimile em ti, transforme-se em energia, em amor, em sangue e em opinião.

Não votaste em mim. Certamente não me comprehendes, rhombo e chato como és. Não me envergonho e antes me envaideço com a tua ignorancia do verdadeiro merito.

Perdôo-te, e sei porque te perdôo. És pura victima de humores dispepticos. Não comas farinha ; — é esse pó damnhinho que depois de varias peripecias chimicas, penetra nas arterias em bolo, em in-

digestão intellectual. Tu e os teus consocios são filhos espirituaes da farinha de pau. Por que não havia eu de perdoar-te ?

Não julgues que falo por despeito e indignação. A piedade e a philosophia dizem-me que em tua sociedade ha um fundo de mandioca.

Nada mais.

Chamem-lhe embora os doutos anemia tropical, indolencia do Equador, mal da preguiça ; e chamem os homens feros, relaxamento. Tudo isso não é mais que a farinha assimilada, mandioca que se fez espirito.

Isso serve para explicar as cousas graves e as paixões levianas.

Abramos a Historia. O grito do Ipiranga nasceu de uma cuia de farinha deglutida a deshoras. Depois de varias peripecias chimicas o singelo bolo quasi abalou o mundo.

Ah, Treviranus ! foi de certo um patriota herbanista quem criou no glossario difficil da sciencia a expressão *manioht utilissima*, efficacia pornographica, no caso historico citado acima ; mas tudo é util neste mundo mesmo a preciosa inutilidade.

Imagina, pois, que encyclopedico enfado não encheria esses céos azues, que terraquea abominação não povoaria o universo, se nelle, ao de repente, as *manibas* se estiolassem e os trapiches de ventre ouco e desolado evacuassem para o mar a indigestão accumulada e provavel dessa babilonia . . .

Fizeste bem em negar-me o voto. Não te chamarei de canalha (o que em literatura é permittido) ; seria mostrar um resentimento que não tenho.

Pedindo-te o voto, fiz apenas uma experiencia psychologica e botanica, pois que estudo os influ-xos da farinha no canalhismo nacional. Mas, *sine ira ac studio*.

És um tolo, meu velhaco. A tua sociologia é uma suja asnidade.

Não, amigo, não é a egreja, nem o voto livre, nem o plebiscito, nem a regeneração composita e difficil dos programmas que traz soluções decisi-vas. Só ha um dado nesse problema. Dá-me a farinha e todas as incognitas descobrir-se-ão reve-rentes. Dize-me o que um povo come. Castanhas ? *chou-croûte* ? macarrão ? mandioca ? E a sociolo-gia estará esboçada e o problema estará em equa-ção.

Para que, pois, insistir em recriminações extra-vagantes, e phantasticas ? Porque não entregar os nossos destinos aos azares duma feijoada ?

Deus te pague.

Estão cortadas as nossas relações. Poderia in-cluir uma pelêga de cem (como fez o meu contendor victorioso) para comeres de mingão em cima da cama.

Mas, *parce sepultis*.

A proposito das tragedias

Meu filho !

Crescerás e Deus querendo não serás a testemunha forçada dessa onda de sangue que enlutou a cidade.

Em poucos dias a ira, o furor sanguinario, o assassinio, a mutilação e o crime ennodaram a terra abençoada em que nasceste.

Foi uma semana horrivel !

Como poderíamos ser testemunhas de tão hediondas destruições sem uma palavra de revolta ?

Como havemos de conciliar a civilização e a vingança ? o christianismo da nossa gente e o espirito de desforra ?

Donde veio essa tragica antinomia ?

A verdade, é triste confessál-o, por seu character um pouco tumultuario e livre, a sociedade americana não póde ser uma sociedade pacifica.

Os grandes crimes são de toda a parte ; mas,

nós somos o paiz do sertanejo, do *cow-boy*, do gaúcho, do pioneiro ; somos a terra do *revólver*, da faca de ponta, das justiças summarias, da caudilhagem e dos pronunciamentos. Os nossos politicos e intellectuaes (e até os mestres da mocidade, estou habilitado a dizel-o), quasi todos, trazem, á socapa, nos bolsos ou na cava do collete, o arbitro de ferro das suas contendadas.

É uma verdade.

Somos atheistas da justiça ; ninguem acredita nella, e os poucos que a honram com algum scepticismo sabem que ella é como o carabineiro de Ofenbach : ou não chega, ou chega fóra de horas.

Dahi essa lei não escripta e que póde já fazer parte dos nossos institutos consuetudinarios : a *vendetta* corsa.

As familias, que se odeiam, buscam um reciproco exterminio ; a onda de sangue torna-se hereditaria e perpetua, e espraia e eterniza as suas tempestades de odio.

Como parecem insignificantes o furor de Clytemnestra ou a loucura vingativa de Hamlet, diante das nossas realidades !

Entretanto, achamos archaicas as tragedias !

É evidente a causa da desordem e não ha outra : é a ausencia absoluta do respeito pela justiça.

Não o temos ainda.

Num dos seus escriptos, disse Auerbach que a America era de verdade o *outro mundo* da allegoria christã : era o logar onde se reparavam as injusti-

ças do mundo velho e decrepito, a terra onde o fugitivo e o desilludido cobravam liberdade e esperanças novas, onde os pobres e humildes se tornavam poderosos e ricos.

A America era assim e desde já a promessa do *d'além*, com as suas recomposições e os seus premios, com a pacificação das discordias longinquas, sopitadas pela atrocidade inerte do velho mundo.

Dispensava, pois, a illusão do paraíso.

E, de facto, assim sempre o foi ; desde as suas origens, foi asylo para perseguidos da consciencia, puritanos e calvinistas, presidio com larguezas de regeneração para reprobos, emfim foi refugio para todos os desenganados.

Por isso mesmo, toda a recomposição aqui ha de ser feita em vida : não fomos educados na longanimidade de esperanças da *vida futura* e não supportamos justiça tardias. Se não ha justiça, falaremos nós e já e agora.

Eis o nosso temperamento americano, acostumado a transformar as virtualidades em realização rapida. Este milagre de presteza tem-nos saído caro e amargo. E a *vingança*, a *vendetta* é um dos seus productos inevitaveis.

A cultura humana requiere millenios para a sua cristalização natural ; nós, porém, não podemos esperar por ella ; tomamol-a em syntheses de laboratorio, e, assim, fabricamos instantaneamente leis e institutos liberaes, justiça, direito, religião e litteratura.

Contentamo-nos muitas vezes com *brilhantes de Paris*, que, a falar verdade, têm as suas vantagens, e não raro brilham mais que os verdadeiros.

Falta-nos tempo.

É uma compensação á abundancia de espaço.

O *jury*, por exemplo, não sei se vale alguma coisa, mas é um desses transportes de climatização lenta e difficil. Não parece ter sido feito para a intensidade da vida americana. Tem provado mal em todas as latitudes.

Attesta-o, lá ao norte, a lei de *Lynch*; e cá baixo, ao sul, a *vendetta*.

Impunidade e vingança são as nossas regras. Ha pouco mais de dois seculos, a proposito do Brasil, escrevia Barlaeus: passando a linha, não ha criminosos (*ultra equinoctialem non peccari*).

Como em paiz algum, graças a um largo ermo de ambiente e de opinião, ha amnistia para todos os crimes; aqui floresce e fructifica uma riqueza inaudita de razões para o *habeas-corpus*. Uma litteratura e uma sciencia de attenuantes incomparavel, a epilepsia, o medo, a nevrose intellectual, a privação de sentidos, as *nuances* lombrosianas, os pontinhos de honra, tudo conflue diluvialmente para afogar o *jury* e restituir ao sol a horda dos assassinos.

Nem para elles, sequer, existe aquella torva illusão de Lady Macbeth que sentia sempre as mãos cheias de sangue: Sáe, mancha damnada! (*Out, damned spot!*)

Este remorso tragico é, entre nós, uma comedia. Nesta terra, é já proverbio, *ninguem se inutiliza*.

A morte moral é uma pilheria. E creio até que o homicídio dá um certo ar de importancia.

O crime é uma elegancia nova, é a grande nevrose dos seres excepcionaes.

Nos tempos da monarchia, um politico honesto e incorruptivel, o visconde de C. (é uma anecdota conhecida na historia do segundo reinado) revoltava-se contra essa terrivel incongruencia dos nossos costumes, mas, entretanto, dispunha-se a observal-os com alguma excentricidade. Quando se sentia no ostracismo, esquecido, e delle não falavam as gazetas, o visconde saía a campo, anonymamente e, *num a pedido* infamante, escrevia contra si proprio.

— « Eu não sou assassino nem ladrão (dizia elle a quem lhe descobria o segredo dessa attitude). Mas, esse canalhismo é indispensavel ».

Estava criada a elegancia do crime.

Deus me livre de fazer a apologia barbara da vingança ou de qualquer das atrocidades que acabamos de presenciarmos.

A verdade, porém, é que onde não é crime matar, pouco importa ser morto ou tornar a matar de novo. A *vendetta* corrige a misericordia, méro euphemismo da indifferença e desprezo pela vida alheia.

Afinal, não havemos de ser um thema para a clemencia do *jury* e para a sua detestavel sympathia pelos epilepticos.

Se o *jury* não presta, nós prestamos um pouco mais que elle e devemos defender a nossa vida.

Se a *vendetta* nos desacredita, a justiça ainda mais nos perverte e nos desmoraliza, fazendo ondular o crime até ás suas ultimas vibrações.

Dir-se-ia que renasce o theatro antigo, que multiplicava as catastrophes, desdobrando a tragedia em trilogias e tetralogias funebre., até consumar-se o exterminio dos seus heroes.

É o que estamos vendo agora nessas ephemerides de luto e desgraça.

Não podemos continuar com justiça demasiado cega e manca, com a sua espada de sarrafo e a sua balança de contrabandista.

Ha, muitas vezes, é certo, razões seguras para matar, mas são as mesmas que ha para morrer.

A defesa social reclama um termo a esse tumulto de paixões que nos aviltam com a piedade immoral dos nossos juizes leigos.

Meu filho,

Espero que viverás noutra geração mais humana e mais christã. Abençõe a ti e ao teu futuro.

Ácerca da confederação luso-brasileira

Amado mestre !

Tenho tratado a longos intervallos do chamado problema luso-brasileiro sob os seus aspectos politicos que parecem incompreensiveis e obscuros tanto deste como talvez do outro lado do Atlantico.

Muito propositadamente são longos aquelles intervallos que poderiam parecer casuaes. Ha evidente vantagem e interesse commum em não acirrar antipathias ou aprofundar as dissidencias estereis.

O que ha precisamente é um problema portuguez a que se quer dar um traço de união e conjugar com as questões brasileiras. E essa verificação explica não a hostilidade que não existe por mais que queiram gratuitamente invental-a, mas a indifferença nossa, toda nacional, por tudo quanto não nos diz respeito.

É certo que a nossa vida de relação ainda é

muito fraca, e temos muita reduzida sensibilidade e prestigio no concerto universal. Os outros países quando não nos ignoram, contam muito pouco connosco.

Vamos crescendo á sombra dessa distancia de remoto e insignificante satellite da civilização.

O problema luso-brasileiro tira-nos dessa pacifica situação de gente feliz e sem historia.

Acena ao Brasil e o convida a um grande papel mundial. Mette-o num grande imperio nas cinco partidas do mundo, cria subitamente, á maneira britannica, com fragmentos esparsos, um « portuguese-speaking-world ».

As imaginações mais escaldadas e megalomaniacas choram de jubilo e contentamento diante dessa majestosa construcção. Não mais haverá occaso do sol nesse novo como no antigo imperio dos Felipes e de Carlos v.

Essa idéa immensa seduz todos os espiritos gongoricos e hyperbolicos. O Brasil que não tem uma frota para vigiar as suas praias tel-a-á, para assombrar o mundo e cruzar e guardar tres oceanos.

É bem o temperamento e o vaticinio daquelle lusiada :

Que se mais mundo houvera lá chegara.

Não é de todo mau, como problema portuguez. Resta apenas saber se o Brasil póde sensatamente metter-se na aventura de fazer figuração interna-

cional antes de fazer uma modesta e necessaria vida interior.

O Brasil em dois terços do seu territorio é quasi um deserto. Os seus grandes problemas nacionaes de povoamento, de valorização economica e de instrucção não passaram ainda do cortex humido do littoral. N'esse nosso enorme deserto impervio e incommunicavel só ha, por assim dizer, um problema unico especie de — *nosce te ipsum* — e é o tratar-mos de nós mesmos.

Não podemos cultivar outra philosophia e nenhum outro idealismo.

E não é pouco. Não só ; é muito e muitissimo.

Os proprios portuguezes teem sido os nossos auxiliares no desbravamento da terra e na exploração de sua riquezas. E pena é que Portugal seja tão pequeno para abastecer de energia humana as terras vasias da America.

Comtudo o Brasil ainda é a terra preferida para elles que buscam o sonho da promissão.

Assim trabalhamos, vivemos occupados e preocupados intensamente com essa enorme tarefa de que não devemos um só instante desviar as vistas.

E eis que algumas pessoas de boa fé nos propõem problemas exóticos ou extravagantes, grandiosos e imaginativos, com o intuito de nos alongarmos de nós mesmos e de viajarmos a boa viagem por mares nunca dantes conhecidos . . .

Lá irá dom Quixote com o seu escudeiro a endireitar os tortos, contra ambições imperialistas eventuaes, a conter a Alemanha rediviva ou o inglez absorvente, se por acaso . . .

Não ! isso é demais para o brasileiro que ainda

não saíu das praias e lobriga ainda na orla do horizonte as imagens das caravelas conquistadoras.

Não seria melhor ficar em casa ? no lar que tanto necessita a nossa presença e vigilancia ?

Assim não pensa um portuguez eminente ; medico, diplomata, partidario da « *Confederação luso-brasileira* », o doutor Bettencourt Rodrigues que viveu algum tempo em São Paulo e dedica verdadeira sympathia ao Brasil.

Por obsequio de um joven amigo, tambem diplomata, o Dr. José Roberto Macedo Soares, recebi agora os retalhos do *Diario de Lisboa* — de 18 e 19 de julho. E ahi encontro a sensacional entrevista que a esta folha concedeu o Dr. B. Rodrigues. É demasiado longa para ser transcripta e é realmente bem architectada.

Lembra os antecedentes historicos ; a carta, por exemplo, de Dom Luis da Cunha, do tempo de Dom João V, na qual aconselha a mudança da capital portugueza para o Rio de Janeiro, certo de que o futuro da raça estava no Brasil e de que a hegemonia do mundo teria de pertencer á America.

Esse pensamento do seculo XVIII está amadurecido ; e recórda as opiniões da actualidade e de escriptores brasileiros, Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha, Paulo Barreto, Mauricio de Medeiros, concordes mais ou menos com os escriptores portuguezes João de Barros, Alberto D'Oliveira, e outros.

Ha, dest'arte, de qualquer maneira um entendimento intellectual entre os dois paizes ?

Não ha. Absolutamente.

Essa concordia é pura fallacia. É pelo menos literatura ; e ha quem diga que, entre nós, é cavação, suspeita que nunca admittimos.

Bastam para explical-a o espirito de novidade ou de exotismo, o espirito *frondeur*, a actividade da imaginação, a cordialidade amiga, ou, talvez, a falta de assumpto.

Não ha uma só pessoa de responsabilidade politica que tenha agitado essa questão, aqui inadequada. Não é possivel desenvolver qualquer pensamento politico sem raizes na opinião publica.

Effervescencias de tal natureza logo se evaporam e se perdem na atmospherá.

Depois, falta-nos a opportunidade quando já se reclama a urgencia.

« É necessario andar rapido » diz o doutor Bettencourt Rodrigues.

— E para que tanta pressa ?

— « Portugal (diz elle) atravessa neste momento uma das crises (cá tambem a temos e não pequena) mais angustiosas e difficeis da sua historia, para a qual cumpre encontrar prompto remedio. Ora, esse remedio bem poderá ser o que a biologia nos ensina ao mostrar como certas cellulas que se multiplicam « por divisão » só escapam á degenerescencia e á atrophia senil voltando a unir-se a uma cellula igual de que já fizeram parte.

« Se essa união é para Portugal uma condição de rejuvenescimento e ao mesmo tempo de prosperidade economica e de integridade colonial ; se ella é para o Brasil a melhor salvaguarda dos seus mais altos interesses como sejam os da sua expan-

são commercial e do seu mais amplo e desafogado desenvolvimento marítimo . . . não vejo motivos para que ella se não effective. E assim todos os povos de lingua portugueza — Portugal, Brasil e colonias — constituiriam um grande e poderoso imperio destinado a ser talvez um dia o refugio da civilização latina ».

É lisonjeiro para nós que um país pequenino e heroico como Portugal, arriscado a perder as suas colonias, queira e prefira entregal-as ao Brasil por amor da sua gloriosa eternidade.

É coisa lisonjeira e até poetica ; mas não é practica.

Um paiz como o nosso, vasio de gente, inteiramente ôco, presta-se a certos effeitos de sonoridade.

Não é de admirar que a exaltação portugueza aqui encontre contagio facil e demorada repercussão.

Não passará, todavia, de mais uma cantiga para os nossos tenores :

Corro a salvarti . . .
Madre infelice

Como somos latinos e em especial por fino gosto, francezes, tudo acabará em canção, até mesmo para falar com a prata da casa :

Venha musica se ahi hai

como se diz no — *Auto da Ciosa* — do velho Antonio Prestes.

Felizmente.

Que é a verdade?

Meu grande amigo,

Não esperou a volta do correio para dizer-me Vossa Mercê que sou um apóstolo da mentira.

Não me senti maguado com esse remoço e reprehensão. A verdade é uma tyrannia, e eu detesto todos os tyrannos.

Mas, as coisas bem consideradas, ha talvez grande equivocação nesse temerario juizo.

Todos nós, salvo Vossa Mercê, todos nós mentimos.

A razão é simples. A verdade é uma coisa incommensuravel com a palavra. Uma não cabe exactamente na outra; quando muito podemos com grande esforço obter que ellas ambas não sejam eccentricas.

Isso explica aquelle — «rabinho de fóra» — que os avisados descobrem na espontanea imprudencia dos incautos.

Que muito é que se minta quando á primeira balbucie começa a traição e infidelidade do pensamento ?

Reflicta e considere Vossa Mercê no muito que escapa, inescrito, ao que se escreve, e quantos espectros semi-vivos se movem nas entrelinhas e agilizam á espera da perspicacia dos que nos lêem.

Talvez por isso não encham os poetas as linhas. Se Vossa Mercê quizer fazer a conta e a justiça dessas mutilações forçadas, descobrirá verdades ignotas indizíveis e ineffáveis.

Em tudo o que digo ha o que não digo.

E é bem maior o silencio na loquacidade.

Será muito ?

Estou que fará essa experiencia quando tiver tempo para vêr e decifrar em cada palavra minha um velho hieroglypho decepado.

Não tenho já esperança alguma de que Vossa Mercê consiga lêr estas linhas, tanta é a sua sêde de claridades absurdas.

Todas as occasiões em que confio ao correio as minhas cartas, faço-o com a escassa esperança daquelles naufragos que, longe do mundo, desorientados e perdidos, confiam ao bojo de uma garrafa a noticia de seus desesperos. Aonde irá ella, fluctuando no mar immenso ? quando e em que tempo a mercê dos contrarios ventos ou das prosperas correntes chegará ás mãos da gente civilizada e compassiva ?

Um dia, tarde talvez, será recolhida e merecerá o olhar piedoso ou indifferente de um selvagem.

E Vossa Mercê para mim não é um selvagem, mas, com licença da ousadia, é um analphabeto

(«in a pickwickian sense»). Não sabe lêr as ellipses mentaes. Pouco entenderá o mundo desses mysterios.

A publicidade hoje em dia é uma sciencia quasi occulta, e, como diz Chesterton, a sociedade torna-se cada vez mais uma sociedade secreta.

O unico recurso que ainda temos á mão contra a vulgaridade de todas as coisas é o da mentira, creiam-me Vossa Mercê, e, ainda assim, as proprias mentiras estão quasi todas inventadas, graças a Deus.

Já leu Vossa Mercê, certamente, aquelle conto do suave Anatole, em que uma familia discreta e de bons costumes achou que era conveniente criar, para certos fins innocuos, um personagem phantastico e irreal. E criaram assim mais uma pessoa neste mundo tão cheio dellas. — Vamos hoje visitar Putois ! — isso escusava explicações demoradas.

Afinal acabaram crendo na existencia daquelle mesmo Putois que haviam innocentemente inventado tal e tão grande é o segredo da propria vida que ainda imaginaria tem já o bastante para resistir á morte.

Todos nós mentimos de grado ou de força. Todos temos dentro de nós uma substancia catalysadora (diria um chimico) que dá velocidade á realização dos nossos desejos.

Apenas o mentiroso profissional é um sujeito indiscreto e apressado.

Para alguns, querer é poder. Se querem um automovel, trabalham, esforçam-se, esfalfam-se, economizam e acabam na posse do que desejam.

Para outros, não se explicam tantas canceiras ! supprimem a série incommoda dos esforços e logo entram na posse desejada com uma só phrase : — O meu automovel . . .

E se Vossa Mercê se der o trabalho de difficil e morbida verificação, logo achará o nosso homem prompto na resposta : — Vendi-o hontem, era um traste inutil.

E perder-se-á toda a pista das investigações curiosas.

Não. Deixemos em paz o mentiroso. A verdade é talvez malsã, e quasi sempre é a obra do despeito incontido.

Dizer as verdades, que triste coisa ! E seria Vossa Mercê capaz de as dizer ?

Não creio e nem posso crêr.

Em certo tempo em que andei a proclamar as suppostas e dubias verdades ácerca de alguns literatos, saí-me muito mal, desgostei uma multidão de gente e grangeei até o titulo de mentiroso.

Se as verdades fossem de outra ordem, na politica, por exemplo, o castigo, como sempre succede, seria tremendo.

O que Vossa Mercê pensa das minhas mentiras ácerca das academias esquecidas ou pouco lembradas é quasi uma affronta ás academias de hoje.

Tenho para mim que o ridiculo faz parte da gloria academica.

E isso em todos os tempos ; não quero dar exem-

plo á regra porque seria difficil achar as excepções da pragmatica.

Fiquemos com essas mentiras convencionaes.

Sei da historia de um pastor americano ou escossez (já não me lembra o hemispherio desse conto) o qual, uma vez, ao largo e attento auditorio que costumava ouvil-o, fez saber que no dia seguinte iria falar sobre o feio peccado da mentira.

— Vou prégar ámanhã sobre a mentira, advertiu o bom pastor. Peço, porém, a todos os meus queridos ouvintes que, para melhor preparação do que irei dizer, leiam todos o capitulo dezesete de São Marcos. Considero indispensavel essa leitura prévia.

No dia seguinte, compareceram todos. E logo, o pastor inquiriu préviamente :

— Aquelles que leram o capitulo 17 de São Marcos, conforme a minha recommendação, queiram levantar-se.

Levantaram-se todos como um só homem. E o pastor proseguiu :

— Sois vós realmente os verdadeiros ouvintes do meu sermão de hoje sobre a mentira. Porque, em verdade, não existe o capitulo dezesete. O evangelho de São Marcos tem apenas 16 capitulos.

Eis uma experiencia que seria quotidiana, se tivéssemos os recursos de espirito do prégador.

Não diga Vossa Mercê que eu proferi uma mentira, andando o mundo tão cheio dellas.

Ainda ha pouco, disse um senador illustre que viviamos num regimen de *camouflage*; mas o *camouflage* venceu a maior guerra de todos os tempos.

Não é felizmente uma desgraça.

E se Vossa Mercê não tem por mentirosos os meus protestos de estima, queira ainda uma vez aceital-os com a dóse de verdade possivel neste perpetuo capitulo dezesete em que vivo, para o serviço de Vossa Mercê; etc.

Meu caro Paulo,

Esta se meio do jacobinismo brasileiro, mas o
 pheromone é hereditario e nada ha mais terravel.
 chavin e inaproveitavel que o patriotismo portuguez.
 a la Nelson, ou Vinte e Quatro de Setembro? Não
 quero falar das questões que se levantam em quanto
 em mãos de luz e silencio foram um ambiente pro-
 picio a independência.
 Quero falar de modo geral, de politica e litera-
 ria e de aproximação luso-brasileira, especie subtil
 e quasi diplomatica pela vasta abrangência de seus
 diálogos.
 Esse movimento indubitavel, tanto o acompa-
 nhado com esseente incompreensão de seus in-
 tentos.
 Já foi aliás, classificado como deslucido in-
 noção, por uns; como delirio poetico ou magoma-
 tra phrenologica, por outros.

Ácerca de varios jacobinismos

Meu caro Lucio,

Fala-se muito do jacobinismo brasileiro, mas o phenomeno é hereditario e nada ha mais ferrenho, bravio e insopitavel que o patriotismo portuguez.

És tu Sertorio, ou Viriato ou Caramurú? Não quero falar das questões *sub judice*; e em quanto em mãos do juiz o silencio fórma um ambiente propicio á imparcialidade.

Quero falar, de modo geral, da politica « literaria » de aproximação luso-brasileira, especie subtil e quasi diplomatica pela vaga obscuridade de seus dizeres.

Esse movimento indefinivel, temol-o acompanhado com crescente incomprehensão de seus intentos.

Já foi, aliás, classificado como dithyrambo innocuo, por uns; como delirio poetico ou maçonaria burocratica, por outros.

Grave erro ! por que o phenomeno é sentimental. É um estado de nervos.

Como quer que seja, senão o facto, pelo menos a tendencia subsiste ainda.

Não sabemos, em verdade, o que significa. Talvez não seja uma idéa, mas um estímulo apenas.

É preciso, todavia, não menosprezar os imponderáveis. Como vive o homem de ar, as sociedades também necessitam esses alimentos subtis e impalpáveis.

Neste caso e nesta especie, a nossa incompreensão pôde ser explicavel.

Não sentimos.

Não tendo noticia alguma de attitudes hostis e aggressivas contra os portuguezes que collaboram connosco na grandeza da terra commum, difficil fôra explicar um supposto antagonismo intellectual entre os dois povos.

Sempre nos pareceu despropositado e *sine materie* o programma de intensificação desnecessaria de relações que não cessaram nunca de existir.

Ha sem duvida uma subtracção successiva da influencia intellectual portugueza no Brasil; já não precisamos, como outr'ora, de uma palavra de recommendação de Herculano ou de Castilho.

Os tempos são outros.

Talvez venha dessa emancipação, que é apenas um signal de crescimento, o desejo de reatar a interdependencia das duas literaturas.

A theoria do relativismo de Einstein que hoje corrige as velhas leis newtonianas, aconselha a vêr nas coisas, não tanto « coisas », mas « acontecimentos ».

Convém envolvê-las na quarta dimensão, a do tempo, para ter a imagem stereometrica e verdadeira do que são.

Para nós americanos e emancipados das ligações umbilicaes e coloniaes, o tempo abriu já uma divergencia enorme das antigas metropoles.

Somos differentes, e até certo ponto indifferentes.

Se a distancia enfraquece a gravitação, resta sempre uma saudade que enche as longas separações.

Os escriptores portuguezes que se occupam de aproximações estão fazendo a tarefa de Sisypho, coisa inutil e eventualmente antipathica.

Parece que nos estão a vêr, como dizem os *yankees*, pelo lado errado do binoculo. Fazem-nos distantes nos momentos em que estamos proximos e perdem com a noção das distancias a das conveniencias.

Se a qualquer dos dois paizes coubesse o dever de incitar aproximações intellectuaes, ao Brasil é que importaria tomar a iniciativa.

Não somos conhecidos em Portugal. Na sua imprensa, nas suas livrarias e nos seus catalogos bibliographicos, não ha vestigios da cultura brasileira.

O pouco que lá sabem é de ouvido ou de correspondencias epistolares, de reciprocidades por vezes reprehensíveis ou de subsidios de torna-viagem.

E a nossa vida mental é tida como uma especie de sotaque, generalizado a todas as coisas do tropico. É açúcar colonial.

É evidente e não necessita demonstração que o Brasil é um lugar vago para quantos queiram. A aproximação está patente na assiduidade e presença, aliás agradável, de portuguezes na imprensa literaria do Brasil, nos mostruarios de todas as lojas brasileiras de livros. Quasi que amamos sem a esperança de sermos amados.

De longe ou de perto os intellectuaes portuguezes aqui escrevem, aqui são lidos. Que mais querem ?

Tudo isto, sem reciprocidade de especie alguma. Nem escrevemos nós na imprensa portugueza onde não teriamos lugar, e nem os nossos livros se encontram nas livrarias de Lisboa, do Porto ou de Coimbra.

Continuamente, os nossos autores são solicitados pelos collegas de além-mar a enviar exemplares de obras que lá desesperam de encontrar e conhecer.

D'est'arte, a nós caberia a iniciativa, se nos conviesse, do apregoado intercambio intellectual.

A verdade deve ser que não convem ou convem muito pouco. Não pensamos em collaborar em jornaes portuguezes nem promovemos a diffusão da literatura brasileira em terras de além-mar.

✻ E a razão dessa inconveniencia é perfeitamente clara : não ha nenhum interesse economico apre-

ciavel nesse commercio, e o interesse de ordem intellectual é já agora muito duvidoso.

Que pensas tu dessa antinomia economica quasi irreparavel ? Que padrão monetario havemos de inventar ?

Os portuguezes da Europa bastam-se a si proprios, e não comprehendem a literatura americana : acham-na bastarda, imperfeita, diferenciada, languida ou disforme, em qualquer caso sem maior interesse que o de uma amostra dialectal.

E depois, a attitude portugueza é emphatica e por vezes, insupportavel. Falo da attitude natural e inconsciente que, não o sendo, nos parece atrevida.

Queremos tomar para exemplo os dois ultimos propagandistas da aproximação, amigos sinceros, leaes, e cheios de extraordinaria sympathia pelo Brasil.

São elles, já se adivinha, Alberto de Oliveira e João de Barros.

São de tal modo nossos amigos que com um rijo abraço de fraternidade chegam ao ponto de nos supprimir.

A esses processos de axphixia amorosa cá chamamos — « abraços de tamanduá ».

Assim, João de Barros annuncia e realiza uma conferencia de aproximação a que dá o titulo de — « Portugal maior ».

E o Brasil ?

Onde ficamos nós ? ali dentro, absorvidos e escondidos por uma ellipse grammatical.

O que ha é — « Portugal maior » ; em genero e em especie ; nós outros não passamos de um subentendido.

É natural que protestemos contra a gentileza de tamanha absorpção.

Afinal, já passa de quatro seculos que temos um nome e não queremos perdê-lo numa ingenua allegoria rhetorica.

Mas, para o nosso amigo — PORTUGAL MAIOR — dispensa a superfluidade verbal de um Brasil.

É uma attitude inconsciente, escrevemos ; porque a intenção não podia deixar de ser a mais gentil possível.

O outro propagandista, é o nosso amigo, o diplomata Alberto d'Oliveira que tantas affeições aqui deixou quantas as saudades que teria levado dos seus admiradores.

Alberto d'Oliveira, deixando o Brasil, escreve um livro, e logo o intitula — PORTUGAL DA OUTRA BANDA — ou, a — Outra banda de Portugal.

Não ha muito, (dizia-me elle na Academia, voltando da Argentina) achei outra formula para o Brasil : É o meu Portugal de sobreçalente.

É uma chado expressivo e gentil mas . . .

De novo, sentimos o effusivo abraço do taman-duá. Desapparecemos inteiramente como um subentendido. Que fizeram do Brasil ?

O que ha é Portugal ; e fóra das letras unciaes, ha que advinhar na lombada a terra de Santa Cruz.

Eis ahi dois exemplos patheticos da attitude dos intellectuaes portuguezes.

Realmente, é conceder-nos pouco ; uma banda, anonyma ou uma dignidade de encoberto ou ainda um recurso em horas climatericas.

Entretanto não protestamos ; o nosso povo é indifferente e quasi inerte para essas recriminações inuteis. Conhece a intenção e absolve a poetica metaphora.

Ha, pois, um jacobinismo portuguez, mais excessivo que o nosso e mais perigoso que a usurpação dos Felipes.

— Santiago y cierra España !

Um bilhete sem endereço

A condição essencial á vida literaria não é a independencia que resulta da riqueza ou do bem estar. O que torna o homem de letras infecundo ou impossivel, é a tendencia ou a necessidade que lhe impõe certos modos de vida e certas profissões intellectuaes.

Fosse elle um mecanico, um artifice ou operario culto, nas suas horas vagas, se as houvesse, estaria prompto e disposto á producção das obras de arte.

O que diminue e estiola a capacidade artistica é a profissão intellectual, aproximada, que fatiga o espirito e lhe sorve todas as forças. É um paradoxo apparente. Essas profissões intellectuaes, o jornalismo, o professorado, a magistratura, a sciencia, a politica bastam para uma inibição completa da espontaneidade e frescura dos sentimentos e das idéas.

A obra literaria reclama necessariamente um repouso longo, um estado de sonho e devaneio que espera morosamente a condensação em fórmulas definitivas.

Os trabalhos mecanicos se não forem excessivos, prejudicam muito pouco essa attitude, e antes a fortalecem pelo contraste, pois que o repouso não é mais que uma variedade da energia.

Entretanto, o homem de letras é sempre coagido a aceitar e a exercer as *profissões aproximadas*, mais convenientes á sua cultura, e ao mesmo tempo mais nocivas á produção da obra de arte.

Dahi os numerosos casos abortivos que constituem a regra geral entre jornalistas, politicos e homens de sciencia. Comquanto possam ser grandes e eminentes nessas vocações occasionaes, muito perdem na vocação essencial do artista, se porventura a possuem.

Assim, é incrível a mortandade e matança de intelligencias e qualidades mentaes, pela erronea distribuição economica da sociedade, sacrificadas aos esforços mais contraditorios e mais estereis. A profissão intellectual não póde ser um meio propicio ao artista.

De mim, falando com toda a lisura e sem vaidade, desde meus annos infantis, senti com vehemencia que havia de ser um pintor ou esculptor, e nunca o fui e nem consegui sequer passar das primeiras linhas, inferiores até á propria mediocridade. A preocupação juvenil desapareceu esmagada.

A literatura foi para mim a primeira obliquidade e a primeira perversão esteril. O didactismo completou essa tendencia infecunda. O resto, no jor-

nalismo ou em outras actividades mentaes, consumiu a ruina com a ampliação do erro primitivo. O resultado é que nada fui, nada sou e nada serei. Não é meu egoismo que se lastima dessa inutilidade, é a convicção de que este caso é mais geral do que se suppõe, e que, portanto, soffremos todos nós uma diminuição importante que representa um grande prejuizo social, nessa troca de papeis, nessa perpetua destruição de energias aproveitaveis.

Não é, pois, um episodio, é um caso epidemico consideravel.

Estou que a sociedade brasileira (pelo menos nesse momento talvez inicial e passageiro) é victima daquelle equivoco profissional, em larga escala.

Não podendo manter-se por si mesmas, a arte e a literatura tudo perdem pelo descaminho das tendencias normaes.

O jornalismo, por exemplo, é o logar commum de todas essas phosphorescencias intellectuae; mas não é só o jornalismo o espojadouro unico. A magistratura, a advocacia, a medicina e a engenharia, a politica são *aproximações-literarias*, e, como taes, logares de fermentações infructiferas.

O trabalho material e mecanico se fosse productivo ao ponto de sufficiente conforto, seria a occupação mais apropriada e menos impertinente e incommoda, ás necessidades do espirito.

A questão será resolvida no futuro, quando se inverterem os valores economicos do presente; mas é licito suppor que, antes disso, um estado social, mais justo e mais equalitario, de menos luxo e vaidade, e de menor sensualidade, possa pelo me-

nos attenuar aquelle vicio inutil da esterilidade por *aproximações*.

Tempo virá em que poderemos estudar, como se fossem manias morbidas, as tendencias do nosso tempo, que não revelam mais que insoffridos desejos de dominio social e de sensualismo grosseiro, á custa de profundas desigualdades e patheticas injustiças

Nenhum de nós logrará attingir a idade das verdadeiras distribuições e do equilibrio das vocações verdadeiras.

Até lá, não ha outro recurso senão aceitar a contrariedade e a morte dos nossos proprios desejos, reservando um pouco de energia disponivel em favor da maior esperanza da humanidade.

Ácerca das inconveniencias da theoria reunida á pratica

Minha senhora,

É muito difficil responder a V. Ex.^a sobre a questão que me propõe, e digo, com o coração nas mãos (e por não fugir á pergunta), que em quasi todas as cousas deste mundo muito preferivel é a theoria á pratica mórmente quando ambas se associam em demonstrações e exemplos. Já não falo das cousas havidas por más nem daquelles atrozes peccados que, quando só o são de pensamento e não se põem por obra, parecem naturalmente menos graves. Quero referir-me áquillo que se chama o prazer, a admiração, o gozo, a boa fortuna, o dinheiro e a boa mulher. Creio que não vale a pena experimental-os e que é melhor nunca tel-os visto.

Dos dois versos de Camões :

Mais vale exp'imentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode exp'imentá-lo.

o ultimo é de uma alma sã e discreta. Especulação e praxe jámais se completam, o que á primeira vista se pudera entender e acreditar. A muita theoria torna o homem subtil e aéreo, e redul-o a pura alma ou phantasma ; mas a muita pratica, pelo commum, mais emmagrece que engorda. A theoria faz-nos em ether ; a pratica faz-nos em ossos.

Ha quem o duvide ? A mesma duvida não se compadece com os factos.

É o que comprovam todas as historias do mundo ; agora, porém, quero só recontar um caso que succedeu não ha muitos annos nesta boa e valorosa cidade.

Uma mulher literata das que importunam a gente para que as ouçam na leitura dos seus fastientos poemas, (e são aqui innumeraveis como V. Ex.^a bem o sabe) convidou um dia o meu amigo Bernardo Claraval para um destes frequentes e indigestos banquetes de literatura.

A literatura feminina não me desagrada ; e creio que ellas, as mulheres, quando a vida fôr mais intensa, serão os unicos homens de letras.

V. Ex.^a bem conhece o Bernardo Claraval, o famoso autor da *Ballada em ut minor*, que é um hymno á divina serpente do paraiso. Não é homem que recuse ponto ou qualquer convite que cheire a saias, e tanto mais vindo da poetiza que no caso de que falamos era formosa e, se não formosa, rica de corpo e da mais natureza.

Fui de tudo, e por menor, informado pelo pro-

prio Bernardo que me encontrando na rua, amontoando razões, enfiou o seu pelo meu braço e disse em palavras curtas :

— Vamos ao poema da Alice.

Fomos juntos e lá chegamos. Eu, medroso e como quem ia para apanhar, e elle ousado e forte, acostumado a domar serpentes e a confundir os corações frageis.

Não era um poema como me havia dito, mas era quasi a mesma cousa porque era um romance de amor.

Dona Alice lia admiravelmente, com todas as regras physionomicas da prosodia sentimental em que tudo falava ou pelo menos estremecia e vibrava do collo para cima. Os olhos della despediam relampagos ás vezes, os seios amplos arfavam e os labios lembravam aquella serpente edenica que dera reputação ao autor do *Genesis* e ao Bernardo.

Aquella conferencia ou leitura não era de todo theoretica e especulativa ou literaria porque num passo do manuscrito em que se descrevia uma ceia opipara, com admiraveis côres, entrou pela sala uma rapariga com uma bandeja de chá e biscoitos. E dona Alice interrompeu a leitura, e nós o ouvido que era attento.

— Uma lembrança magnifica, disse Bernardo já com um biscoito entre dois dedos. Esta magnifica descripção da ceia no romance de V. Ex.^a, já me fazia agua na boca ; e tenho para mim que a practica é um complemento essencial da theoria. Seja abençoado o chá. Bem vindos, estes magnificos biscoitos . . .

E elle continuava com os dentes o rythmo da

prosa, manducando poeticamente os biscoitos de Alice.

Mais foi isto apenas um incidente e dentro em pouco a leitura continuou sob a excitação do chá reconfortante. As scenas do romance succediam-se; os personagens inflammavam-se proximos ao incendio da catastrophe.

Dona Alice lia com todas as inflexões admiraveis de sua voz meiga, suave, ás vezes plangente, quasi em lagrimas nos passos mais tristes, e havia ali no seu livro grandes tristezas de amor e de paixões longas, abafadas.

O Bernardo movia-se na cadeira, untuoso, mulherengo, com os olhos em agua, a boca aberta para ajudar as narinas amplas, que bebiam todo o ar da sala. Em um ponto ou capitulo os dous amantes do romance, que sempre os ha nas cavallarias de taes livros, encontravam-se á beira de uma floresta, fugitivos, escapando á perseguição do mundo e dos preconceitos, e começou então aquella musica eterna dos beijos longamente imaginados... Dona Alice tremia, sentindo a inspiração, a sinceridade e a verdade de sua propria arte...

Ao lado, Bernardo avolumava-se, incontido, sem geito, inquieto, como mordido por invisiveis serpentes... Num momento, como homem que não admitte a pura especulação theorica, vi-o levantar-se, forte, apopletico, brutal e chamar a si a dona e o manuscrito que se lhe escapou em folhas brancas como pombas ruidosas e arrulhantes voejando por toda a sala.

Estava já Dona Alice a cavallo sobre aquella admiração incoercível. Os dois seres inconhos pareciam desaparecer um no outro em mysterio inconsutil . . .

Eu, espavorido, sahi, correndo, e precipitei-me escadas a baixo.

Quando cheguei á rua, olhei para cima a vêr se enxergava acaso o Bernardo.

Qual ! a estas horas o nosso homem repetia, em segunda edição refundida, o chá e os biscoitos.

Não posso dizer as coisas muito ao certo, porque a vista se me escureceu, mas pude lobrigar que alli a pratica amparava a theoria, se não estou tresvariando.

Creio, pois, ter respondido a V. Ex.^a E como deste exemplo do meu amigo Bernardo de Clara-val tenho tirado algum governo de vida, aproveito para communicar-o, etc., etc. De V. Ex.^a etc.

Ácerca de Gregorio de Matos

Meu senhor,

O brasileiro passa por ser um sujeito quasi funebre, com o aspecto de quem anda ralado de intimos desgostos.

Esse desengano foi já um thema explorado desde a época colonial. Os nossos antigos poetas, como os pioneiros do antigo Brasil, queixavam-se da tristeza da terra, das insidias do sertão inculto, da aspereza das brenhas e da ferocidade das gentes selvagens e bravias.

Esses poetas ao voltar do Mondego ou do convívio das tagides viam comprometidas e perdidas a sua arte poetica e as suas imagens literarias.

Pouco a pouco foi desaparecendo essa melancolia de letrados absenteistas e inadaptaes á luz do céo americano e aos aspectos diluviaes dos grandes rios.

Comprehenderam, tempos depois, que a terra

tinha os seus encantos ainda que desproporcionados á medida velha e realmente monstruosos ; mas começaram a interessar-se pelas nossas coisas.

A melancolia é o temperamento dos satiricos e dos humoristas ; e não é difficil, pois, explicar a poesia e a vehemencia de um Gregorio de Mattos, tanto melhor quanto já havia exemplos na metropole desse estado de alma, de absoluta displicencia entre as ridiculezas da restauração.

O seculo XVII é o do mais descabellado artificio da literatura com a criação das Academias.

No Brasil, porém, já havia despontado o nacionalismo com o — *Dialogo das grandezas* — que foi um golpe contra o pessimismo dos advenas do primeiro seculo.

Com quanto pessimista, é Gregorio de Mattos um amigo da terra e não lhe faltava piedade pelas nossas fraquezas.

Sua ironia é por vezes amavel.

Faz rir, sem affrontar o sentimento de regionalismo já muito perceptivel.

Agora, em varios pontos do Brasil, na Bahia principalmente, celebram o terceiro centenario do nascimento do poeta.

O terceiro centenario de Gregorio de Mattos funda-se numa convenção chronologica. Discute-se ainda se o poeta nasceu em 1623 ou em 1633 ; não ha meio de acuar a certidao de idade e certamente é muito difficil substitui-la por argumentos e razões literarias.

Comtudo, Xavier Marques fez notar excellentemente que a opinião antiga sempre foi a do pri-

meiro biographo que teve o poeta, o licenciado Manoel Rebello, do seculo XVIII.

O pomo da discordia foi lançado por Varnhagen que assignalou para o natalicio do poeta bahiano o dia 20 de dezembro de 1633. Varnhagen era um sabio pesquisador que se não deixava levar por opiniões assentadas e tradicionaes, sem exame sereno e meticoloso das fontes.

Tinha, porém, um grande defeito. Frequentemente corrigia, sem indicar os documentos que lhe serviram para a correcção de erros recebidos e vulgares.

Era essa uma especie de vaidade de que a miude fazia ostentação silenciosa. « Quem quizer, que estude e verifique se estou em erro » era o seu pensamento.

Dessa parcimonia na allegação das fontes principaes está cheia a sua grande historia do Brasil.

Comtudo, Xavier Marques inclina-se a admitir qualquer erro possivel do arguto pesquisador. Não é coisa impossivel. Todavia, é fragil o seu argumento quanto aos copistas de Varnhagen que, aceitando a data de 1633, esquecem de emendar a da morte ou a da idade.

*

* *

Emfim, o erro de um trigesimo, já passados tres seculos, não afflige muito a consciencia.

1623 ou 1633, que importa para a eternidade da fama ?

Peior e muito peior que esse microscopico vaniloquio da erudição é que as obras de Gregorio de Mattos não estão ainda publicadas, como cumpria.

Tentou fazel-o Valle Cabral e chegou a dar-nos um volume precioso que é ainda hoje o mais abundante florilegio do poeta.

Doença pertinaz e terrivel impediu o tentamen que ficou nesse primeiro volume que é de 1882.

Convinha, convem e convirá sempre continuar o trabalho do saudoso bibliographo.

A Bibliotheca Nacional possui alguns volumes manuscriptos do poeta, os quaes provavelmente não abrangem toda a sua obra.

Outros manuscriptos por ahi andam em varias mãos, no Brasil e em Portugal. Reunil-os, colleccional-os, completar as deficiencias de uns e outros, notar as variantes, expurgal-as de vicios inseparaveis das copias, seria empresa para um dedicado amigo e admirador do satirico bahiano.

*

* *

Como succede ás obras que longamente correm manuscriptas, ha muita coisa duvidosa e incerta nas producções de Gregorio de Mattos.

Algumas dellas são attribuidas a outros poetas do tempo e necessitam exame critico. Do seu collega, no genero de poesias fesceninas, Thomás de Noronha ha versos que parecem de Gregorio de Mattos e talvez uma boa parte seja de mão commum.

Os copistas nesta especie mais valor davam ao

genero que á autoria das composições. A bandallice e a licenciosidade bastavam como razão de ser de varias collecções facticias.

E não é facil discriminar nos manuscriptos menos perfectos a parte que realmente cabe aos autores.

Acresce que na obra de Mattos ha muita coisa que é imitação literal de Quevedo e de outros.

Ainda mais. Ha simples traducções quasi á letra que passam por productos originaes do satirico bahiano.

Queremos dar agora um exemplo. Ha muitos annos, conferindo algumas variantes do poeta, achei na *Nova Floresta*, numa glosa ao mote — *A mais formosa que Deus* — o desenvolvimento pio e orthodoxo daquella quasi impiedade.

O poeta achou em seus recursos o meio subtil de interpretar aquelle verso com a mais bella intelligencia que se podia dar ao texto.

Eil-o, segundo a versão que me pareceu mais fiel e perfeita :

A mais formosa que Deus

Glosa

Eu com duas damas vim
 De uma certa romaria :
 E uma, feia em demasia,
 Sendo a outra um serafim.
 E vendo-as eu vir assim
 Sós e sem amantes seus,
 Lhes perguntei: Anjos meus,
 Quem vos poz em tal estado ?
 Disse a feia — que o pecado —
 A mais formosa — que Deus — .

Esse é o texto de um manuscripto que esteve em meu poder. O do padre Manoel Bernardes, incluído no quarto volume da — *Nova Floresta* — apenas discrepa em algumas expressões — *donzellas* — em vez de *damas* — e no terceiro verso — *feia parecia* — em lugar de — *feia em demasia*.

Tratei desse caso, de ambos os textos, do oratorio e do manuscripto, em livro meu o — *Fabordaõ* — onde se encontram outros pormenores que não importam agora.

Será de Gregorio de Mattos a glosa aqui examinada ?

Parece que é delle, se nos limitarmos ás probabilidades exteriores, ao velado testemunho do autor da — *Nova Floresta* — e á lição do manuscripto facticio (vol. 14 — de *Obras varias*, copia portugueza por letra do seculo XVIII).

Não conheço o texto da Bibliotheca Nacional que não tive occasião de consultar, se por acaso ali figura essa linda glosa.

Tenho, porém, agora uma informação preciosa achada por um erudito escriptor, o sr. Lindolpho Gomes.

Devo á sua gentil communicacão um facto inteiramente novo, por si mesmo muito significativo, e agora ainda mais, neste momento em que é lembrada a memoria do poeta bahiano e renasce a idéa de organizar uma edição critica das suas obras.

É que os formosos versos de Gregorio de Mattos . . . são espanhoes, e provavelmente correram Espanha e America attribuidos a poetas repentistas como prova de habilidade dos mais famosos rapsodos e glosadores.

Effectivamente, não seria facil transformar uma proposição heterodoxa e heretica numa verdade pia e christã.

Como desafio á argucia dos repentistas, o mote — *A mais formosa que Deus* — evidentemente de origem culta devia provocar innumeradas versões, ou vulgarizar a que mais parecia adequada ao sentimento christão.

Os versos espanhoes, achou-os Lindolpho Gomes num volume de Ricardo Palma, poeta peruano, (*Apéndice a mis ultimas tradiciones*).

Ricardo Palma attribue a glosa a um poeta popular da sua terra conhecido pela alcunha de *Ciego de la Merced*, da cidade de Lima e do seculo XVIII.

Essa affirmação de todo inverosimil deixa patente que a glosa era espanhola e corria nas colonias como corria em Portugal.

Eis a decima espanhola, que no meu conceito é a poesia original :

Dos señoritas habia
 paséando-se en un jardin :
 Ia una como un serafin,
 Ia otra un dragon parecia.
 Y viendo la pena mia
 Tal diferencia en las dos,
 las dije — Niñas, á vos
 quien tales rostros ha dado ?
 La fea dijo : — El peccado,
 La más hermosa : — Que Dios.

Desta arte e com esses documentos, a conclusão de probabilidade, pois que nenhuma clara certeza temos, é que a glosa foi traduzida em portuguez por

qualquer poeta e talvez pelo proprio Gregorio de Mattos.

Não se trata, já se vê, de nenhum plagio. Gregorio de Mattos não publicou as suas obras, não teve oportunidade e ensejo de declarar o que lhe pertencia, nem assignalar as imitações (que nelle são numerosas) nem as traducções que porventura houvesse feito.

A mesma questão de originalidade, tão encarecida hoje, no seu tempo carecia de importancia. Os bons versos das literaturas congenitas eram propriedade commum. Os mestres perdiam seus thesouros dissipados entre as mãos dos discipulos.

As edições criticas, porém, não podem deixar em silencio essas pequenas disquisições dos eruditos.

Na mesma — *Revista da Academia* — ha tempos escrevi algumas paginas sobre as incertezas da nossa historia literaria, a proposito de Gregorio de Mattos e de outros cujas producções, viciosamente reunidas, reclamam demorado e attento exame.

Em qualquer caso, a publicação que tenta a Academia, embora imperfeita ou destituida de critica, como eventualmente pode succeder, é serviço de grande prestimo e contribuição que deve aproveitar a pesquisas ultteriores.

P. S.

Poucos dias depois de haver escripto as linhas anteriores, vimos num folhetim mais ou menos officialmente confirmada a noticia de que dentro em pouco vão ser editadas as obras de Gregorio de Mattos, patrono da cadeira hoje occupada por Felix Pacheco, que, como Ministro do Exterior, mandou que

se tirasse copia dos quatro volumes pertencentes a Varnhagen e que hoje estão na bibliotheca do Itamaraty.

Vê-se, como dissemos, que a commissão de publicações, aliás bem constituida, não dispunha de tempo para tamanha tarefa. Mas, Felix Pacheco faz parte daquella commissão em que se estreia auspiciosamente; e com os seus amigos pode o activo presidente da Academia obter ainda o valioso subsidio e aproveitamento dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional, o que naturalmente já lhe occorreu desde o primeiro momento.

Se quizesse a Academia fazel-o com mais vagar, não seria coisa inutil e esteril explorar a parte com que podiam contribuir as bibliothecas e livrarias portuguezas.

É preferivel, porém, renunciando á edição critica e completa realizar o tentamen de si mesmo consideravel.

Os eruditos farão o resto e a seu tempo.

Ácerca das coisas adequadas

Meu senhor!

Volto á conversa interrompida pelos que-fazeres quotidianos que enchem e emendam todas as minhas horas num tecido inconsutil de frivolidades ridiculas.

Aproveito um atrazo de relógio para resfolegar na companhia da sua grande alma.

Ah que saudades me faz Vossa Mercê neste momento!

Pois não sabe? Apenas, respiro agora. Aquelle tufão de ante-hontem que veio do sul, apanhou-me despercebido a uma esquina; senti-lhe o redemoinho longo, cheio de baixos-relevos e estive quasi a ser atirado para os intermundios...

Escapei, graças á elasticidade da minha carcassa, acostumada a essas compressões imperativas. Cosi-me á parede, achatei-me e dei com os dentes n'alma, até o bicharoco vagabundo passar. Já passou.

No estrondo do cataclismo apenas tive o tempo de rezar um padre-nosso e encommendar esta alma cheia de peccados ao bom Deus dos christãos.

Lembrei-me então de escrever a Vossa Mercê tão prompto no conselho como tão constante na adversidade.

Da sua ultima carta, tiro o ponto em que Vossa Mercê diz que as coisas boas são boas por eternidade e que não ha sitio melhor nem peor para a belleza ou para a virtude immortal.

Sinto discordar. profundamente, de Vossa Mercê, e tenho para mim que o grande merito de qualquer qualidade está em ser perfeitamente adequada ás circumstancias.

Póde ser até que um santo no paraíso se se der o trabalho e os riscos de uma viagem cá baixo, entre a peccar desencadernadamente com o mesmo desassombro de um incréo ou do grão-turco.

Creia-me, Vossa Mercê, todas as coisas humanas e divinas devem ser adequadas. Veja bem e considere como nas galerias dos museus sorrimos inadvertidamente dos manipansos grotescos que fizeram tremer ás gentes selvagens.

Eram, entretanto, deuses adequados que já-mais perderam a majestade divina e esperam talvez no infinito do tempo uma restauração possivel e gloriosa.

Foi o doutor Johnson, grammatico e escriptor inglez (que Vossa Mercê e eu admiramos) aquelle que achou a verdadeira formula da adequação.

Não me lembram mais os termos da formula-tanto sou refractario a brevidades laconicas e aphoristicas.

A formula de Johnson perdeu-se na turbação da minha atrapalhada memoria. Creio que estourou em mil fragmentos e não posso agora cristalizal-a neste meu estilo empolado e incoercivel.

Querendo mostrar a excellencia das coisas adequadas, o doutor inglez apresenta e offerece o exemplo de uma vacca dentro ou fóra do logar proprio.

Uma vacca é um animal bello e admiravel.

Vossa Mercê dirá escarninhamente que a vacca é principalmente admiravel quando cozida ou assada em grelha, com molho de limão e pimentinhas da India.

Não é isso. O doutor Johnson falava da vacca luzidia, nedia e viva, posta na planicie verde, verde até a extrema do horizonte, de olhos humidos e suaves como os da olhibovina Juno.

Eis, diz o doutor, um quadro formoso por ser adequado e a tal ponto que já tem posto a desafio o pincel, a palheta e o calamo inspirado dos artistas e dos poetas.

Agora (acrescenta o doutor Johnson) supponham que um pastor ou vaqueiro, canhestro, louco, malavindo e sandeu tanja e enxote o gracioso animal para dentro de um jardim.

O quadro é horrivel. A vacca entre flores, no meio de fragrantés boninas, é um espectáculo funebre e carregado de horror.

O pincel e o calamo negam suas tintas a essa lastimavel paisagem.

Diga-me agora Vossa Mercê se a vacca não é a

mesma ? se o macio pêlo, a languidez dos olhos, as proporções do porte, soffreram qualquer mudança ? Nenhuma.

A verdade é que não era e não podia ser adequada uma coisa a outra.

Não sei reduzir essa prolixidade a um aphorismo, mas confio que os fragmentos de um espelho guardam sempre as propriedades originarias.

Vossa Mercê, pois, não tem razão alguma em dizer que as coisas por eternidade são sempre boas ou más em toda parte.

Não quero dar exemplos actuaes de vaccas em jardim, para não augmentar os percalços que já me atormentam.

Quero apenas ficar na commoda transcendencia das idéas geraes. E nem me diga Vossa Mercê que eu, vaqueiro tonto e inhabil tenho já enxotado bezeros e « aboiado » barbatões para algum vergel sumarento.

Não foram vaccas, se tal houve e nem mesmo as vaccas de Johnson.

Conheço a planicie, mas sou homem, e, seis mil annos ha, fui expulso do Eden.

Queira Vossa Mercê aceitar os meus protestos de estima, e, por um desses dias (se não cair algum tufão climaterico) irei saborear em sua companhia o delicioso acepipe da vacca, como Vossa Mercê a entende, quente ainda da grelha e temperada com as pimentinhas da India.

« Bon appetit ».

Deus guarde a Vossa Mercê por dilatados annos com aquellas duas benções — a vacca e o riso — como queria Frei Luis de Sousa.

Um grão de loucura

Meu amigo,

Tenho para mim que não é desprezível, nem tampouco inhabil, o individuo que põe uma pontinha de loucura nos artefactos do seu engenho.

Em certas artes de agudeza, um sujeito meio maluco tem igualmente meio caminho andado para a boa fortuna.

Creio ter sido esse o pensamento intimo de Machado de Assis, quando traçou aquelle admiravel retrato de Simão Bacamarte, o doutor alienista.

O famigerado sabio da época colonial, recusando todas as honrarias da metropole, os offerecimentos das universidades que o disputavam e todas as vaidades da sabedoria e da fama, preferiu estabelecer-se na villa de Itaguahy, onde fundou, por natural caridade, uma casa de orates para os pobres loucos da vizinhança . . .

A — « *Casa Verde* » — inaugurou-se com um ou

dois mentecaptos. O «especialismo» profundo do doutor Bacamarte foi logo descobrindo os casos menos visiveis á vista curta dos leigos.

Em pouco tempo, a «*Casa Verde*» regorgitava... Os vereadores, o commercio de grosso trato, o partido dos «Cangicas», tudo, emfim, foi mettido naquella mansão de verdes janellas.

O proprio Simão Bacamarte, feitas as contas, tambem entrou para o hospicio.

Era antes de tudo um homem de consciencia. Porque não havia de ser louco o doutor da loucura?

Pois se a toda gente o que faltava era só juizo, de sua obrigação era tambem ser comparte naquella falta universal.

Grande sabio! grande alienista!

Quanto a mim, que desconfio da minha insensatez, com igual probidade e escrupulo, as horas de fazer aproveitamento-as como posso, discretamente, lendo tratados de psychiatria, a vêr se descubro todos os symptomas da sentença *in anima vili*. Estou, porém, conformado, pois que Itaguahy é apenas um symbolo encolhido e encaracolado em suas montanhas e valles, e quando tento rectificá-la e desdobrá-la, vejo que abrange toda a superficie terraquea.

Somos todos cidadãos daquella villa.

Foi, por isso, com certa alegria e firmeza d'alma, que li um estudo sobre a «desintegração da personalidade», pelo professor Kantor, psychiatra, da Universidade de Chicago.

— Que nos dirá esse novo Simão Bacamarte ?
Como sempre, procurei-me a mim mesmo naquelle majestoso digesto de maleitas espirituaes.

Emfim, ninguem é juiz em causa propria e é de mister andar um pouco informado do que pensam as pessoas graves a nosso respeito. Madraceei horas perdidas por aquellas paginas.

Tudo quanto li me pareceu de extrema frivolidade. Os medicos fazem nomenclaturas, como certos grammaticos que, por pobreza de espirito, não logram espremer mais que umas analyses . . .

Se o doutor Kantor me der por maluco, disse entre mim, não ficarei desconsolado.

— « Itaguahy habemus ».

O doutor Kantor, porém, acha que o typo normal coexiste perfeitamente com o dos loucos.

Quando no individuo os elementos de acção se compõem harmoniosamente, o ser é normal.

A loucura do individuo começa quando esses elementos de acção, ainda que interiormente harmoniosos, não se conformam nem se adaptam ao ambiente moral e social que o cerca.

Excepção feita da imbecilidade e idiotia, a loucura é sempre um caso de inadaptação.

Ha individuos cuja acção é inteiramente incompativel com os habitos e costumes sociaes, é o caso dos falsarios, mentirosos e caloteiros. Esse grau de loucura é muito brando, apesar dos males que causa.

Os sujeitos espartissimos dessa classe gozam perfeita saude mental.

Confesso que pessoalmente escapo aos symptomas dessa categoria. Sou muito mais tolo que esperto.

Eis agora outro typo, mais grave e todavia mais sympatico, da loucura. É o typo paranoico. A victima da paranoia, desde tenros annos, pouco e pouco, constróe o systema dos seus habitos e das suas attitudes de horror á gente, de solidão e repugnancia.

Suas reacções são lentas e demoradas; considera-se perseguido, e o é de facto, pela doentia imaginação que o torna anarchista, nihilista . . .

Conferindo-me com essa narrativa, sou acaso paranoico ?

Creio que ainda desta vez posso gabar-me de perfeita saude de alma. Jámais me considere perseguido e nem tive a necessidade morbida de aconselhar a dynamite contra a ordem ou a desordem social.

A paranoia é a loucura que mais excede o individuo e contamina as collectividades.

Ha um terceiro grupo dos psycho-neuroticos. Esses perdem todo o contacto com o ambiente, e sua obsessão é que se julgam perdidos. Um official inglez desse typo, confessa : « I know I am a damned

fool, and it's rot, but there it is ; I can not help myself ».

O doutor Kantor colloca nesta classe certos metaphysicos — os que não podem viver em violenta angustia, por não poderem explicar se Deus existe ou não.

Emfim, ha o grupo numeroso dos neurasthenicos e hystericos, sempre incompativeis com a humanidade e com o ambiente familiar, domestico e social. Esse é o dominio de Freud, que explorou tão secretos abysmos da personalidade.

Neste cyclo infernal e dantesco de infinitos matices, devem gemer os poetas e os artistas . . .

Quem, por ahi, atira a primeira pedra ?

Mas, como a personalidade humana é mais complexa e mais delicada que um chronometro de longitudes, não devemos temer as suas desintegrações, que variam ao infinito. Ha genios paranoicos, como ha santos hystericos.

O melhor expediente é o de considerar — « *Casa Verde* » — o mundo inteiro, e procedermos como se nenhuma medicina nos ouvisse.

Dissertem, classifiquem, quanto quizerem os doutores.

Um dia conseguiremos, a nosso turno, internar o doutor Kantor, elle só e unico, por aquelle alto senso que o torna suspeito á sua numerosa clientela.

Pelo menos, assim o fez, voluntariamente, o

doutor Simão Bacamarte, o alienista magnanimo, convencido de que a verdadeira loucura consiste no juizo perfeito e no bom senso.

Seneca não admittia o genio sem uma porção de loucura (*sine mixtura dementiæ*). Eis um dilemma agradavel que nos deixa a todos inteiramente tranquillos.

Essa é a verdadeira piedade das doutrinas controversas.

Acaso não o sente Vossa Mercê ?

Da anti-grammatica

Meu aproveitado discípulo,

A questão da grammatica é, no Brasil, tão importante como a questão do café.

É inutil fingir que uma ou outra não tem importancia, e só interessa a meia duzia de curiosos.

Quem não está informado de algumas pequices grammaticaes, fica inteiramente esmagado em suas ambições literarias.

Não podemos conceber a existencia de um bom escriptor ou mesmo de escriptor aceitavel se não se justifica pela urbanidade da linguagem.

O conceito, porém, dessa urbanidade é algo variavel. Escrever bem não é escrever como o fazem os portuguezes de hoje, pois confessam que ás vezes escrevem mal, e até accrescentam que, de modo gentil, já se escreve melhor no Brasil que na antiga metropole.

Muito menos é escrever bem o rabiscar grammaticalmente.

Seriam mais exactos se dissessem que nós estudamos mais intensamente e com maior assiduidade as questões de linguagem.

Os portuguezes, todavia, ainda conservam a primazia nos estudos de erudição glottologica, da phonetica e da morphologia historica e, pela copia de documentos que possuem, da lingua ante-classica.

Nós, outros, porém, cultivamos a lingua classica, versamos com maior frequencia os quinhentistas e seiscentistas, e nestes (que representam a flôr da literatura), achamos o aroma da vernaculidade e da pureza do idioma.

Essa nossa tendencia arcaizante acha na lingua nacional um substrato poderoso : a lingua que falamos é realmente mais antiga que a portugueza, os brasileirismos que não vieram de povos estranhos, são vozes portuguezas antigas que entraram para o nosso patrimonio, em outras eras, desde o seculo do descobrimento.

Eis ahi uma serie de proposições verdadeiras e irrefutaveis . . . a não ser nas mãos dos proprios grammaticos, raça de refutadores incondicionaes.

O grammatico, o verdadeiro grammatico, cattura, « ranzinza », não admite verdades de outra boca ; é elle o Chrysostomo, de cujos labios descem as ondas de ouro dos conceitos definitivos.

E se não é assim, está desacreditado aos seus proprios olhos.

Não é, pois, estranhavel, que excitem a critica e o epigramma, como succedeu a um grande e excellent commentador dos textos classicos de latinitade.

Orelli, com grave cabedal de sciencia e erudi-

ção, parafusou o desparafusou as obras de Virgilio, Horacio e outras.

Mas, causava riso a sua vaidade. Toda vez que se lhe antolhava um passo obscuro ou difficil, punha todo o cuidado em declarar que ninguem havia comprehendido o sentido do texto, elle, porém, ia dizer a ultima palavra.

Ficaram famosas as formulas habituaes com que naquellas emergencias iniciava a anotação :

— « Omnes frustra, sed ego » . . .

Todos desacertaram ; eu, porém . . .

Por isso é que o grammatico (falamos do genuino), é desagradavel, por ser peremptorio, dogmatico, categorico e o unico que realmente sabe o que diz e o que os outros dizem.

Essa situação e attitude, tradicionalmente privilegiada, faz mal aos nervos do homem de letras.

Este, quando não se sente seguro, começa por abominar os grammaticos, seus inimigos provaveis. E ainda sob essa sigla de grammaticos, reúne arbitrariamente todos os pesquisadores de varia erudição.

São, em sentido inverso, outros Orellis que substituem a audacia do commentador pelo menor esforço da resignação aterrorizada.

Estava eu a lêr uns interessantes artigos do Sr. Candido Jucá Filho, saídos a lume numa das nossas folhas diarias, com o titulo um pouco arrevezado de « Synclitismo ».

Tratava o autor da grande questão nacional (que comparei á do café), a questão dos pronomes.

Chega, depois de muito divagar, a essa conclusão verdadeira :

— A collocação dos pronomes atonos é toda phonetica ; está immediatamente ligada á prosodia.

— Não tendo nós outros brasileiros a prosodia lusitana, não podemos ter as razões nem os motivos que teem os portuguezes de observancia da collocação dita grammatical ou correcta.

Creio que transcrevo neste resumo, com inteira fidelidade, as opiniões do joven autor.

As coisas estariam bem neste pé, como estavam entre portuguezes que nunca se lembraram de examinar a questão, para elles, até ha vinte annos, desconhecida e inutil.

Entre nós, porém, essa divergencia de mera topologia começou a chamar a attenção ; e a este proposito diz o autor :

« Infelizmente, o dedo do grammatico, esse ente parasitario que vive á margem do idioma, entrou no assumpto a fazer regras, a estabelecer mandamentos, a imaginar theorias, onde apenas havia de observar e reflectir. »

O Sr. Jucá Filho fala verdade e verdade preciosa. Os nossos grammaticos, que foram os primeiros a examinar e a estudar a questão, foram excessivos, instituiram algumas regras que não existem nos classicos, que a toda a hora as desmentem, e ao lado de algumas conclusões verdadeiras, admittiram certos exclusivismos da hora actual dos portuguezes.

Estes, habitualmente escrevem : — « deve dizer-se » — ao passo que os brasileiros escrevem ou falam : « deve se dizer » — e estão conformes nisso com os classicos e até com os grandes escriptores de qualquer época da lingua commum que, todos elles empregam uma ou outra syntaxe indifferentemente.

O nosso ponto de referencia literaria deve ser a linguagem classica e não a linguagem contemporanea dos lisboetas.

Nada temos que vêr com as alterações hodiernas de além mar. E se assim não fôr, a escravização é completa : a nossa evolução se fará fóra de nós mesmos e teremos de aceitar a lingua como um genero de importação continua e variavel.

Eis o que sempre me pareceu absurdo.

Leia o meu aproveitado discipulo o que já fadigosamente tenho escripto.

A questão do pronome é toda prosodica, e desse character prosodico é que deriva a construcção syntactica.

Temos horror cada vez mais progressivo contra os esdruxulos (me diga — e não — diga-me), na composição da frase e até nos vocabulos (— chrysanthémo e não — chrysânthemo), e esse era o teor da lingua antiga, que reduziu a graves a maior parte das palavras dactylicas.

E se a posição pronominal é prosodica como diz o nosso autor e já o havia dito o nosso mestre

Silva Ramos, neste caso devemos estar satisfeitos, porque em muitas coisas temos a prosodia camo-niana, e já não a teem os portuguezes de hoje.

Camões e nenhum poeta do seu tempo pronun-ciava « tãe », « bãe », em vez de « tem » e « bem », como o fazemos e elles o fizeram.

Não sómente isso. O proprio Gonçalves Vian-na, de immensa autoridade, na materia, mostrou que muitos dos versos de Camões estão hoje erra-dos, na prosodia portugueza, mas para nós conti-nuam certissimos, na prosodia brasileira.

O grande phonetista dá o exemplo de um verso de famoso soneto :

E se vires que póde merecer-te

correcto ainda hoje na prosodia brasileira, e insus-tentavel na prosodia actual dos portugueses.

E se vir's que pode mer'cer-te.

Os exemplos podiam multiplicar-se á vontade.

Consequentemente, a nossa prosodia mais ar-caica, da bôa época, do quinhentismo, impõe igual-mente a syntaxe mais propria sem os excessos abu-sivos que nos querem impingir os grammaticos que repetem :

— « Omnes frustra, sed ego » . . .

Temos visto continuamente notar-se de errada e construcção :

— O livro se intitula — « Paginas escolhidas ».

Salta o grammatico e impõe gravemente o mo-do correcto :

— O livro intitula-se . . .

Entretanto, as duas construcções referidas são classicas, abonadas, e genuinas. Ha innumerous exemplos de bom cunho, antigo e moderno, de uma e outra especie.

Dest'arte é que os pronomes fazem dormir os mais tranquillos e trazem despertos, nervosos e vigilantes os mais timidos.

Espero que tenha dormido a somno alto o meu discipulo ; mas, desperte, que já acabei. Felizmente.

Os Perós e os Maires

(sem endereço)

Os estudiosos da nossa historia sabem que, desde o primeiro seculo, attribuiram aos indios duas expressões mysteriosas e obscuras, com que elles designavam os europeus que tiveram assiduo contacto com a terra americana, nos primeiros tempos.

Os portuguezes, para o gentio, eram « Perós » e os francezes eram « Maires ».

Eis ahi. Não se sabe bem a razão desses nomes, um pouco obliterados e esquecidos, e agora sem a garbosa bizarria do outro tempo.

Vale, talvez, a pena recordal-os em breve excursão, menos tedioso que o trabalho de revolver os in-folios poentos das chronicas.

Essa idéa inspira-me um assumpto inactual e, por isso mesmo, adequado ás predilecções do meu espirito.

Nos jornaes e gazetas, affeitos aos tumultos da actualidade, reserva-se um recanto de scisma para os contemplativos desinteressados.

Dizem que foi Nestor o primeiro que, desde os poemas homericos, achou que era melhor o tempo passado.

Esse pae espiritual dos — « *laudatores temporis acti* » — nem por isso desacreditou a Iliada. O passado não é melhor e é talvez peor que o presente, mas tem a suavidade das coisas longinquas.

A perspectiva aerea sabe aveludar os longes da paisagem e da historia.

De perto, eu creio que os « Perós » e os « Maires » eram entreambos execraveis. Tinham os mesmos propositos aladroados e civilizadores. Hoje são talvez poeticos.

Os « maires », pelo menos, não escaparam á musa de Santa Rita Durão :

Mas « mair apadú » de longe explicam
E bem vindo o estrangeiro significam.

Espero dizer em prosa algumas palavras menos asperas que esses versos cambaios do « Caramurú ».

Candido Mendes, o antigo, espirito de profunda e minuciosa erudição, escreveu uma excellente monographia sobre o assumpto, e ainda hoje, volvidos cincoenta annos, não ha quasi nada a accrescentar á sua exploração de materiaes bibliographicos.

Faltava a Candido Mendes um sentido mais vertical que horizontal, um pouco de ordem nas suas extensissimas argumentações; e essa falta era devida exactamente ao excesso de superficie e ao luxo de razões e de argumentos inuteis.

Todos os seus themas eram tratados, como dizia Horacio, *ab ovo usque ad mala*; e assim, como o entendia o poeta, parecia contar com o appetite do leitor, desde as entradas até o postre e sobre-mesa dos seus banquetes de erudição.

Espiritos delicados, sempre fastientos, não se conformam com esse regimen de bifes sangrentos e carrascão incorporado.

Seja como fôr, a *Revista do Instituto Historico*, que é a grande arca dos nossos thesouros da historia, guarda muitas das paginas memoraveis do grande pesquisador e erudito.

Um dos seus trabalhos mais interessantes foi a memoria ácerca dos « Perós » e « Maires ».

Porque, entre os indios, os portuguezes eram « Perós » e os francezes « Maires », ninguem o sabe, depois de esculdrinhados e sacolejados por tão pesadas mãos.

É um problema para glottologos e historiadores, e que tem suscitado hypotheses da mais solta phantasia.

Por não perder tempo, não convem enumeral-as todas, uma vez que não satisfazem o senso commum. Não ha sciencia de maiores liberdades que a das etymologias; sem embargo da carrancuda severidade dos linguistas novos, a balburdia continua a mesma nas trocas e baldrocas das letras, ao ponto de justificar o gracioso dito de Voltaire ácerca

das derivações : « les voyelles ne sont rien et les consonnes peu de chose ».

Não ha anachronismo na definição.

Examinando os materiaes exhaustivamente reunidos em Candido Mendes, chega-se, saltando por alpondras, de pedra em pedra, a saber que a denominação de « Perós », designativa dos portuguezes, foi inteiramente ignorada dos primitivos chronicistas.

Parece incrível que essa expressão, que devia ser geral, passasse despercebida dos proprios a quem devia impressionar o estranho apelido.

Candido Mendes aponta como fonte mais antiga uma obscura *Relação* de Simão Estacio, aproveitada posteriormente pelo analista Berredo. Dest'arte, os portuguezes só vieram a conhecê-la tardiamente, no seculo XVIII, depois da conquista do Maranhão.

Eis uma prova sufficiente contra a supposta generalidade daquella designação, ignorada nas letras dos jesuitas e nas de Gandavo e Gabriel Soares e em todo o seculo de quinhentos.

E nem só ella falhava quanto á extensão, mas tambem quanto ao uso. Os colonizadores não a conheceram e, conseguintemente, não a registraram, nem deixaram a menor allusão. Podiam lá esquecel-a ?

Entretanto, conheciam-na os estrangeiros que por aqui andaram. Os francezes do Rio de Janeiro,

desde o primeiro seculo, como se lê nas obras de Thevet e de Lery, dizem, concordemente, que os indios chamavam os portuguezes de « Perós », « Perots », « Perotz », variantes que não discrepam quasi.

A mesma coisa, uma pouco mais tarde, asseveraram os francezes do Maranhão, isto é, Claude de Abbeville e Yves d'Evreux, memorando o temor de um morubixaba indigena contra os malfazejos « Perós », e em outras circumstancia.

Accresce a estes um documento de importancia : Hans Staden, que era alemão e por aqui peregrinou em maravilhosas aventuras, na primeira metade do seculo de quinhentos, tambem affirma, incidentalmente, que os portuguezes tinham o nome geral, entre o gentio, de « Perots » (den « Perot », so heissen sie die Portugalese . . . — Cap. XVIII).

Essa opinião suggere a hypothese, muito verosimil, de que o designativo de « Perote », com a pronuncia do « t » final, como escreve o chronista alemão e mesmo Thevet (Perotz), deve ser preferida á transcripção « Perú » ou « Perós ».

O facto, de apparencia insignificante e mesquinha, encerra por ventura maior alcance, porque inutiliza uma das etymologias phantasticas mais conhecidas : a de que « Perú » vem de « Pero », nome de baptismo de varios portuguezes, ou da conjuncção « però », conforme alvitra, um pouco esdruxulamente, o nosso Candido Mendes.

Deixemos a conjectura da conjuncção « però », hoje obsoleta, por não offerecer resistencia alguma à critica.

As linguas, e ás vezes os que as falavam, chegaram a ser conhecidos por certas particulas de uso, como « sim », « yes » ou « ya ». Foi o caso da « langue d'oc », « langue d'oïl » e a « lingua do si » do Alighieri.

Mas extravagante coisa havia de ser a lingua ou o povo do « porém » ou do « però » do tempo do João de Barros.

Mais razoavel é a hypothese de que muitos portuguezes do tempo traziam o nome, da pia, de Pero. Entre os descobridores temos logo Pero Alvares Cabral e Pero Vaz de Caminha.

Tambem no tempo das capitánias ha tres donatarios que são « Peros »; Pero Lopes, no norte, e, no sul, Pero Goes e Pero Tourinho, cujos dominios abrangem o centro e os extremos da colonia; O Brazil seria, de qualquer modo, a terra dos « Peros », mas esta vista geral escapava ás noções concretas do indio, gente esparsa e entre si quasi incommunicavel.

A razão, si é possível lóbriga-la, havia de explicar-se por outras circumstancias mais claras e intuitivas.

E a verdade é que até agora ninguem a pode esclarecer.

Em certa occasião, pensei, com phantasia igual á dos meus predecessores, que o termo « perot » ou « perote » devia ser, conforme o uso do indio, a propria palavra — portuguez — vocalizada e despida de sua terminação.

Conforme a indole da lingua tupi-guarani, que era a unica em contacto com os conquistadores luitanos ou quaesquer outros, as palavras estran-

geiras eram pronunciadas dissolvendo-se os grupos consonantaes. O indio não podia dizer « porto », mas « poroto », como não podia dizer « cruz », mas « curucú » (Curuzú, nos dominios castelhanos). Na lingua geral, cada syllaba tinha só uma consoante e uma vogal. Consoantes convisinhas não podiam coexistir.

Foi assim que, por seu turno, os portuguezes deturparam varias palavras indigenas, dizendo « Serigipe », em vez de « Serigipe », e « Pernambuco », em vez de « Peranambuco » ou « Paranambuco », « Graguatá », em lugar de « Carautá ».

Vocalizando as vozes extranhas e européas, o indio só podia pronunciar a denominação — portuguez — dizendo — « perotuguêr ».

É possível e talvez razoavel admittir que a fórma usual « perotuguêr » originasse a de « perote » dos chronistas francezes e do alemão, Hans Staden.

« Pütiguar » chamam os paraguaios ao estrangeiro.

A terminação « guêr » ou « guara », ou « uara », podia ser tomada como um suffixo, e era-o, de facto, como designativo de lugar e nação.

Todos os estrangeiros receberam denominações varias e comprehensíveis : « caraibas », isto é, entes superiores, feiticeiros ; e « çobayguêra » ou « çobayguara », da nação da outra banda.

O « Paruára », de hoje, confirma o uso deste suffixo locativo.

Não dou muito por essa hypothese, que assanharia os glottologos, sempre de lança em riste contra as aventuras de um curioso dilettante sem emprego das suas horas de ocio.

Convinha ajuntal-a ao acervo dos disparates conhecidos. Emfim, mais um só...

Os « Perós » ou « Perotes » continuam, pois, a desafiar a argucia dos amadores dessa innocua acrobacia das letras.

A questão merece a renascença de um novo Candido Mendes, como elle de ponto em branco, apparelhado para agitar os Institutos.

Deixo, por falta de tempo, os « Maires », que são os francezes, reservando-os para qualquer somnolenta dissertação em pleno chá do Trianon academico.

Até lá, com antecedencia dos meus collegas, irei dormir sobre a questão.

A lingua nacional

Meu amigo,

A questão de escrever com precisão e com razoavel primor a lingua que se fala, é uma dessas decencias elementares, dessas virtudes de urbanidade que não podem ser indifferentes á arte literaria.

Salvo os decadentes da literatura, os que fazem profissão do inaudito e do extravagante e do neogongorismo que substitue artificiosamente a falta de originalidade, todos nós queremos antes de tudo ser entendidos. O *pão-pão, queijo-queijo*, é um salutar preceito que ainda não foi revogado pelo pernosticismo da inappetencia contemporanea.

É difficil, porém, determinar o limite da boa e casta linguagem entre as caturrices grammaticaes e as novidades revolucionarias.

Em livro que anda por ahí — *A Lingua Nacional* — sustentei a doutrina facil de que nós outros brasileiros tinhamos direito á independencia da lingua com que nos communicamos na America.

Não era propriamente um direito a constituir, mas, era a apologia daquillo que já estava feito por movimento incoercivel.

Parecia-me, e parece-me ainda inexplicavel toleima a tentativa de immobilizar a lingua portugueza que herdámos dos nossos maiores.

— Não soffrerá a lingua, que em toda a parte tem historia e evolução, as suas alterações normaes e inevitaveis ?

— Soffre-as, sim (responde um extremado purista), mas só em Portugal é que as soffre ; cá, todo nosso dever e expediencia consiste em tomar informação do que vae acontecendo por lá.

Foi contra essa ferrea e estúpida coacção que lancei o flebil desafio da lingua nacional.

« A lingua nacional, escrevi, é essencialmente a lingua portugueza, mas enriquecida, independente e livre em seus movimentos ».

Não era coisa nova, em verdade. Theoricamente, esse direito de independencia vinha reclamado pelos nossos grandes escriptores desde Alencar : e na pratica todos nós, consciente ou inconscientemente, estavamos, estamos e estaremos sempre a differenciar e a integrar o nosso vocabulario e os nossos modismos idiomáticos.

Convinha, entretanto, acastellar a defesa da lingua nacional num exemplo de maior tomo e pres-

tigio ; e para isso recorreremos aos americanos do norte, que se rebellaram contra os excessos do *king's english*.

Lá havia naturalmente a mesma coisa e a mesma impertinencia. A todo transe acoimavam de imperfeitos ou grosseiros os americanismos de uso geral.

Donde, lá como tambem aqui, os consultorios de vernaculidade, os antidotos e as mèzinhas contra as enfermidades correntes.

Tenho agora a acrescentar que os americanos de origem espanhola (que, entretanto, teem dado á Espanha philologos como Cuervo e Andres Bello), tambem reagem contra esse fanatismo que sobreviveu ás antigas metropoles.

Os grandes escriptores do Mexico, da Argentina e do Perú... não comprehendem essa inundação asphixiante de vernaculidade européa na America.

Os espanhoes não supportam a dicção americana e ainda menos os regionalismos do novo mundo. « A lingua é nossa, dizem elles ; vocês não teem lingua ».

Vivemos assim com essa mutilação sagrada e com essa diminuição anatomica equivalente á paralytia do proprio pensamento.

Amado Nervo, o grande poeta mexicano, assim se expressa ironicamente contra a excessiva pretensão dos espanhoes :

« Nosotros somos, y esto se lee em todas las miradas de muchos filólogos de España, simples de-

positarios del idioma. No podemos hacer de él mas que el uso moderado y natural de que los propietarios de viviendas hablan em sus contratos de arrendamiento. Nos han entregado esse idioma por inventario y habremos de devolverlo algun dia con sus herramientas completas : sus verbos, sus nombres, sus preposiciones. No tenemos derecho a más . . . »

Eis ahí a situação pathetica dos americanos. A lingua ingleza e a castelhana não admittem deteriorações coloniaes. Não é esse desdem e fidalguia que combatemos, mas, a humilhação voluntaria de alguns colonos postumos, pelo terror que se tomam de qualquer movimento de independencia.

Entretanto, numerosos escriptores portuguezes de maior reputação, Eça, Fialho, Julio Dantas, escreviam e escrevem bem, mas, com graves desrespeitos do vernaculismo só intangivel na America, *ad usum Brasiliæ*.

Essa liberdade, ninguem a póde ter sob o novo céo americano. Somos classicos ou não somos coisa alguma.

Não póde ser.

Na Argentina, Juan Teran, sem favorecer a criação grotesca de um idioma local, expõe admiravelmente as fraquezas do espanhol classico ou europeu.

« Conocemos (diz elle), el caracter actual de la lengua española ; sonora, rotunda, propia para la epopeya e la oratoria, carece de claridad, energia y gracia. Atascada en sus moldes clasicos, resulta pesada para la sutileza moderna, inapta para el

analisi y la fineza del detalle ; porque ha perdido su espiritu la invencion y la originalidad . . . porque no puede producir una lengua rica y flexible sinó un pueblo que pensa como el francés, siente como el italiano, coloniza y conquista como el inglés ».

É quasi o nosso parecer. O portuguez hodierno não é nem a lingua de sabios nem de philosophos e pensadores que não os ha e é muito mal o orgão neste momento de literatura escassa, qualitativa e quantitativamente incapaz de impor de prestigio proprio um padrão ou modelo na mesma Europa e ainda menos na America.

A prova é que preferimos a leitura difficil dos classicos antigos e ficamos inveterados archaisantes que perdem enorme tempo a respigar em searas já ceifadas os restolhos de tres e quatro seculos.

Com isso ganhamos a illusão (que já transmitimos aos de além-mar), de escrevermos em lingua-gem mais pura e castiça que a delles.

Esse sacrificio custa-nos pervertidas obliquidades e affectações insinceras em que desapparece a immediata espontaneidade do pensamento.

A — *Lingua Nacional* — não era nem podia ser um incitamento aos solescismos, ás geringonças plebeias e rusticas. Era, apenas, a consciencia de que podemos, sem dissipação do patrimonio avito, gastar e valorizar a herança fecunda.

E isso toda gente aqui o faz insensivelmente e fazem-no, talvez com maior frequencia e intensidade, aquelles mesmos que se dão por orgãos da tradição admiravel do quinhentismo.

A psycho-analyse literaria

Meu doutor,

São innumeraveis e quasi infinitos os methodos da critica.

De vez em quando surge uma doutrina nova. Os methodos reformam-se ; fala-se do meio ambiente, do momento e da obscura psychê do homem.

Afinal, que quer dizer na vida humana este persistente anseio de arte e de literatura ?

É o sentimento irrefragavel da belleza, concordam todos. Essa religião da belleza é na verdade catholica, isto é, universal.

Para ella póde haver algumas heresias, mas não ha atheismo.

Donde vem ? de que origens profundas sobe á tona da alma humana ?

Para os mais ingenuos e contentaveis é apenas mero prazer, talvez uma compensação dissolvente das asperezas e fadigas da existencia.

É um rythmo de restauração que nos é ensi-

nado pela lição cosmica da noite, largo momento de extasi, de sonho, de scisma e de repouso.

A noite faz as historias, a poesia e o amor.

O amor, porém, é o sentimento inicial e essencial. Toda a especie, (e vinha já da animalidade), acostumou-se a esta mistura de sonho e de intimidade nas horas de silencio. Siegmundo Freud, criando uma sciencia nova, a psycho-analyse, achou que a vontade sexual é a razão de ser e a explicação da vida nervosa.

O sub-consciente que jaz no fundo da alma humana e explica os sonhos, as phantasias e as proprias virtudes e não possui outro impulso senão o da sexualidade.

É possivel que a belleza não passe de uma estilização de certas curvas provocantes e impudicas . . .

Abstraímos, geometrizamos, idealizamos figuras remotas . . .

Emfim, a sciencia do amor ameaça abranger a vida.

Era esta uma sciencia «immoral» no sentido corrente da civilização. Foi, pois, combatida, desacreditada, mas offerece ainda resistencia quasi invencivel.

A psycho-analyse estava destinada a desenvolvimentos ulteriores e a tornar-se, por exemplo, tambem um methodo de critica literaria.

A literatura de imaginação, romance ou poesia, é talvez um sonho erotico e entra, pois, nas cogitações da sciencia de Freud.

É de um caso particular nesta especie que vou escrever agora.

Sem duvida, a psycho-analyse não é novidade entre nós. Não temos absoluta repugnancia ás idéas geraes, mórmente quando as ampara o radicalismo dos conceitos.

Temos uma excellente conferencia de Medeiros e Albuquerque, sobre a doutrina de Freud.

E, recentemente, um medico e escriptor, Fernandes Figueira, nas duas coisas abalisado mestre, fez a psychologia freudiana do sonho em tres dos nossos poetas, Raimundo, Bilac e Alberto. Os seus juizos são de tal arte discretos e contidos, e dão tão excessiva parte ao recato e á censura sobre o sub-consciente, que, estou certo, poderiam ser attribuidos a qualquer dos nossos criticos mais liberaes.

Temos, pois, alguma solidez nesse terreno que não é de certo uma cidade incognita, mas tambem está longe de ser uma Meca das peregrinações habituaes.

São raros os palmeirins que se aventuram a regiões longinquas. A nossa chamada civilização occidental é apenas uma casquinha fragil de lua nova, que estende a sua curva luminosa desde a Inglaterra até a Italia. Desse fragil cortice estão excluidas a Allemanha, a Russia e a Scandinavia, que ficam na penumbra e apenas brilham por alguns reflexos raros da moda ou do exotismo.

Assim parecerá talvez uma extravagancia ou insolita novidade falar de um grande romancista e *conteur* como é Arthur Schnitzler, nome familiar e querido nas terras centraes da Europa.

Não me supponho fóra da regra de ignorancia

commum, e confesso que não conheço desse grande espirito, senão algumas paginas esparsas.

Um dos seus contos deixou-me profunda impressão que ainda perdura. Era a historia de uma dessas ligações amorosas, a qual devia ser ephemera, mas foi, por desgraça, eterna.

Um rapaz apaixonou-se por uma mocinha que o acaso lhe depara. Amam-se profundamente; mas elle, para quem o amor é um episodio, avaliou mal a intensidade da paixão que despertara. Um bom dia, por qualquer frivolo pretexto, resolve interromper esse romance. A consequencia foi a morte da rapariga, que não pôde supportar a separação.

O rapaz sentiu um choque tremendo, tanto mais doloroso quanto irremediavel; mas o seu martyrio foi ainda maior por uma circumstancia insignificante. Toda vez que ia ao trabalho, ao assentar-se á mesa, encontrava um *bouquet* de violetas. Era ella que o mandava, todos os dias, como de costume. E mesmo depois de ella morta, apparecia aquelle ramilhete de saudades e tortura.

A explicação era facil; ella havia encomendado a uma florista esse pequeno serviço. A agonia do rapaz diante desse mimo postumo da pessoa amada e que era como o seu espectro delicioso, transtornou-lhe o espirito. Quando ao cabo de alguns dias desapareceu a mensagem das violetas, sentiu-se vasio de tudo, excepto de um pensamento unico: Agora é a minha vez...

Eis o conto de Schnitzler, e por ahi se vê a sua tendencia para o abysmo da nevrose, do assombramento e do sonho.

Não sei se toda a sua obra literaria é desse fei-

tio, mas é evidente que muitas das suas paginas se prestam ao exame da nova psychologia.

Foi o que fez, não sem algum escandalo, o critico, tambem viennense como aquelle romancista, o Sr. Theodoro Reik.

A psycho-analyse é uma doutrina, para não dizer uma sciencia, perigosa ou assaz temivel para a ethica contemporanea.

Effectivamente, explicar todos os affectos, os mais sublimes e puros, o amor materno, o heroismo, o sacrificio, a dedicacão, a religião, a fé e a lealdade, como impulsos eroticos e sexuaes, é rebaixar o homem á mais odiosa animalidade.

Assim, o fez o criador da psycho-analyse, esse Sigmund Freud, tão conhecido nos meios scientificos, ora applaudido ora contestado, e assim o fazem os seus numerosos discipulos em cuja legião está o joven e ousado critico, Theodoro Reik.

Foi do estudo dos sonhos e de varias perturbações nervosas que Freud chegou á sua doutrina de que o mundo é fundamentalmente *Vontade Sexual* e *Representação*.

Essa atrevida hypothese e philosophia naturalmente havia de achar largo campo na literatura.

A poesia e o romance, de facto, são verdadeiros sonhos de acordados, ou sonhos eroticos. Cumpre estudal-os, como quer Theodoro Reik, como manifestações profundas e instinctivas do sub-consciente que escapam ao *contrôle* da educacão e da personalidade ficticia e artificial do homem de sociedade.

Longe de serem mentirosos phantasistas, os homens de imaginação e de poesia, são seres primitivos que illudem os freios da repressão de seus « complexos ».

Applicando a doutrina desse pansexualismo innato á natureza humana, a ambivalencia do amor e do odio mal reprimidos, Theodoro Reik acha no *conteur* austriaco um dos casos mais interessantes no estudo da psycho-analyse.

Deus queira que essa methodo de critica não se generalize entre nós e não venha descobrir na litteratura nacional os casos mais fulgurantes do erotismo disfarçado.

O autor de — *Frau Beata und ihr Sohn* — passou por essa tortura da nova analyse psycho-analytica de um dos seus mais ferventes admiradores.

Não é inutil dizer que Th. Reik não estuda propriamente o autor, mas as suas figuras romanticas e de ficção, o que equivale a estudar a phantasia da phantasia, em segundo estado. Para o psychologo o individuo em si tem pouco valor como mascara e apenas as suas criações revelam a verdadeira personalidade no que ella tem de inconsciente e por isso mesmo significativo.

O autor para o critico é apenas o seu psychologo.

Ha innegavel excesso na doutrina e na sua extensiva applicação.

Podemos aceitar a psycho-analyse como um principio heuristico que nos aconselha a documen-

tar os actos da vida sem chegar a conclusões precipitadas, immaturas ou aprioristicas.

Investigar é sempre coisa louvavel, mas demonstrar é frequentemente perigosa fallacia nos temas tão variados do espirito.

Ha sempre nesses casos tão enredada complexidade que é difficil senão impossivel achar os fios principaes da trama e urdidura da obra de arte.

Todos nós sabemos, conhecemos e sentimos o agrado das curvas. Instinctivamente podemos reduzi-las a um sentimento imperativo de feminilidade inconsciente, sem o concurso da psycho-analyse.

Entretanto, dizer que as representações do espirito são sexuaes e que não ha, fóra dahi, outro impulso ingenito para a vida e para o pensamento é afundarmos-nos no mais vil e immundo de todos os pantanos do materialismo.

Aceitemos o pantano como contingencia diabolica da criação.

Não falta aliás entre homens austeros e praticos, quem diga que toda a literatura é pornographica e que os hellenos derramaram na civilização esse veneno syphilitico e mortal.

São theorias e doutrinas que passam. Siegmundo Freud é mais humano porque nos ensina pelo menos esse fatalismo da especie, que por não ter remedio está remediado.

O sub-consciente obra dentro de nós de modo vegetativo ; não o sentimos, não o percebemos na sua vida interior, intensa e indomavel.

É afinal, uma philosophia da resignação.

Não vale muito menos que as outras, esta que

nos dá pelo menos um censor automatico que reprime e refreia os nossos instinctos eroticos.

O abysmo de immoralidade tem as suas valvulas de segurança e a literatura ou a arte será talvez a mais efficiente de todas ellas.

Eis um destino imprevisto e um galardão novo para artistas, poetas e romancistas, elevados a orgãos da paz e da policia da civilização.

Como diz Anatole: *ne faut'-il pas trop se plaindre du diable.*

Ácerca do ultimo imperador

(sem endereço)

Dom Pedro II, de quem se tem dito quasi todo o mal e quasi todo o bem que se pudera dizer de um homem, é, certamente, uma das figuras mais suaves e sympathicas da nossa historia.

Sua imagem desenha-se, mollemente, numa das raras perspectivas de repouso da vida nacional. As agitações politicas, as revoltas e os motins, de incompreensão do nosso momento de nação livre, haviam quasi inteiramente desaparecido. Os movimentos e equívocos que atropelaram o primeiro reinado e a regencia iam-se extinguindo lentamente.

Abria-se um longo silencio.

O reinado do imperador é a pacificação.

Tudo volta ao trabalho ; os campos florescem e fructificam ; a politica, que transbordava e alagava as terras, restringe-se, então, aos seus canaes proprios.

Essa drenagem e irrigação foi o grande serviço de Caxias e do Imperador.

Começou, então, de novo, a alegria de viver, que havia desaparecido no tumulto desordenado de quasi meio seculo de reivindicações insolitas, absurdas e inopportunas.

As liberdades suffocadas aceitavam a nova rhetorica das parlamentos.

O nosso « Instituto Historico » — cuja actividade é inesgotavel, ajunta ao grande plano da sua encyclopedia do Brasil, ha pouco iniciada, mais uma obra de vastas proporções, qual deve ser a — *Vida de D Pedro II.*

Em si propria, a vida do ultimo imperador não poderia offerecer interesse maior que a de qualquer de seus contemporaneos illustres. Mas não é possivel abstraíl-a da nossa historia ; e, segundo uma convenção que é difficil extirpar, a historia do rei é a historia da nacionalidade.

Ainda criança, sua influencia é absurdamente illimitada. Sob a regencia, o phantasma infantil da imbelle realeza foi o bastante para assegurar a monarchia e a paz. A republica refugiou-se um momento na fronteira. Em pouco, será uma coisa « extra-muros ».

A maioria não foi uma precipitação ; foi declarada a tempo e mais do que a tempo.

A *Vida de D. Pedro II* é, pois, a nossa historia de mais de meio seculo, em que se poliram e aperfei-

coaram os nossos costumes politicos, sem nenhuma reforma politica. A reforma social, unica, que era o problema da escravidão, arrastou e afundou o throno. Póde dizer-se que foi a grande obra do seu reinado.

É possível contestal-a como obra sua. O que, porém, não deixa duvida é que, de grado ou de força, se associou á libertação da raça negra. O throno que desabava não poderia ter, nem achar mais digna e deslumbrante apotheose.

A dynastia de Bragança deu-nos apenas dois principes : um fundou a independencia e a constituição ; outro fundou a paz.

Segundo a critica que tudo nega aos principes, não fizeram elles nada, ou foram obrigados a fazer o bem que se lhes attribue. Como quer que seja, não ha nenhum methodo historico que nos biographe a multidão e ponha, em logar dos homens que a representam, os mil clamores e as multiplas idéas do povo.

O methodo é erroneo, e todos os dias temos o testemunho de que é justamente o povo quem nada quer, nada pensa, nada manda ou delega, e, muito pelo contrario, é um optimo campo para todas as fascinações e todas as flexibilidades, deixando-se governar por habeis e inhabeis demagogos.

A — *Vida de D. Pedro II* — segundo os vastos lineamentos propostos pelo nosso Instituto, irá constituir uma série de monographias e de contribuições historicas de grande alcance.

Entretanto, não será uma biographia, nem será uma historia do segundo reinado, pois que neces-

sariamente lhe faltará o espirito de unidade e de synthese, que não póde possuir a obra de varias mãos, composta por autores differentes, indifferentes e associados.

Isso, acreditamos, não diminue o merito da avantajada empresa. Teem sempre egual feitio as obras de mão commum dos institutos e das sociedades literarias. São vastos trabalhos de analyse e de documentação, que, quando bem feitos, podem fornecer a escriptores estranhos e porvindouros o material de verdadeiras syntheses.

O que naturalmente escapa á obra dos Institutos é a psychologia, o romance pessoal do individuo, as suas anedotas características.

Devia haver sempre, ao lado de Tito Livio ou de Tacito, o supplemento de Suetonio.

Nada expressa melhor os individuos que as suas pequenas phrases, os seus defeitos e predilecções menos graves.

Pedro II deixou um material enorme de anedotas que o retratam com maior fidelidade que os grossos cartapacios da acção politica e militar do seu reinado.

Dessas historietas avulsas, serias e joco-serias, ha numero que baste para dizer o que elle era em pessoa, fóra dos seus paramentos principescos e imperiaes.

Era, realmente, um homem simples, sem solemnidade e, ha quem o diga, sem distincção. Criado

na America, sem o convivio de côrtes aristocraticas e exclusivas, parecia, de facto, um philosopho, inimigo de todas as toleimas e vaidades do mundo. Era, entretanto, um vaidoso doutra especie.

Aborrecia os cerimoniaes antiquados, o beija-mão, o papo de tucano e toda a farandulagem das tradições majestaticas.

Os seus ditos são admiraveis de expressionismo :

— Se eu não fôsse imperador, dizia elle, queria ser professor do Collegio Pedro II.

E, realmente, elle era um professor, curioso de aprender e de ensinar, frequentador assiduo de escolas e de sociedades literarias, freguez infallivel de conferencias e leituras publicas.

Dizem que, nessas festas desenxabidas de sciencia e de letras, elle cochilava e, por vezes, dormia a somno solto (unico symptoma do seu bom gosto). Mas nunca faltava ao prazo.

Hoje, se fôra vivo, iria toscanejar na Academia.

Dom Pedro era poeta, e ruim poeta, como convem aos nossos homens de alguma fama.

Na ruindade literaria está uma das fórmulas mais decentes da admiração nacional. Os nossos congressos politicos reconhecem-na de utilidade publica, e distribuem premios aos especimens de melhor quilate.

Cá, em baixo, fazemos a mesma coisa, sem discrepancia, desse sentimento universal que põe chumbo por baixo da balança, na concha dos pesos.

É um costume licito no commercio das batatas e da intelligencia. Eu mesmo confesso que o tenho praticado por eutrapelia innocente.

O imperador excellia por muitas virtudes, das quaes não devemos separar a sua literatura de cordel e de « pliegos sueltos ».

As suas phrases em prosa ficaram proverbias e são, em verdade, melhores que os seus sonetos.

Ou, pelo menos, equivalem-se.

Não é acaso d'elle e não declara excellentemente as volubilidades politicas do tempo essa phrase dita a um ministro despachado para os Estados Unidos ?

— Espero que sirva o imperio, naquella republica, com a mesma diligencia e amor com que serviu a republica, neste imperio.

Ha nessas palavras materia para um tratado de ethica.

Sorria, pois, sem offender. Não havia causticidade em suas satiras de leve e subtil maledicencia.

O imperador era eximio vernaculista, versava com mão diurna e nocturna os velhos classicos (provavelmente mudando os volumes de uma para outra estante da sua enorme livraria), e não permitia deslises de linguagem, nem gallicismos (excepto os que elle empregava, por serem consagrados). Esta sua grande virtude imperial deu grande impulso á grammatica.

Conta-se que, depois de assistir á prelecção de um dos nossos professores de medicina, admoestara ao orador que acabava de falar e de tossir :

— Tome o meu amigo umas *taboinhas* de ipecacuanha. São boas para a tosse.

O professor havia commettido a irreverencia de traduzir *tablette* por taboinha.

O exemplo foi edificante, e ainda hoje a escola medica em favor da urbanidade da lingua, reformou a syntaxe e o vocabulario. Hoje, qualquer medico póde errar decentemente o diagnostico, mas os pronomes, nunca.

Galeno deu o braço a Frei Luís de Souza. Mata-se, graças a Deus, mas grammaticalmente.

Como era curioso de tudo, é certo que Dom Pedro entendia mais ou menos de todas as coisas. Tinha juizos promptos, sem improvisos de vespera, em todas as questões, e quasi sempre acertava.

A ignorancia encyclopedica é uma das vantagens do estadista.

Eis um dos admiraveis ditos, que envolve em alto gráo a sua capacidade esthetica.

Chegando da Europa, ao vêr pela primeira vez o edificio da nossa Imprensa Nacional, disse para o camarista que o acompanhava :

— Será feito de papelão ?

Nada, a meu vêr, exprime mais exactamente a falta de solidez, o feitio infantil de — « Petit Architecte » — daquelle monumento de papel Bristol.

Essas criticas e tiradas zombeteiras, mas inoffensivas, definem o fundo de bondade, de argucia e de benevola tolerancia do imperador.

Recusou sempre todas as festas que os cortejões, errando o alvo, armavam á vaidade que elle não tinha. Nunca as permittiu, como não permittiu que lhe erguessem a estatua no campo da Ac-

clamação, aconselhando que applicassem ás escolas aquelle dinheiro da vaidade e da lisonja.

A vaidade humana tem utilidades preciosas. A todos os manicos de grandeza elle distribuia titulos de baronias e condados, por dinheiro util e applicado ao Hospicio dos alienados. A loucura larvada pagava as despesas da loucura descoberta. Um psychiatra seria incapaz de inventar esse imposto sumptuario.

O Imperador figura num romance de Gobineau — *Les Pleiades*. Parece que ahi está o seu retrato no principe Jean-Theodore, uma das pessoas do livro. E não está mal.

Gobineau foi secretario da legação franceza no Rio de Janeiro, e intimo amigo de Dom Pedro, então jovem; achou nas feições do imperador o typo que ideara naquelle romance das — *Pleiades*.

Jean-Theodore é um principe que subordina os preconceitos aristocraticos á simplicidade da vida affectiva, mas sem vulgaridades plebéas. É, em todo o caso, um principe que nega inutilmente o sangue e a superioridade ingenta da estirpe.

Os reis de verdade não são e nem podem ser democratas. Os verdadeiros reis da democracia são os homens de dinheiro.

Se fosse rei-democrata, Pedro II morreria pôdre de rico.

Mas morreu pobre, honestamente pobre. Deus o tenha na sua gloria.

A morte que vai morrendo...

A um ephebo.

A mocidade esplendida que te desvanece está por muito pouco. A juventude agora corre todos os riscos de morte.

Não sei se sabes que foi lá no fundo da floresta quaternaria que o primevo, barbudo e feio Tragopógon, desprezado das mimosas nymphas, armado de clava formidanda, criou, estabeleceu e impoz a virtude domestica.

Foi o primeiro dos fundadores desses duvidosos direitos que nos felicitam, graças á força massica e irresistivel.

O Tragopógon de agora é a velhice.

Repara bem como se povôa o mundo de velhas decrepitudes que teimam em viver. E como não havia de ser assim nessa época de decadencia da morte!

A morte periclita e desaparece. Cresce a legião enferma e senil dos valetudinarios. Que queres ?

Essa obra da sciencia e do tempo marca já um *deficit*, consideravel na balança da juventude.

É que a morte vae morrendo.

Cada ser que nasce traz em si a peçonha immunizadora das doenças que morreram, das pestes que passaram.

— « Ausgestorbene Krankheiten » !

Que lista enorme das doenças que não voltam mais !

A primeira dellas por mais antiga, como a descreve O. Sterzinger, foi a famosa peste de Athenas, que desafiou a sciencia imbellle de Hippocrates. Littré disse que foi talvez a variola, mas não o era. Os que della escaparam quasi renasciam, esquecidos de tudo, sem reconhecerem os paes e os irmãos. E nunca mais voltou desde que matou a Pericles e envenenou o mundo.

A outra grande peste foi a do tempo do suave Antonino, a qual devastou o imperio desde Seleucia, no Euphrates, até o mar oceano. As legiões quasi desapareceram e para ellas entraram os gladiadores, os germanos e outros barbaros dissolventes do espirito imperial. Galeno, o grande doutor do tempo, estudava e observava o flagello, sem conseguir exterminal-o. Um historiador moderno da pathologia, o professor Hecker, diz que foi uma epidemia de certa especie de typho. Fosse o que fosse, a peste antonina matou quanto quis e quanto

poude, mas no que deixou com vida incorporou-se ao genero humano. Essa nova morte morreu.

Cada peçonha é uma *causa vitæ*. Com as duas pestes de Athenas e de Roma, podemos assignalar a nossa primeira vaccinação greco-romana entre as vantagens classicas da civilização.

É preciso juntal-a, essa mithridatização, aos outros legados que por legitima herança nos couberam do mundo antigo.

A idade média não foi menos fertil.

Já eramos todos christãos, ainda que meio barbaros, quando o *ignis sacer* abrasou o occidente. O *ignis sacer* é o « fogo de Santo Antão », que irrompeu no seculo IX e tomou o appellido do atormentado eremita ; e peregrinou da ultima Hesperia á ultima Thule. Morria-se de fedor e hediondez, de caimbras, de somnambulismo e de extasi. Nunca foi tão feia e horripilante a morte. Numa só noite, (conta-se nas chronicas do tempo) desapareceu a cidade de Aquitania como numa tempestade de carniça putrida. Dizem que lhe foi origem o veneno do centeio cornudo.

O *ignis sacer* apagou-se.

Outro agoite não menos violento foi o do « Suor inglez ».

O — *sudor anglicus* — como lhe chamaram os doutores (sempre eximios em declarar o nome ás coisas) rebentou na Inglaterra, no tempo da Guerra das duas rosas, no momento em que Henrique de

Richmond batia em Bosworth os exercitos do Ricardo III. Foi uma visita fulminante e inesperada que em poucas semanas, com a cumplicidade da guerra, destroçou e arruinou a Europa.

Entravamos assim na Renascença com esse ca-lefrio mortal. Em sociedade ninguem lhe dizia o nome, nem mesmo nesse latim secreto da nomenclatura dos medicos e algebristas profissionaes, tal era a angustia e terror que commovia as gentes.

Os doentes do — « suor inglez » — ao cabo de 24 horas tinham debaixo de si um rio diluvial e nadavam na propria transpiração, transformada em rio Letes.

Foi-se e voltou seis vezes, deixando uma especie miliar quasi benigna.

Não é possivel seguir aqui o elencho dessas visitas mais solemnes da morte. De cada vez que se deram, a humanidade cresceu em fortaleza contra o inimigo.

As proprias molestias mentaes não escaparam ao cyclo dessas investidas regeneradoras.

A mais caracteristica e impressionante foi a da « Dansa de São Guido » no seculo XIV. Todos dan-savam, saltavam, soffriam de idiosyncrasias lo-caes bizarras e arrogantes, aqui roncavam contra os padres, alli não podiam vêr o vermelho nem os sapatos de bico. Imagine-se o tumulto e a chorea de qualquer cidade picada por quinhentos ou mil saltões dessa especie de tarantulismo incoercivel.

A dança de S. Guido, com largas intermittencias de repouso, durou quatro seculos. Na Italia, o povo supersticioso attribuia o mal á flebil tarantula por uma contaminação de lendas tradicionaes do calamitoso « stello » dos antigos romanos.

A ignorancia ou a sciencia equivaliam-se em egual inhabilidade. As aranhas ficaram, mas a dança de São Guido diminuiu e extinguiu-se numa fórma banal de hysterismo.

Morreu a morte ainda uma vez nessa apparição cometaria.

O testemunho já nos offerece amplas seguranças que chegam para animar os mais timidos e para alentiar os mais covardes.

O sentimento da vida supera o terror da morte.

Hoje em todas essas visitas, a Morte é acolhida com demasiada cerimonia. Faz a quarentena á porta antes de entrar no seio da gente vivedoura, deixa no alpendre a foice, soffre expurgos, desinfecções, manietada e sitiada pelos cordões sanitarios.

É certo, pois, que a morte vae morrendo.

A foice fatidica, embotada e cega, não corta á rasoura como no outro tempo. Diminue visivelmente a sua — *speisekart* — como me diz Othmar Sterzinger.

E que pensas tu, jovem imprudente, dessa decadencia da morte ?

Quanto a mim, digo que a balança da juventude perdeu o antigo equilibrio. Cada vez é maior o senado humano.

As cans embranquecem o mundo.

Convem soffrer de animo alegre a melancholia e a impertinencia da gente velha branca e polar que se vae aproximando da immortalidade.

A ultima pandemia, a da espanhola, que foi terrivel, poupou apenas os velhos, o que a fez terribilissima. Não é acaso um symptoma dos tempos ?

Por isso é que o mundo ahi anda cheio de saudades ...

Não descobrirás tu na tua escassa legião um novo Tragopógon, hirsuto e armado de formidanda cacheira para desbasta a rabugencia incommoda de tanta velhice caduca ?

Vê se o descobres. « Carpe diem ». E poupa ao teu velho amigo.

Do genio de Christovão Colombo

Meu caro mestre Herodoto.

É Herodoto que sois ? Herodoto ou Heraclito ? não alcancei desemmaranhar a vossa assignatura. A duvida não importa. Se Heraclito chorava sobre as ruinas do mundo, Herodoto as restituia á luz, tirando-as do pó, o que é quasi o mesmo que as tirar do nada.

Comtudo, pareceis-me Herodoto, porque tendes a simplicidade de contar o que vistes, sabendo vêr. A vossa carta é um exemplar de singeleza e de boa fé.

Não posso, porém, crer no que dizeis com tão imperfeita informação, a saber, que os portuguezes sempre reconheceram o originalidade de Colombo e que é já tarde para vir a deshoras negar a predeterminação daquelle genio.

Os trabalhos de Vignaud (acrescentaes), que

ainda ha pouco resumieis, bem podiam ficar no silencio sem prejuizo das verdades conquistadas pela historia.

Perdão ! Não ha verdades eternas de que se possa gabar a historia. Podemos dizer insensatamente como aquelle gracioso Sir Boyle Roches, do Parlamento irlandez : « Nada temos a vêr com o futuro ; que serviço nos prestou a posteridade ? »

Eis ahi.

As contestações com que se vê agora tão enredada a vida de Colombo não são um enleio do nosso tempo. Datam de seculos.

Podemos discretrear um bocadinho. E sempre, entre mim, disse o que vou dizer-vos agora com o apressado improvisado de papeis velhos e cançados.

A opinião portugueza ou outra qualquer, quanto se pôde deprehender dos antigos historiadores classicos, não é e nunca foi favoravel ao genio prophetico de Christovão Colombo.

Não era este mais que um discipulo dos grandes navegadores occidentaes a quem coabe a estranha fortuna de achar a terra incognita do novo mundo.

Tanto portuguezes como espanhoes, uns e outros separados, andaram nisso concordes em que Colombo recebeu de certo piloto ignorado a revelação das terras mysteriosas do occidente.

A priori, o novo mundo era já uma imagem familiar.

Eram innumeradas as prophcias e as lendas que vinham da antiguidade e do medievo. São conhecidos os versos de Seneca, sempre lembrados :

Venient annis
 Secula seris, quibus Oceanus
 Vincula rerum laxat . . .

Para o futuro, pois, em seculos tardios, é que imaginava Seneca a decifração do enigma quando o oceano abrisse os seus laços, e então é que appareceria o novo mundo

. . . NOVOS
 Delegat orbes.

Mas não falava só o poeta latino. S. Clemente de Alexandria tambem balbuciava ácerca desses mundos que jaziam além do oceano : « Oceanus et mundi qui trans ipsum sunt ».

Estão essas palavras breves nos commentarios de S. Jeronymo á epistola aos ephesios.

A crença profana e poetica, embora com o character conjectural, tão proprio das lendas, era tambem uma das que acompanhavam as peregrinações de Ulysses, o aventureiro genial que fundara Lisboa e que na opinião de Plinio e Solino se alongara além do Atlantico.

No livro XI da *Odyssea* apparece o espectro de Tiresias a provocar o grande vagabundo com a miragem de terras além do rio oceano ; e não fossem talvez as seducções das Tagides, teria Ulysses ainda uma vez augmentado a ausencia de Penelope.

No *Inferno*, de Dante, resurge a lenda das terras a cinco luas do poente :

Cinque volte raccesso . . .
 Lo lume era di sotto la luna,
 Poi ch'entrati eravam'nell'alto passo, —
 Quando n'apparve una montagna
 Per la distanza . . .

Quem sabe se não era o monte Pascoal da Vera Cruz ?

Não ha grão de ignorancia nas coisas occultas. Voltemos ás coisas de menor mysterio.

Essa congerie de prophecias antigas ainda que medrosas, timidas ou obscuras, podia animar a qualquer dos ousados capitães daquella « cavallaria do oceano » como lh'a chamaram.

A antiguidade e a idade média transbordavam de vaticinios delirantes e populares que alimentavam a imaginação.

Que muito era que um mystico cedesse áquella persistente hallucinação ?

E Colombo foi, de facto, um espirito eivado de fanatismos supersticiosos que o desacreditavam por toda a parte onde ia á busca de sociedade e de protecção dos poderosos.

A sua mystica era mais profunda que a sua geographia.

Tudo isso, todavia, não chega ao meu intento principal que é o de assegurar-vos que na penin-

sula não lograra desmedido assombro a aventura do genovez.

Um classico da nossa lingua, Gaspar Estaço, o irmão do poeta dos *Sonetos e Canções*, dedicou-se á archeologia lusitana e escreveu esse curioso livro das — *Varias antiguidades*, impressas por Craesbeck em Lisboa, 1625.

Nesse livro curioso e opulento de informações varias sobre a terra portugueza, vemos discutida em dois capitulos a questão da originalidade de Christovão Colombo.

Muito apropositadamente cito á vossa presença esse homem grave e amigo da archeologia e das gentes remotas.

É d'elle um singular argumento que o tornará sympathico aos vossos olhos : discutindo a opinião temerosa de alguns homens novos e intemperantes, exclamou o classico como está no seu livro :

— Não póde ser. Não é digna de respeito a opinião atrevida de crianças que ainda cheiram a leite e que pretendem desmentir as barbas dos velhos avisados e cobertos de cans.

Esse respeito pelo parecer dos antigos é um titulo de admiração para as nossas tendencias iconoclasticas.

Pois bem. Gaspar Estaço não acreditava na façanha de Christovão Colombo.

Confessemos que a erudição do antiquario portuguez não era certamente das melhores nem das mais severas e seguras para qualquer solução imparcial.

Comtudo, o parecer ingenuo de Gaspar Estaço é inestimavel, pois que principalmente declara e ex-

pressa as duvidas do seu tempo entre os pesquisadores mais habéis da historia das navegações.

Gaspar Estação sentia a fraqueza da opinião mais commum e divulgada, e convinha, como outros muitos, que Christovão Colombo se servira de uns papeis deixados por um piloto que, vindo de terras nunca vistas, aportara á ilha da Madeira e se hospedara na casa d'elle, onde fallecera.

Parece que o ignorado piloto, em paga da hospedagem, dera aquelles papeis preciosos ao genovez. Assim está escripto na — *Historia natural e moral das Indias* — de Joseph da Costa e em outra obra de Illescas.

Um terceiro chronista espanhol, Lopes de Gomara, conta desenvolvidamente a mesma historia e aventura do piloto, cujo nome se ignora e que seria talvez andaluz na opinião de uns, biscainho na de outros, e, emfim, portuguez.

São palavras textuaes como as repete G. Estação : « Concordam todos em que falleceo aquelle piloto em casa de Christovão Colon, em cujo poder ficaram as escripturas da caravela e relação de toda aquella longa viagem com a marca e altura das terras novamente vistas e achadas. »

Assim, apossado da traça e informação do seu hospede, pode Colombo realizar o descobrimento da America.

Não quero demorar além do limite discreto de uma carta mandadeira a conjectura em que se debatem os mais arduos pesquisadores da historia do Novo Mundo.

Uma coisa, porém, é patente a todas as luzes que

se examine, e vem a ser que na presumpção dos antigos portuguezes, e não no parecer de hoje, a gloria de Colombo andava um pouco amesquinhada com essas conjecturas

Até que ponto ellas eram verdadeiras, não podemos dizel-o ; contentamo-nos em achar que eram expressivas.

E neste sentido é que vos contesto e declaro ser destituida de valor a attribuição, que ligeiramente fazeis aos velhos navegantes portuguezes, de assentir e reconhecer a singular maravilha da expedição colombina.

Tal não se deu.

Tambem não sabemos (e de mim, ignoro) até que ponto ciume e patriotismo (idolos baconianos que tanto turvam a limpidez da logica e da verdade) até que ponto influiram nesse argumento.

Já vêdes que a razão difficilmente estará com-vosco, quando tantas vaidades infatuam e esterilizam a fonte e o manancial da historia.

A musa da historia realiza sempre o trabalho de Sisypho com o seu eterno rochedo. Nenhum de nós possui o acertado remedio para essa enfermidade elegante das duvidas e das perplexidades.

A verdade matal-a-ia. Confiemos essa lugubre finalidade ao trabalho paciente e longo das traças nos solitarios archivos.

De mim, digo que não terei mais tempo de assistir ás alternativas das verdades novas.

Vivo apenas deste momento que passa e que encerra tambem o seu infinito, se quizermos descer ás suas intimas profundidades.

Acredita-e-me vosso amigo.

Ácerca do dictionario da academia

Meu adorado mestre,

Conheço a sua admiravel opinião ácerca dos livros de mil paginas.

Ha poucos dias, pela palavra autorizada de Julio Dantas, foi a Academia Brasileira convidada para collaborar no grande dictionario, inédito ainda, da Academia das Sciencias.

Outros escriptores de ficção como Anthero, Lopes Vieira e A. de Campos aqui teriam acolhida equal sem dictionario a recommendal-os.

Este dictionario deve ser o fiel repositorio e o thesouro da lingua commum agora repartida por dois povos na Europa e na America.

Desde logo se divulgou que era grande honra essa a de ser contemplado o povo brasileiro em obra de tão vasto alcance.

Como succede, entre os absenteistas sempre dispostos e promptos a acolher qualquer gesto de con-

sideração ultramarina, desde logo ficou assentado exaggeradamente que aquelle convite era uma grande honra para todos nós.

Não era, nem podia ser.

Era, em verdade, uma gentileza, nada mais, e talvez era o arguto reconhecimento de que é preciso contar comnosco no destino de eternidade da lingua de Camões.

Somos já muito numerosos : e, talvez mais do que isso, vivemos na America, para onde se vae desviando silenciosamente o eixo da civilização europea.

Ha grande numero de europeus que não acreditam nessa translação ; como ha entre nós outro grupo que com estulta doutrina tenta escorar e destruir o formidavel e irresistivel contacto do mundo antigo.

A honra, portanto, resume-se nessa inclinação moral do eixo terrestre. Mas, é agradavel verificá-lo.

As zumbaias excessivas são sempre inconvenientes e abrem, por vezes, margem a submissões insolitas e desconcertadas.

Não devemos exaggerar o nosso quinhão, nem mingual-o á custa de falsas modestias.

De qualquer modo, com Academias, condecorações, ou sem ellas, tudo se ha de fazer, de grado ou de força, na hora opportuna, pela natureza mesma daquelle movimento incoercivel.

É difficil dizer agora se o momento é o mais proprio e fecundo e se a gentileza da Academia das Sciencias achou aqui a repercussão harmoniosa de seus intentos.

Creio (falando entre mim) que não chegou ainda a hora propicia ; e, porventura, ella já passou.

Podemos, entretanto, contribuir para o entendimento do problema, pelo menos, num dialogo amavel.

Não é esta a hora exacta, no meu entender, por razão que não é de todos admittida nem acreditada. Mas admitto-a e nella creio.

Nós não temos uma academia da lingua e, talvez, não a devamos ter.

Não sabemos precisamente se é cedo ou tarde para essa vaidade archeologica e anachronica ou prematura.

Falta-nos o meio-dia exacto para verificarmos essas relações do tempo. Perdemos, pois, o sentido do momento exacto.

Os nossos intellectuaes, não digo que escrevam mal, mas escrevem indifferentemente, com certa independencia divina ou diabolica, que não se compadece com os padrões lusitanos.

Alguns de nós falam ou escrevem em dialecto, segundo uma linha tremula e incerta, que deixa entrever nos seus gregotins e no infinito do tempo a expressão nova da nova nacionalidade.

Quando assentar e sedimentar a babel fervente e confusa de tantas raças, a nossa aljama será comprehensivel, facil e academica.

Estou, por dever de officio, e até como « aficionado », no costume de observar o *baragouin*, entre elegante e barbaro, das nossas differenciações estilisticas.

A grammatica entre nós é uma paixão que só se explica e justifica pela decadencia da lingua. É um byzantinismo indigena que espera apenas o Grão Turco para fazer o silencio reparador e final.

Estamos a estortegar o velho idioma, fingindo com os dedos uma caricia na face do vovô querido.

É, afinal um bom sentimento esse o do respeito pelas barbas avitas e brancas.

A verdade é que, passada essa hora de veneração domestica, cá fóra damos á perna furiosamente, irrequietos, turbulentos e impossiveis.

Endereçar, pois, a tanta gente promiscua, infantil e incerta, a grandiosa tarefa de um enorme dicionario é, por emquanto, uma resolução arriscada.

Os nossos brasileirismos não são vocabulos portuguezes, está claro ; mas são elementos de outro dicionario novo que se está a fazer do Amazonas ao Prata. Perturba-lo no seu ineditismo é algo parecido a arrancar despidosamente um embryão ás suas entranhas maternas.

Que faria o Vovô, transformado em *faiseur d'ange* daquelle féto inesperado ?

Não !

A Academia das Sciencias fará o seu grande dicionario, que será, naturalmente, o oraculo das nossas duvidas ácerca do que « se não deve dizer ».

Consultal-o-emos nas horas de entre lobo e cão, após as fadigas quotidianas ; por que é sempre excellente coisa conhecer a urbanidade vernacula das linguas.

A nossa organização americana é um verdadeiro

calepino *septem linguarum*, multiplice, achamboado e disforme.

Como reduzir essa Medusa terrível ?

Deixemos o tempo ao tempo.

Talvez lá para os seculos XXI ou XXII tenhamos, como Horacio, a *norma loquendi* e a paz imperial da lingua.

É possível que em éra futura o grande dictionario da Academia das Sciencias esteja no oratorio de cada lar, cercado da adoração perpetua dos vindouros.

Os nossos netos mais remotos, por evitar as syllabadas e cohibir os estragos da phonetica, hão de limpá-lo das traças e do caruncho audaz, abril-o-ão reverentes e piedosos.

E póde ser que algum velho academico, como Lord Chesterfield, peça o canhamação enorme :

— Meu filho, traze-me o grande dictionario da Academia.

— Papae vae consultal-o ?

— Não, meu filho. É para me sentar em cima.

Grande destino o dos grandes livros !

Coisas que passaram . . .

(Sem endereço)

I

Que é a verdade ?

Cada um de nós fabrica a especie de verosimilhança que nos parece mais aproximada da verdade sempre fugitiva.

A grande razão dos nossos erros é a difficuldade de estabelecer a « equação pessoal ».

A verdade é aquillo que nós queremos, é a expressão muita vez insidiosa das nossas proprias paixões pequeninas ou grandes.

Na historia litteraria onde tantas intrigas subrepticias ou inconscientes nos atormentam na feira das vaidades é muito difficil acertar com o verdadeiro caminho.

Tenho lido, aqui e ali, (quando acaso me chegam ás mãos), algumas curiosas reminiscencias da vida litteraria escriptas por Antonio Salles.

Nem sempre exacto, é sempre interessante o evocador desses tempos já ameaçados de olvido: A fidelidade não é a virtude essencial das anedotas literarias.

Por mais de uma vez tem alludido o escriptor nortista a certa irreverente má vontade da minha parte contra Machado de Assis de quem eu escrevi um dia que era um egoista.

« Não ha maior injustiça (escreve A. Salles) do que affirmar, como affirmou entre outros João Ribeiro, que Machado de Assis era um egoista incapaz de ser amigo de ninguem. Se elle não foi particularmente carinhoso com um ou outro confrade é porque sentia nelle qualquer coisa de antagonico com a requintada delicadeza do seu temperamento » . . .

A phrase e a reticencia não me parecem amaveis.

Mas tambem eu não sou amavel e ficaria uma coisa pela outra, se não fosse um caso de flagrante inexactidão.

Que me perdoe Antonio Salles, meu amigo velho. Ser amavel e ser egoista, são coisas ao meu parecer distinctas.

Machado de Assis era amavel com toda a gente. Antonio Salles, como todos nós, experimentou aquella doçura de trato e aquella polidez que era peculiar ao grande escriptor.

Eu não quero aqui praticar um ridiculo ciume de amizades. Mas, confesso que nunca senti pessoalmente qualquer diminuição de carinho na convivencia que desde antes de Antonio Salles, desde os dias da — *Semana* — nos reunia a todos.

Podia dar provas : mas acho pouco interessante e algo ridicula, essa demonstração.

Affavel, delicado, carinhoso talvez bem o era ; o que, todavia, caracterizava Machado de Assis era a sua profunda insensibilidade, aliás symptomatica e propria da terrivel nevrose de que soffria.

Os epilepticos são indifferentes e é julgal-os mal avalial-os pela affabilidade e exterioridades superficiaes da convivencia momentanea da sociedade.

É a mesma camuflagem dos hystericos.

Só conheci dois amigos intimos de Machado : José Verissimo e depois Mario de Alencar. Todos os outros, nós todos, gozamos da affabilidade agradavel do mestre em tom mais ou menos indistinctamente uniforme.

Parece-me, todavia, que José Verissimo e Mario de Alencar davam muito mais do que recebiam.

Posso estar em erro como me tem succedido varias vezes, infelizmente ; a verdade ou antes a sinceridade com que classifiquei o temperamento de profunda insensibilidade de Machado de Assis, originou-se de espectaculo que me dava a sua falta de attitude em todas as questões que agitavam a alma brasileira.

O seu tempo foi um tempo de vida intensa e memoravel. Machado por ahi passou incolume, absenteista, sem a menor contracção de nervos.

Houve a campanha tempestuosa do abolicionismo. Machado não tugiou nem mugiu. Nem foi abolicionista nem foi escravocrata ; foi sempre um ausente nesse tumulto, e habitava « Sirius » como queria Renan.

Fez-se a republica. E Machado nem era monar-

chista nem republicano. Todos nós nos dividiamos ; elle apenas lia os jornaes, ouvia as conversas e sorria . . .

Raul Pompeia que como nós era admirador do mestre, costumava dizer que Machado de Assis talvez era monarchista porque lhe iam dar o titulo de conselheiro que perdeu com a revolução. Mas ninguem o viu monarchista protestatario como Tournay ou Nabuco, nem republicano como Lucio de Mendonça ou Araripe.

E isto, para só falar dos maiores, porque cada um de nós já havia tomado o partido.

No fim das contas, Machado era um eterno desinteressado das coisas.

Veiu outra phase de intensas paixões, e foi o florianismo vehemente, sanguinolento ; estavamos todos divididos, Ruy, Lucio, Araripe, Nabuco. Machado pairava acima dessa questiuncula.

E essa questiuncula era apenas a maior das nossas guerras civis.

Podia ser superioridade ; eu acredito, porém, que era a apathia, a insensibilidade do egoista a razão dessa incommoda indifferença.

Quando Antonio Salles conheceu Machado, essas agitações todas tinham já cessado e por isso é que elle desconhece aquelles aspectos que de mais antiga convivencia eu conhecia.

A — *Revista brasileira* — no Tempo de Antonio Salles, era já um lugar commum de tolerancias reciprocas. Havia alli de tudo em apaziguamento final.

É possível dizer-se que a insensibilidade de Machado de Assis estava largamente compensada pelo amor da familia e pela dedicação de dois ou tres amigos.

É, entretanto, inteiramente inexacto, a não ser na alma do critico, que houvesse entre Machado e a minha pobre individualidade qualquer antagonismo, que, se existisse, pela distancia enorme dos meritos, seria uma eventualidade insignificante.

Accresce que nessas reminiscencias de Antonio Salles ha outras flagrantes traições da memoria.

Cito apenas uma dellas porque me diz respeito.

Affirma Antonio Salles que a proposito de uma eleição na Academia, José Verissimo deixou de lá ir « indispondo-se com João Ribeiro ».

Dada a lealdade que reconheço no escriptor, não posso admittir esse erro senão como um lamentavel lapso de memoria.

Naquella famosa eleição, eu estava do lado de José Verissimo e com elle votei no candidato que naufragou. Quem apurou a eleição foi Ruy Barbosa, nosso presidente. E o que estomagou a José Verissimo não foi a escolha do eleito, mas foi a revogação intempestiva, por telegramma, dos votos já escriptos em cartas e vindos do estrangeiro. Um destes era o de um dos seus mais queridos amigos.

Como, pois, atirar-me a essa galera !

As minhas relações com José Verissimo interromperam-se em outra oportunidade, muito dif-

ferente, anterior e distante dessa, da eleição academica.

Tenho ainda a carta em que José Verissimo se despede das minhas relações e foi escripta quando appareceu a pequena — *Historia da Literatura* — que de mão commum escrevemos Silvio Romero e eu.

Não me cabia supprimir o meu collaborador que sabidamente não gostava de José Verissimo. Algumas phrases intercaladas no livro (José Verissimo sabia bem que eu não as havia escripto) me foram attribuidas na corresponsabilidade da publicação.

Aceitei a situação sem vexame e não respondi á carta.

Comtudo, mais tarde consegui do meu collaborador, em edição nova do livro, a suppressão de conceitos que não cabiam num livro puramente didactico.

A versão que A. Salles adoptou não passa de inverosimil ballela.

Eu não sei se Antonio Salles tem algum *parti pris* contra a minha magra literatura. Mas, a verdade é que uma vez ou outra sinto a sua falta de sympathia pelo que escrevo.

Não me lamento deste caso que é muito mais numeroso, e, d'entre os que me não toleram dou especial apreço aos que me fazem sentir com franqueza os meus defeitos.

Os que exercem a tarefa ingrata da critica accitam ou soffrem de animo alegre toda a sorte de pre-

venções e desagradados. Ao cabo de algum tempo o critico cria um ambiente de hostilidade.

Entretanto, fui dos primeiros que sem favor algum exaltaram o poeta que me confunde agora.

É de meu interesse porém protestar contra essa invenção de antagonismos, diminuição de carinhos e quejandas anedotas inverosímeis, arrançadas *post mortem* pela equívoca glossolalia dos ultimos apóstolos.

É muito provavel que Antonio Salles não esteja nem tenha estado no segredo de historias intimas da camaradagem literaria que appellidou de — roda illustre.

Como quer que seja, não estou disposto a reconhecer essa imposição de « desaffectedos » postumos que nunca eu tive.

A verdade, melhor fôra que não existisse, se ella estivesse ás ordens dos nossos appetites.

II

Não quero fazer aqui a historia de erros esparços, de inverosimilhanças corredeiras que ganham azas na leviandade dos que as apanham de improviso no rythmo do *disque disque* da boca popular.

Seria grave injustiça attribuil-as ao poeta.

Se ha erros que podemos corrigir e outros com cuja correcção não atinamos, ha, o que é peor, erros graves de consciencia que perduram além do arrependimento de os haver praticado.

Este é o caso que contra mim, de certo involuntariamente, formúla o meu amigo Antonio Salles nas reminiscencias que com tanta poesia e verdade tem recordado em paginas avulsas da imprensa.

O illustre e suave escriptor como para explicar certa desintelligencia (que nunca existiu, devo dizer) entre mim e Machado de Assis, conta o seguinte caso :

Em certo logar, chegando a hora habitual das sessões academicas, Machado de Assis depois de algumas amabilidades aos que estavam presentes, dirigindo-se a João Ribeiro, disse : « Vamos, discipulo amado ».

« Esse qualificativo dava-o Machado por causa do nome de João, discipulo amado de Jesus. Mas João Ribeiro não entendeu a coisa assim, e, num tom irritado, retorquiu :

« — Eu não sou discipulo de ninguem ».

Esta anedota parece-me hoje inverosimil. Mas, deve ser verdadeira por uma unica razão e é que prêzo em Antonio Salles um homem amigo da verdade e incapaz de mentir ou de inventar uma anedota de tal quilate.

Tenho dito muitas tolices e commettido necessidades que envergonhariam ao mais tonto de todos os homens. Mas, nunca pratiquei acto de tão grande estupidez como aquelle. Só posso explical-o por uma obnubilação mental.

Sei como já está desacreditada perante todos os juizes a privação de sentidos. Agarro-me, todavia, a essa attenuante das advocacias de xadrez.

Não me lembra haver dito semelhantes palavras orgulhosas, tolas e inopportunas.

Sempre me tive na conta de discipulo, pois que o meu fraco engenho não deu mais que para aprender algumas coisas, posto as tenha aprendido mal ou sem proposito.

A parte de inventiva e imaginação (que podia dar-me o orgulho de independencia) é mesquinha e quasi apartada e ausente de tudo quanto pude fazer.

Sempre fui discipulo e discipulo de numerosos mestres pela vocação natural de meu espirito.

Como poderia negal-o ?

Comtudo, admittidos os factos que não posso sem inconveniencia desmentir, consola-me o dito de Quincey de que é preciso ter algum talento para dizer uma asneira grande.

E aquella é sequispedal e honra-me um pouco.

Outra circumstancia e analogia ainda me consolam do dispauterio.

Prefaciando um livro de mocidade, recusou-se Bernardo Shaw a fazer emendas, porque, dizia elle, na opinião de todos os physiologistas e sabios da natureza, ao cabo de dez annos não se encontra uma só particula, uma cellula sequer das que existiram no individuo, sendo tudo inteiramente renovado. Eu sou outro agora.

Estou, pois, no meu direito de recusar hoje uma correcção tardia e inutil. E se é verdade que todos nós nos renovamos de dez em dez annos, eu já estou literariamente na terceira geração de mim mesmo.

Não queira, pois, o meu bom amigo Antonio Salles, como as fabula do « Lóbo e o Cordeiro », responsabilisar-me por uma anecdota de meu bisavô.

Vale.

Ácerca da selecção humana

Meu amigo,

A sua vocação de apóstolo deve deixar em paz o individuo e trabalhar pela especie.

Em nossos dias uma sciencia nova floresce entre anglo-saxonios da Europa e da America, e que se intitula a *Eugenia* ou o estudo da boa procriação e da nobreza dos seres humanos.

Pretende ser, como estudo social que é, uma materia subsidiaria da politica e uma advertencia a futuros legisladores. Trata-se de melhorar a especie humana, não brutalmente, segundo os estilos zootechnicos, mas por providencias aceitaveis que impeçam a degeneração moral da sociedade.

Eugenizar quanto possivel a familia, é um dever da boa politica e uma tarefa para futuros estadistas. E é tambem um dever domestico, confiado á vigilancia de todos os homens intelligentes e cultos.

Por toda a parte se estuda esta questão. Existe já, em Londres, um *Laboratorio eugenico*, como lhe chamam, provido de todos os recursos ; outros numerosos ha na America, onde a mais alta autoridade no assumpto é o sr. Davenport.

Um interesse crescente, denunciado em multiplos *committees* de sabios professores e philantropos, manifesta-se em largos documentos e inqueritos da sciencia nova.

Em resumo, trata-se de instituir e regularizar a influencia dos individuos na hereditariedade humana.

Todo esse movimento se originou da verificação da chamada *lei de Mendel*, que é uma descoberta da biologia moderna.

Para confirmar essa nova opinião commum basta allegar o livro, a contra corrente, de Chesterton sobre a *Eugenia e outros males de agora*.

É incalculavel o desleixo com que o homem, nas sociedades cultas, encara o futuro da sua descendencia. O numero de seres defeituosos, insanos, imbecis, epilepticos, idiotas, surdo-mudos, tuberculosos, dentro em pouco ameaçará a saude publica e a integridade do genero humano.

Facto averiguado é que os individuos degeneres e avariados proliferam com muito mais fertilidade que os seres normaes. O professor Karl Pearson e David Heron, acharam para 26 *districtos* de Londres (*boroughs*), que a natalidade nas familias de pessoas insanas ou doentes, oscilla entre seis e sete, ao passo que entre os normaes apenas a descendencia maxima é de dois individuos.

Ha que fazer uma reversão na ethica da nobreza

moderna : ella está no cuidado da prole e não na vaidade dos avós.

Nos Estados Unidos, onde os trabalhos de estatísticas são exhaustivos, quasi perfeitos e completos, parece coisa averiguada que emquanto a população, em dado periodo, cresce de 50 %, o numero de imbecis e insanos attinge a percentagem de 120.

Caminha-se para o *Nirvana* da intelligencia com uma celeridade vertiginosa. Por felicidade dos povos, alguns cruzamentos normaes amparam contra a destruição e o suicidio o andar progressivo da humanidade.

Até que ponto vae a evidencia nessa melancolica constatação de ruina, não o sei dizer. Não é menos certo, porém, que ella suscita a curiosidade dos mais indifferentes á lugubre prophecia.

Desta vez, o *dies iræ* traz elementos melhores de persuasão.

A chamada *lei de Mendel*, que, na biologia, se tornou o ponto de partida dessas investigações demologicas e sociaes, foi o achado de um monge, até ha pouco inteiramente ignorado.

Gregor Mendel, de Břunn, foi um sabio experimentalista, modesto, todo entregue aos seus estudos da natureza e completamente alheio ás consequencias que haviam outros de deduzir das suas doutrinas.

A *lei de Mendel* expressava apenas alguns factos da hereditariedade observada nas plantas e nos animaes.

Não é nenhuma novidade para estudiosos.

No seu aspecto, mais simples, despojando-a de complicações que a tornariam obscura ou difficil,

consiste na verificação de que nos cruzamentos vegetaes ou animaes, sem excluir o homem, quando os procreadores são de raças ou variedades distintas, a primeira geração é integralmente mestiça e a segunda divide-se em uma metade mestiça e em dois quartos recurrentes, pois, cada um delles retorna, inflexivelmente, a cada typo atavico.

A questão essencial é assignalar o *germ-plasma*, que determina a variedade da prole.

Supponho que haverá clareza maior no seguinte schema, sobre o germen que determina, por exemplo, a coloração :

A e B são os procreadores : um é branco, outro é preto.

A primeira geração será do typo AB , isto é, de côr cinzenta ou mixta ; é a geração dos mestiços.

A segunda geração, porém, derivada de AB dará uma descendencia bipartida em dois typos ; a metade della será AB (mestiça) e a outra metade será composta de typos regressivos, um *quarto* de brancos (A), um *quarto* de pretos (B).

Este schema representa um caso muito elementar, o da coloração branca ou preta da plumagem das aves que forem da mesma especie.

O exito da *lei de Mendel*, que era uma observação restricta a poucos casos, foi a verificação geral de que ella domina todos os seres vivos, vegetaes e animaes.

Dahi, a importancia, ainda mais remota, de que havia de repercutir com o mesmo rigor na sociedade humana, e da triste verificação de que as familias e os seres defectivos são tres e quatro vezes mais prolificos que os individuos normaes e sãos.

O sr. Davenport fez a seguinte reflexão : O governo da União Americana gasta hoje, annualmente, cerca de 100 milhões de dollars em internar e asyлар doentes e criminosos ; é natural que elle se preocupe, com uma relativa pequena despesa, de investigar a causa e os meios de combater esse flagello que compromette a segurança nacional e attrae, hoje em dia, a attenção do mundo. « Tão af feitos e acostumados andamos com os crimes, com a idiotia e com as doenças, que as julgamos quasi *males necessários*. Isso era admissivel e toleravel no tempo da ignorancia ; hoje, seria o maior dos crimes a ajuntar aos outros que proliferam graças á nossa indifferença. »

Que temos feito, no Brasil, para o estudo dessa questão humana ?

Coisa alguma, ao que supponho. Entretanto, somos um país de immigração, de cruzamentos intensos, de mesclada heterogeneidade, de descurada promiscuidade de adventicios e forasteiros.

Já que tanto se fala de degeneração do character, da regressão das virtudes nacionaes, quem nos diz o que vae nessa caldeira humana, onde fervem tão desencontrados elementos ?

Ácerca da — « Colmeia »

Meu grande amigo,

Póde um escriptor ou um escrevinhador falar de si proprio ? eis a questão que proponho á argucia e ao engenho de Vossa Mercê.

Ás vezes é de summa importancia essa desesperada resolução. Contaram-me que o Visconde de Jequitinhonha (ou não sei que outro visconde) costumava nos duros tempos do ostracismo mandar á imprensa algumas mofinas contra si proprio.

Homem politico, e, portanto indispensavel, não supportava o silencio. Descompunha-se a valer, arremangava-se e descobria quanta pulha de arrieiro lhe vinha á memoria.

— É preciso que falem de mim seja como fôr.

Esse estado de consciencia é a maior tortura do homem de letras. O silencio é a alma do outro mundo que mais o assombra e atormenta.

Graças a Deus, não sou e nem fui jámais victima

da chamada conspiração do silencio ; e desgraçadamente, gozo de um bom começo de popularidade.

Espero evital-a a tempo, conforme as salutaes advertencias de V. Mercê, grande inimigo de todas as vulgaridades odiosas.

Entretanto, a occasião urge e sinto a comer-me dentro da alma o prurido de dizer alguma coisa.

Serei breve, e direi pouco.

Prepare V. Mercê o ouvido e a benevolencia que é um exquisito ornato da sua pessoa.

Uma das tardes passadas, conversando com Vossa Mercê, já quasi noite, fóra da luz, alludi ao systema de auto-critica que em tempo aconselhei a alguns literatos que se esmurravam e deitavam sangue pelas ventas, em honra de sua dama, a Poesia.

Foi isso a meia duzia de annos na phase que se chamou a da — litteratura do porrête — symbolo cruento de uma nova arte em que saíram alguns rapazes malferidos, e ainda hoje ostentam elles as suas cicatrizes da gloria.

Ora, apresentando a Vossa Mercê um exemplar do meu livro — *Colmeia* — (que apparece agora) resolvi applicar em mim mesmo os famosos methodos da auto-critica.

Sabe Vossa Mercê muito bem que os prologos não passam de auto-criticas feitas com alguma dissimulação. Por isso mesmo escreveu a proposito aquelle grande classico :

« São os prologos um antecipado remedio aos achaques dos livros, porque andam sempre de companhia os erros e as desculpas.

« Eu por ora me desvio do caminho trilhado, não

quero pedir perdão de nada ; quem achar que dizer não me perdoe e nem será necessario encommendal-o. »

Que palavras excellentes e tão bem achadas ! Bem poderiam estar como as do antigo oraculo gravadas na porta do templo da sabedoria.

Pois bem. A auto-critica é um prologo extra-
viado ; nada mais.

Eu escrevi a — *Colmeia* — perdão ! necessito explicar-me . . .

Um ethnologo allemão disse que em vez de — eu penso — o verdadeiro era dizer — pensam em mim.

A phrase ficou proverbial ; e em verdade quasi tudo que pensamos vem de fontes remotas, atavicas, inconscientes, aprendidas e mal aprendidas. O nosso pensamento é apenas uma memoria crepuscular de coisas varias e antigas.

Somos todos victimas desse equivoco que celebramos como originalidades palpitantes.

Quando digo — Eu — já passei, e não me posso apanhar nunca mais no perpetuo volver das coisas.

Reflecta Vossa Mercê na justeza daquella phrase — *pensam em mim* — e verá se não tenho alguma razão.

Eu não escrevi a — *Colmeia* — escreveram-m'a. Senti sempre uma mão invisivel, mas solerte e segura que me guiava os dedos inhabeis e pueris.

Sente-se em todas as linhas a incerteza do ras-

cunho. As garabulhas infantis, ora sobem acima da pauta, ora descem abaixo della, conforme a vibração indisciplinada da ignorancia.

Ha uma philosophia a extraír desses contra-sensos, oitava a cima e oitava a baixo do diapasão. Deixo, porém, essa materia grave para os psychologos.

A verdade é que me escreveram o livro. E se aqui não quero despir as pennas do pavão é que as da gralha que sobrassem talvez não fossem minhas.

Quero tambem poupar a Vossa Mercê o espectaculo desagradavel dessa nudez.

A — *Colmeia* — compõe-se de favos e travos, de abelhas e vespões.

As condições da vida, cheia de quefazeres diversos, obrigam certos escriptores e escrivães a essa literatura fragmentaria e desconnexa.

— Coisas de segunda ordem, é mel de páo — dizem aquelles velhacos que distillam, sabe Deus como, dolorosamente, os seus solescismos no romance e no conto.

Seja. Vossa Mercê, porém, ainda ha de ler um romance da minha lavra, pois que aspiro a essa alta cavallaria da literatura.

Dê-me Deus vida e saúde, (que petulancia não me falta) e ainda hei de perlustrar, com auxilio de Vossa Mercê, e com a minha barraca, a feira livre da ficção.

Os turcos e o Grão Turco são benevolos e condescendentes. Conto com elles nessa concorrência pacifica.

Ora, se Vossa Mercê passar os olhos muito por alto (como costumo tambem fazer com a literatura

nacional mais por falta de tempo que de appetite) verá que naquella reportagem da — *Colmeia* — tambem reluz o latão da phantasia escassa e mirrada do escrevinhador.

Falta-lhe subtileza, que é faltar muito; mas ainda assim o interesse de alguns themas suaviza a grosseria e as asperezas da expressão canhestra e imperfeita.

O mais do exotismo dos assumptos fica temperado por alguns lances anecdoticos e obscuros da nossa historia.

Para que é mais ?

Amar a terra do berço é já um começo de litteratura.

O Brasil é o *leit-motiv* em todos os zumbidos, nos favos e travos da *Colmeia*. As nossas melliponas indigenas não são muito industriosas na sua arte divina do mel, mas fazem o que podem. Valha a verdade.

Que diz a isso Vossa Mercê ?

Ha muito espirito gentil que relucta em « enca-dernar o jornalismo ». Dizia o Silvio com muita graça que todas as vezes que nós outros da imprensa faziamos um *pacote*, abalavamos para o Garnier. Houve mais de um genio que nasceu desta arte de embrulhos. As folhas avulsas á mercê do vento, devem morrer dispersas.

Sou tambem de equal parecer, e fio da sua discreção este unico segredo das minhas letras. Com

ser pesadas, são ellas volantes, aereas e perdidas, por natureza. Não vá por ahi revelar a origem desses linguados.

Reuni-as para as dar a Vossa Mercê que bem merece mais e melhor. Assim espessas e compactas offerecem a singular vantagem de um só pescoço á foice do tempo.

Houve um tyranno, Vossa Mercê bem o sabe das chronicas e historias, o qual desejava para o seu povo uma só cabeça, pelo prazer de decepal-a dum golpe.

A — *Colmeia* — presta-se, como Vossa Mercê está vendo, a essa degolação summaria. Ah ! se toda a literatura assim fosse mortal e precaria, seria inutil o crime do califa que incendiou a bibliotheca de Alexandria.

Vamos, porém, ao livro.

Faça Vossa Mercê a angustiosa experiencia. Leia um capitulo ou uma pagina, e não se esqueça de advertir, com as suas emendas, as minhas culpas e os meus erros.

Não sou impenitente nem recuso o conselho dos mais prudentes e avisados. Aponte, como diz o classico, os achaques ainda a tempo de antecipar o remedio.

E aqui estou para obedecer a Vossa Mercê no que for servido mandar ao seu humilde creado.

Ácerca da primeira religião dos Brasis

Eis-me de novo, meu senhor e amigo, a submeter á experiencia e ás luzes de um voltairiano e sceptico, como é Vossa Mercê, um caso de consciencia, duvidoso e incerto.

Vossa Mercê, bem o sei, não tem religião alguma, mas é amigo das religiões ; encara-as amavelmente com aquella serenidade impassivel dos philosophos e vagabundos que contemplam as estrellas.

Ha umas destas que parecem fixas, outras errantes, e muitas mais innumeraveis que não chegaram a ser vistas.

— Aquella que ali vês (disse-me gravemente Vossa Mercê) morreu ha dois mil annos, mas alumia ainda e necessita agora vinte seculos para desapparecer. São assim as religiões.

Lobrigo, porém, as coisas por outros oculos.

Sou nacionalista, e entendo que a nossa religião é e será sempre uma especie de « caraimonhaga ».

O nome brasilico desapareceu, mas deixou luz para todos os tempos porvindouros.

Venho offerecer, pois, á sua meditação um dos problemas da nossa psychologia ethnica e collectiva.

Sabe, sem duvida alguma, Vossa Mercê, tão bem informado das correntes philosophicas do nosso tempo, que ao lado da psychologia individual, de si mesma tão obscura e difficil, nasceu e formou-se a psychologia ethnica (a « Völkerpsychologie ») que estuda os residuos communs do pensamento em qualquer raça. Essa mais vasta concepção da psychologia explica muitos dos phenomenos individuaes que não passam de impulsos da especie, da alma do povo, anteriores e sobranceiros ás idéas de qualquer individuo.

A raça não possui apenas fórmas e typos exteriores, possui egualmente uma alma commun formada de lentas aquisições, alma da especie e da familia que antecede todos os momentos da personalidade.

É essa alma anonyma a responsavel pelos mythos, pela religião, pela linguagem, pelo direito e emfim por todas as creações primitivas e elementares.

Lazarus, Steinthal, Wundt foram os seus criadores, e o primeiro foi quem lhe deu o nome.

Aceitemol-o, ao menos, por uma commodidade logica.

No Brasil como em toda a America, o elemento civilizador trouxe a sua religião, o christianismo ancestral de estructura já definida através de luctas, de heresias e discordancias millenarias, que embrecharam, se adaptaram ou desappareceram.

Sob o céo do novo mundo, com a differença das raças e o antagonismo dos colonizadores vindos de todos os pontos cardeaes, surgiram novas seitas, crenças extravagantes e singulares, como bem póde avaliar quem examina essa babel confusa e instavel das civilizações americanas.

O velho Holtzendorff, numa notavel contribuição para a psychologia ethnica, estudou as varias formações das seitas norte-americanas, cujas perturbações politicas, sociaes e ethicas tanta importancia offerecem ao sociologo ; e reconheceu o « alto interesse » que o problema suscita na America.

Deixemos, porém, o hemispherio do norte com os seus mormões, com a sociedade Shaker, com os perfeccionistas, etc., e attendamos antes aos exemplos domesticos já numerosos e lamentavelmente tintos de sangue.

Dessas explosões mysticas, eivadas de idéas politicas em diabolico consorcio, temos o exemplo recente e a dolorosa memoria da matança de Canudos, do José Maria do Contestado com o sacrificio de tantas vidas preciosas.

Se cursarmos a prospello a nossa historia, encon-

tramos a mesma cegueira nos quebra-kilos infensos ao systema metrico, ás mortandades do falso sebastianismo da Pedra Bonita . . .

E quantas dessas explosões mysticas e sanguinolentas !

Toda vez que a vaga civilizadora se desdobra sobre o sertão inculto lá encontra o paredão selvagem que resiste e provoca a espuma trionfante.

Esses factos são, por assim dizer, quotidianos e multiplicam-se em pequeninos conflictos infinitesimales que passam, cá fóra, despercebidos. Não é menos certo que se trava uma lucta entre as idéas do sertanejo, cuja psychologia ethnica representa uma phase differente, retrograda e ás vezes incompativel com a dos conquistadores.

Ainda que um homem intelligente e perspicuo me houvesse dito com desatenção grave que tudo isso não tem importancia, persisto em acreditar com Holtzendorff que o phenomeno tem a maxima importancia na psychologia ethnica, e sem essa consideração a sociologia seria menos que um absurdo metaphysico, seria uma occupação malsã da ociosidade.

Em regra geral, nessas formações de seitas mysticas ha o que se chama um syncretismo religioso, amalgama de principios raciaes differentes e contraditorios.

Em todas as fórmulas do mysticismo brasileiro encontramos o influxo syncretico do africano, do indio e do peninsular ou do mestiço já caldeado.

É uma congerie de superstições que reagem entre si e acabam achando qualquer equilibrio.

É claro que cada caso offerece aspectos singu-

lares, e não quero apresentar a Vossa Mercê senão a pista de um dos casos mais antigos que conhecemos.

Não leu acaso Vossa Mercê o livro recente e tão curioso da — *Primeira visitação do Santo Officio ás partes do Brasil em 1591* ?

É um livro de confissões que jazia discretamente manuscripto nos archivos da Torre do Tombo. Agora veio á luz por diligencia de Paulo Prado, a quem a historia patria deve mais esse serviço. Prefaciam o livro algumas paginas do maior dos nossos historiadores, Capistrano de Abreu.

Entre as confissões publicadas (algumas horripilantes pela baixeza moral que denunciavam) apparece uma especie curiosa, a da formação de uma seita religiosa a — *Santidade* — como lhe chamavam, que attesta esse mesmo fermento de que somos ainda testemunhas nos nossos dias.

O meu intento é demonstrar que esse phenomeno de syncretismo religioso, que tamanhas perturbações tem causado ao Brasil, é antiquissimo e data dos primeiros tempos da colonização.

Duas ou tres raças diversas, aqui submettidas á doutrina christã, que era a religião imperial, desde logo começaram, á sua propria conta, a formar novos credos, religiões novas, superstições e fanatismos mais adequados ao baixo nivel da sua cultura.

Esse é o caso da religião da — *Santidade* — que deu que fazer ás autoridades religiosas e civis sob

o governo de Telles Barreto nos ultimos decennios do primeiro seculo.

A — *Santidade* — ou a *Caraimonhaga* — foi a primeira religião nova dos brasis.

Acreditavam elles na vinda de um feiticeiro vindo de fóra para prégar a boa nova. Isso lembra um pouco aquella agitação hellenica e romana por um deus forasteiro — « *Ignotus Deus* » — o deus desconhecido.

Desde os primeiros dias da colonização Anchieta, Lery, Nobrega, Aspicuelta, segundo nos recorda Capistrano, todos elles e outros ainda observaram essa ansiedade prophetica.

Homens e mulheres, ebrifestivos, abandonavam o trabalho, e tudo esperavam da nova redempção. Para que caçar ? para que colher peixes e frutos ? tudo lhes viria á mão : a terra, as arvores, os rios mysteriosamente lhes trariam ignorados os thesouros.

No tempo dessas — « *Confissões* » — a *Santidade* foi criada e estimulada por um indio Antonio que havia estado no serviço de alguns padres em Tinharré e delles havia tomado uma dose de christianismo, como os sacristães apanham algumas pitadas de latim . . .

Com essa alforja saíu o indio Antonio a prégar a religião nova, e, logo, dando vozes, conseguiu um ajuntamento fanatico de colonos estupidos, de negros boçaes e de mulheres visionarias.

Esse Antonio (cujo nome coincide com o do fa-

moso Conselheiro mystico) dizia-se papa, e arranjou uma gentia que era a mãe de Deus, e ambos faziam baptismos « arremedando e contrafazendo os usos da egreja » e sobre um altar puzeram uma chimera informe « nem peixe, nem bicho », a que prestavam culto.

Essa erronia durou annos e só acabou a coronhadas de espingarda quando já compromettia o trabalho e a paz publica.

Acha Vossa Mercê que isso não tem importancia ?

Não o creio. Todas as sociedades em formação, enquanto não alcançam equilibrio e homogeneidade, contêm em si perigosos explosivos.

Qualquer reacção póde produzir uma catastrophe ou um terremoto.

O grande cuidado, o maximo cuidado dos civilizadores deve ser o de apagar essas differenciações mortaes entre os homens que respiram sob o mesmo céo.

Ha certas vantagens na intolerancia como as ha no despotismo esclarecido.

Nosso dever não é tanto o culto da liberdade como a diligencia que inutiliza a necessidade das tyrannias.

Se Vossa Mercê um dia quizer fundar uma — *Santidade* — aqui estou para servir de acolyto (que para mais não sirvo); mas não se espante nem leve a mal que o sacristão (com algumas pitadas do la-

tim de Vossa Mercê) saia a fundar uma *Santidade* nova.

Uma propriedade geral de todas as reformas é que ellas se multiplicam ao infinito.

E, comquanto o mundo haja mistér de uma reverendissima reformação, estou que o melhor é ficarmos tranquillos e morrermos com a fé que bebemos no berço.

No fim de contas, que importa á machina do universo ser Vossa Mercê ou eu um propheta ?

Nem por isso hão de falhar as taboas dos eclipses nem a veneração que dedico á Vossa Mercê.

Creia-me, etc.

Ainda a religião dos Brasis

(Ao mesmo endereço)

Ha poucos dias entretive o raro amigo (se acaso o pude entreter) com a historia sempre repetida do mysticismo sertanejo e das falsas religiões que se formam no deserto, longe do contacto da civilização.

De como são perigosas e maleficas essas perversões da religião culta não se ha mister apresentar longos argumentos e demonstrações.

A nossa historia é o testemunho vivo e doloroso de fanatismos e crises dessa especie.

Com o seu estilo suave e subtil, não ha muito, recordava-nos Mucio Leão a « historia do reino encantado », uma das fórmulas serodias do sebastianismo portuguez.

E penso com elle que o paraíso sonhado por esses loucos e visionarios é uma ondulação que se repete ainda e não expirou na tranquillidade esperada da nossa civilização.

De vez em quando, surprehendemos esse rythmo de sangue e de loucura.

O remedio talvez unico é povoar e civilizar. Mas, nós não queremos ou não temos recursos para povoar e tudo esperamos da lenta expansão vegetativa da faixa maritima.

E nem sabemos civilizar, deixando na ignorancia as almas que, ao desamparo, retrogradam ás suas origens selvaticas primitivas.

Desta arte, cultivamos o antagonismo com que se defrontam o sertanejo e o conquistador, um e outro alvorotados permanentemente por incompreensão mutua.

Foi sob essa inspiração da nossa historia e do livro curioso da *Visitação do Santo Officio* no Brasil, no seculo XVI, que encontrei uma das primeiras revelações do phenomeno social, ethnico e religioso entre as nossas gentes incultas.

Cumpria apontar essa origem, por antiga que era e pelas feições que ainda são as mesmas da hora presente.

De mim, não sei se cedi a algum influxo telepathico perdido no ambiente.

Em minha consciencia, não fazia eu mais que recordar um momento remoto e quasi apagado das cogitações habituaes e quotidianas.

Eis senão quando me chega a noticia de que a velha tragedia contumaz de novo reaparece nas

fronteiras incultas do Paraná e Santa Catharina, quasi na mesma região que não ha muito foi o theatro de conflictos monstruosos e de luctas sanguinolentas.

Agora mesmo, anda a policia local ás voltas com um novo bando de « fanaticos » dispostos a aniquillar os frutos nascentes da civilização que já vão alentando aquelles remotos rincões da nossa terra.

Appareceu ali um certo José Victorino que se diz o Messias e mais particularmente se intitula S. João Maria. Esse bandido allucinado arranjou como poudé (e não seria coisa difficil) uma Nossa Senhora, formosa cabocla de olhos negros escravizada pela diabolica suggestão daquelle a quem ella chama o — Santo — o Padre Eterno e novo Jesus.

Cercam a divindade nova os carinhos femininos das victimas do hysterismo e da torpe abusão.

Não parecem mais fortes os homens cuja varonil firmeza, quebrantada e vencida, jaz aos pés do grande Santo que illumina o deserto.

Leguas em torno, buscam-no os desamparados, os enfermos e os crentes na esperança de melhores dias.

Abrasados de zelo se encaminham ao tugurio do propheta.

E porque a volupia e a luxuria nem sempre são incompativeis com o ritual desses santarrões da floresta, o novo Messias arrebanhou cinco virgens para a sua côrte celeste e seu serviço divino.

O theatro dessas miserias é o logar conhecido por Papuan, na fronteira septentrional catharinese, mais ou menos na bacia do Rio Negro. A *Gazeta do Povo*, de Curityba, assegura que eram já trezentos os fanaticos de Papuan que se ajuntaram naquelle reducto.

A pobre gente daquelle deserto que se não submete ao novo Jesus tem abandonado os seus haveres e as suas terras, buscando a longinqua e demorada protecção das leis civilizadas. São os dyscolos da egrejinha nova.

Aquelle Jesus, verdadeiro louco, mystico desvairado e criminoso, prégava uma especie de reino encantado de eterna felicidade para os seus sequazes. Mas, ao mesmo tempo preparava a guerra santa contra os advenas e o exterminio da força publica se ousasse affrontal-o nos seus ermos.

Estavam as coisas nesse pé, quando um delegado de policia de Mafra assaltou de embuscada o reducto daquelle famigerado Jesus, e conseguiu prender Jesus, Nossa Senhora (que era uma tal Antonia Gomes) e duas virgens celestiaes, Julia Soares e Helena Custodia.

Uma dessas virgens conta apenas quatorze annos de idade, e confessou á policia que o diabolico santo lhe « promettera um lindo palacio de ouro onde S. João appareceria formoso e moço. Nesse palacio encantado, no Céu, ella seria feliz, eternamente feliz ».

A Nossa Senhora, tomando a mão, ali fez decla-

rações sensacionaes, como esta, recolhida por um reporter :

— « Seu moço, a gente é bôba nesses matos ; *credita* em tudo. Elle dizia que era Deus, falava tão bem que tudo *creditou*.

A labia desse deus velhaco promovia um passadio excellente, á tripa forra. O patife diariamente reclamava manjares delicados e substanciaes sob as duas especies de gallinhas e ovos.

Parece, pois, que a tragedia abortou nos primeiros actos, e com um pouco de energia é já possivel evitar a catastrophe.

Ainda que a ignorancia e a loucura possam explicar esses acontecimentos, não é de bom conselho applicar na classificação de taes crimes as attenuantes, mais sentimentaes do que scientificas, para a repressão de semelhante banditismo.

Ha, por quasi toda a região sertaneja, um fermento de misonheismo contra a civilização, que convém destruir e extirpar sem falsas benevolencias emquanto não cresce o tumulto sanguinario do fanatismo.

Os bandos de Papuan, ao que parece, dispersos pela acção policial, rapida e efficiente, vão, sem duvida, repetir-se daqui a pouco, mais longe, com a perversa assiduidade de sempre.

A sinceridade dos mysticos e epilepticos é muito problematica. Ha nella sempre um fundo de velhacaria e tratantice a que dá côres de fascinação a estudada santidade de seus apostolos.

Realmente, não é desagradavel viver da santa preguiça com um escolhido harem para as divinas horas de relaxação apostolica.

As volupias asceticas são não estranhas ás religiões. Provam-no o paraíso mahometano das *huris* ou a morada edenica das louras walkyrias.

Passemos por alto e esqueçamos as queridas freirinhas de Oudivellas, para não affrontar a civilização domestica.

O peor é que essa libertinagem passa facilmente do erotismo á colera sanguinolenta que tudo aniquilla e destroe.

Raciocinemos, um momento.

A religião culta difficilmente se acomoda aos grosseiros processos da gente barbara.

Vae para muitos annos, nas terras do Norte andava uma missão de capuchinhos italianos no serviço da salvação das almas.

Imaginaram esses piedosos frades que seria um espectáculo persuasivo da catechese celebrar ao vivo a paixão de Christo, com todos os seus passos lacrimosos.

Arranjaram, como foi possivel, alguns apóstolos, judeus e soldados romanos de capacete e lança em punho.

O José caboclo, amarrado a uma cruz, servia de Christo. O effeito theatral foi surprehendente, e muitas lagrimas se derramaram com o lutuoso espectáculo.

Na hora sombria do Calvario, o soldado romano fazia chegar com a lança uma esponja de fel á boca de Jesus.

Por deferencia, porém, a José caboclo, achou-se prudente substituir o fel amargo por cachaça forte.

O José caboclo, é facil imaginar, sorvia avida-

mente a esponja, e para estimular o soldado romano dizia, baixinho, do alto da cruz :

— Mais fé!

Para satisfazer a essa infinita amargura, foi preciso abrir um alambique proximo naquelle santo dia fechado em piedosa homenagem á Sagrada Paixão.

Quando o tiraram da cruz, José caboclo estava realmente morto ; e, coisa que foi muito mais impressiva para a fidelidade historica, ressuscitou facilmente no dia seguinte.

A ressaca foi tida por um milagre assombroso, e creio que desde esse momento o José foi incorporado definitivamente á santa missão dos capuchinhos.

Daqui a um seculo, dada a confusão do tempo e das historias, José talvez esteja canonizado.

Ácerca do typo nacional

Meu senhor,

Venho de novo bater á porta de Vossa Mercê, a quem muito considero e respeito para propôr uma questão insolita, mas instante e de perenne actualidade.

Se eu propuzesse a questão subitamente, perguntando se Vossa Mercê é branco ou mulato, de certo não me perdoaria a insolencia do seu submisso creado.

Mas, a pergunta é essa mesma, toucada embora com os euphemismos que não se dispensam em taes casos.

Não quero estabelecer nenhuma investigação; nem eu professo nenhuma dessas curiosidades inconcessas e malsans que V. Mercê com justa razão desdenharia talvez com repugnancia.

Ouçõ dizer que todos aqui são mestiços mais ou menos, e talvez mais do que menos.

Qual seria a posição de V. Mercê nessa difficil conjunctura sem livros de linhagem authentica ?

Muitos annos ha que o nosso governo officialmente deu uma prova de sabedoria e prudencia mandando riscar das listas do recenseamento a lugubre e fatidica columna onde se podia a confissão ingenua : *Branco, pardo ou preto ?*

A experiencia havia demonstrado á saciedade, em casos anteriores e repetidos, que todos os pardos surrateiramente haviam passado a ser brancos : e os pobres pretos acharam mais avisadamente que deviam desapparecer como convinha áquella côr que por definição era a ausencia de todas as outras.

É um principio fundamental que o preto não reflecte ou reflecte muito pouco. Seria injustiça culpá-lo por tão innocua irreflexão.

Tambem eu, pois que em casa de ladrão não se fala em corda, estou a convencer-me de que sou branco.

É verdade que um ou outro inimigo meu, com detestavel literatura, me atira a pécha de mestiço desprezível. Parece que isso lhe dá qualquer superioridade tactica aproveitavel.

É uma labia corriqueira.

Tenho resistido, como faria Vossa Mercê (que é meu mestre em todas as coisas) a essas frivolas insolencias da inimidade.

Um desses inimigos num livro recente consagrou-me um interessante capitulo para xingar-me

dois impropérios decisivos, a saber, que sou pardo e burro.

Esse autor de bolostrocas literarias pela primeira vez proferiu duas verdades irresistiveis.

Com que então, poderia eu sair á rua e vir a publico dizer que sou branco ou que tenho um grande talento ? Que falta de tacto do amarello philisteu.

Vossa Mercê, que é tão grave como os Pisões, não conteria o riso.

Branco e talentoso seriam epithetos amaveis e arabescos ornamentaes de grande effeito. Não o negarei jámais.

Entretanto, ha recursos novos contra essa enfermidade antiga. Hoje em dia, a agua oxigenada faz maravilhas como os *chassepots* de Napoleão III.

Uma e os outros trabalham pela unidade humana.

Demais, nesses doestos ha um facil calculo de probabilidade que aconselha a ser o primeiro na aggressão.

Que branco de homem ! Se elle não tivesse escripto as bolostrocas ! e não viesse donde veiu !

Mas, vamos á questão proposta. Lá pelas terras do Norte vive na boca das gentes um lindo termo, mixto de tupi e portuguez, que exprime a delicada coloração atavica de algumas moçoilas mestiças de pelle branca e de olhos claros. A genealogia dá muitas vezes taes saltos.

Já tive a honra e o prazer de fazer esse registro num dos meus alfarrabios esquecidos.

A aquellas formosas creaturas, que resumbram alvuras avitas, chamam — *brancaranas*.

As brancaranas parecem brancas e são até bran-

quissimas quando acaso se perdem os papeis genealogicos da familia.

Foi, valendo-se de tão gentil vocabulo que o nosso poeta Bittencourt Sampaio verteu para linguagem o lindo poema de Longfellow — *The quadroon girl*.

Her eyes were large and full of light,
 Her arms and neck were bare,

 And her own long raven hair.

A esta hora a brancarana soffreu novas metamorphoses ou foi varrida pela civilização tão fertil em maleficios.

Existe, entretanto, na poesia e na verdade.

Com a desappareição soffreu a escola indigenista a perda de uma das mais suaves nuances da sua galeria poetica.

Já ouvi lamentações de alguns velhos grammaticos e de bardos *demodés*, pela extincção do gracioso suffixo que punha na paisagem das canaranas agitadas pelos ventos o vulto e a rima pobre das brancaranas subtis e fascinadoras.

Hão de nascer outras rimas ricas, estou certo, segundo o principio :

Ó rima que a tanto obligas
 Que haces blancas las hormigas.

Quando propus a questão acima ao espirito magnifico e generoso de Vossa Mercê, foi com o intento

de receber das luzes e experiencias de um sabio a approvação de uma theoria que parece conciliar a eterna discrepancia entre brancos e pretos.

Considero o achado como a mais portentosa das maravilhas contemporaneas.

Leio num autor americano que o seu typo *yankee* e nacional já não se póde esconder em parte alguma.

A prosodia e o typo logo o denunciam. Qualquer barbeiro, alfaiate ou sapateiro, ao primeiro lance de olhos, em toda a Europa, em Londres ou em Vienna, conhece o americano e distingue-o de qualquer typo anglo-saxonio.

A razão é que já existe desenhada a sua anatomia e expressão corporea.

O typo esgalgado e fino do Uncle Sam é já um vestigio agonizante do anglo-saxão da antiga colonia.

O americano de hoje, observa o agudo Wells, é mais baixo, menos magro, mais impressivo em suas feições novas.

Um dos traços anatomicos mais caracteristicos nos homens e principalmente, nas mulheres que são formosissimas, é das maçãs do rosto um pouco salientes, mas suaves. Esses e outros traços anatomicos provém da raça indiana, mas não se transmitem pela prole, pelos mysterios da geração.

É anatomia propria do meio e da America ; é um influxo virginal criado pela terra.

Desta arte, as camadas europeas que se assentaram sobre o solo soffreram e soffrem essa perfuração do typo primitivo indiano que vem subindo á tona através da onda humana.

A anatomia, a physiologia, o proprio espirito é o autochtone, independente das origens exoticas.

O americano, europeu ou asiatico, tende a tornar-se indio.

Todos os adventicios vão pouco a pouco se ageitando a esses moldes da raça prehistorica por uma fatalidade ethnica irresistivel, que restitue á America o homem americano.

Examine Vossa Mercê essa questão obscura e de cujos mysterios depende a paz de muitas familias.

Vamos nós (como os americanos do Norte) ficando indios ? Parece que sim.

Os nossos avós tupinambás ou cahetés reclamam os seus privilegios de *dü patrii*.

O indianismo, longe de perder os seus credits literarios, é hoje uma formosa hypothese da ethnologia.

É um continuo *werden*, um admiravel *devenir* que vem prestar mão forte á harmoniosa unidade nacional.

Se Vossa Mercê, como eu, sentir-se vexado de dizer se é branco ou acaso mulato, aqui está a mezinha salvadora. Queira aceitar essa formula nova que abrange, aquieta, resolve e cohere todas as diversidades.

Sinto que vou abrir fraternalmente os braços ao autor das bolostrocas.

Tinham razão os homens da independencia e viam longe, muito longe quando, perspicuos, pas-

saram a chrismar-se de Caragatás, Caramurús, Arariboias, Cunhãbebes e Caraibas.

O gentio é o typo do futuro predeterminado.

Não ha mais que vêr. Todos nós somos caboclos.

Eu mesmo sinto ás vezes que vou ficando morubixaba. E Vossa Mercê ?

Se Vossa Mercê não quizer abrir mão dos seus rançosos e atrasados preconceitos de homem branco, nem por isso póde fazer parar as verdades eternas. Mas seja como fôr, continuo sempre a servir-o com a dedicação de amigo e velho caboclo.

Erê jupê ?

Das leis da politica

Meu velho amigo,

Só agora, após tantos annos decorridos, torno a vê-lo na sua envergadura nova de politico militante, governador de homens, mystagogo dessa religião confusa da salvação da patria.

Em sua intenção li hoje um autor grave e desconsolado.

O professor Krükmann, da Universidade de Munster, escreveu recentemente um pequeno ensaio sobre as « leis da politica » — (*Gesetze der Politik*) no numero de fevereiro, agora distribuido, do Velhagen-Klasing.

É uma serie de reflexões aproveitaveis para o conhecimento da actualidade alemã.

O professor Krükmann acha que as leis da politica como as da natureza estão por vezes sujeitas á apparente inacção quando ha interferencias per-

turbadoras. A pedra incluída num muro não cae ao solo : sua gravidade propria desapparece no material subjacente em que repousa.

Ha leis cuja pressão não se sente, mas são effectivas.

Todas as transformações impostas á Alemanha criaram uma ordem de coisas insustentavel e que procuram um equilibrio impossivel.

A revolução imposta de fóra para dentro, a democracia, a fragmentação do territorio, o pacifismo obrigatorio pelo desarmamento, são coisas anti-alemas, sem alicerces, extra-naturaes, sem historia e por isso mesmo precarias e dolorosas.

Os pacifistas alemães foram sempre espiritos destructivos como o seu chefe A. Fried que julgou conveniente salvar a pelle na Suissa ao abrigo do canhoneio e ao mesmo tempo arrojara a patria pelo desanimo aos pés do inimigo.

A piedade humana dos pacifistas é uma fallacia desastrosa e contraria á lei politica por excellencia : a lei vital da organização do Estado.

O Estado, subentende-se, é sempre o orgão da paz mas não é o de um doentio pacifismo. O Estado é uma organização protectiva tanto nos homens como nas sociedades animaes.

É a razão de ser das sociedades, dos bandos e gregarios primitivos. Os lóbos caçam juntos como trabalham juntas as abelhas e as formigas. Essas organizações protectivas fundam-se pela união na força, e quando esta é impossivel no mimetismo, na vida nocturna, em todos os recursos de astucia necessaria. Os macacos, é sabido, t m sentinellas, e vigias. Só animaes excessivamente fortes são so-

litarios, como o leão ou o tigre. Estes, podem ser pacifistas.

Todas as associações humanas são por fraqueza necessariamente armadas, e a força é a sua primeira garantia. Sob as armas, levantou-se a Grecia, e com ellas floresceu a cultura e a civilização romana.

O defeito da Alemanha foi não o militarismo, mas a insufficiencia e a fraqueza do seu apregoado militarismo que não libertou o paiz da escravidão actual. « Nunca entre nós foi tomado a serio o dever de defesa nacional como por terra e por mar fizeram com extremos de força a França e a Inglaterra ».

Eis uma affirmação que não será crida.

E accrescenta ainda :

« Faltamos ao grande fim do Estado, á sua finalidade protectiva porque nos deixamos embalar por uma phrase e palavra vã de que o militarismo era o inimigo da civilização ».

Outra lei que ferimos mortalmente foi a do principio constructivo, o da fórma de governo que appareceu com o auto-exterminio das instituições.

Não se deve jámais confundir os meios com os fins. A democracia é apenas, como outros, um meio. Não póde ser o objecto do Estado mais ou melhor que por exemplo o commercio livre ou o proteccionismo aduaneiro. A democracia onde cabe é apenas um meio ou instrumento mais ou menos adequado.

Monarchia ou democracia levam aos mesmos

perigos occasionaes do despotismo ou da ochlocracia, o imperio odioso das turbas.

Como simples meios que conduzem a determinado fim, será sempre preferivel e pratico um systema mixto e temperado, em que se não percama as linhas anteriores do desenvolvimento natural da sociedade, evitando-se qualquer transformação de catastrophe.

Outra lei fundamental da politica é a pressão geographica, que os reformadores do mundo esquecem no espaço como esqueceram no tempo a continuidade do espirito, e o trabalho da historia.

O professor Krükmann cita a phrase já centenaria de um inglês, Seeley : — « A medida da liberdade politica de um país é inversamente proporcional á pressão politico-militar que pesa sobre as suas fronteiras ».

Isto significa para a Alemanha, diz o professor Krükmann, que a sua estolida constituição de hoje seria apenas toleravel se os alemães tivessem uma saída livre para o mar por Bordeaux ou Marselha e mais se interpozesse entre elles e a Russia um oceano ou uma cordilheira. São hypotheses absurdas e gratuitas, já se percebe.

Mas a Alemanha tem nos seus flancos a França sempre ávida de gloria e animada de vingança, de capricho e de orgulho, e, de outro lado, os Tchecos e Polacos entranhadamente inimigos.

A Alemanha está exposta, em todos os pontos cardeaes, a invasões possiveis, emquanto a Ingla-

terra só poderia soffrer uma guerra peripherica, naturalmente ephemera ou sem consequencias. Assim, as suas liberdades estão em funcção de seus proprios perigos.

Temos necessidade, dictada pela «pressão geographica», de concentrar em uma só mão o poder do Estado. Essa unidade de commando é incompativel com a volubilidade democratica e a oscillação dos partidos.

«Por isso cada povo tem de resolver o seu problema constitucional, por si mesmo e do modo que melhor lhe convenha. Uma constituição uniforme e universal não existe.»

«Se na America a Republica é uma convenção possivel, deve-se á vastidão do solo ainda inaproveitado. O espaço é um grande alicerce da ordem politica, se bem que a liberdade americana de facto corre com botas de sete leguas para a escravidão plutocratica. Mas a terra ali muito longe está de vêr esgotadas as suas possibilidades, e a plutocracia pôde ainda lograr uma longevidade incalculavel.»

Além desse principio geographico fartamente documentado pelo exemplo da Inglaterra, da França e das terras insulares da Grecia e do Japão, o professor Krükmann consagra uma pagina á «lei da acção indirecta» na politica.

A politica das massas, da estreita democracia, só percebe o que está á mão, em contacto e influxo directo.

As coisas desinteressadas, as obras do espirito, a arte e a sciencia pouco valem no conceito das democracias sempre dispendiosas. É um governo de temperamento proletario que pensa e vive « au jour le jour ». Em qualquer parte o governo democratico é o mais caro do mundo.

Na republica alemã cada *parvenu* do functionalismo reclama agora um automovel, « emquanto o antigo chanceller apenas dispunha de um carro e os outros ministros iam a pé ou como podiam. »

Fala-se da lista civil. Mas « um presidente « barato » agora atira pela janella diariamente tantos milhões quantos economizava o Imperador em um anno ».

« Numa monarchia, a Tammany Hall de New-York seria impossivel ».

A acção indirecta mas effectiva contra os caçadores de fortuna é certamente no Estado um dos elementos de sã educação popular e de restricções salutaes inculcaveis.

Emfim, o professor Krükmann é muito mais militarista e politico que philosopho ou historiador.

Falta-lhe, como se vê, a tranquillidade que lhe daria seguramente maior izenção de juizo.

Sem duvida, ha « leis politicas » que não convém desconhecer. Cada povo tem em si proprio o germen de processos espontaneos e segue as linhas do seu proprio desenvolvimento.

O momento actual resente-se da turbulencia

inevitavel da reconstituição dos povos. Agora, a Grecia chama do exilio o seu monarcha, a Hungria pede um rei e não é impossivel que a auto-determinação de Wilson venha de novo submetter-se ás suggestões e necessidades criadas secularmente pela historia.

O futuro dil-o-á.

Parece-nos, todavia, incrivel que a Alemanha possa reconstituir a antiga monarchia. Depois da democracia, só ha a democracia outra vez. Não existe outra herança legitima.

E essa é uma lei que não parece menos inflexivel que as outras.

1921.

José Gorani em Portugal

(Sem endereço)

Tudo quanto se passa em Portugal, ou repercute em sua historia, acha resonancia immediata entre os brasileiros.

Andei a lêr nestes ultimos dias as aventuras de um fidalgo italiano, verdadeiro nomade que não parava em terra alguma, sempre ao léo da boa e má fortuna.

Giuseppe Gorani era o seu nome, diminuidos uns quatro outros prenomes de sobresalente, signal de gentileza e illustre prosapia.

Era fidalgo ? talvez. Parece que elle descobriu em velhas chronicas do norte a existencia de um certo Goran, rei da Escossia antiga, vencedor dos ferozes Pictas. A semelhança desse nome Goran deu-lhe ensejo a desenvolvimentos genealogicos arborescentes.

Esse fidalgo italiano descendia, pois, do rei Goran.

Acharão alguns scepticos tortuosa e longa esta linhagem ; comtudo, mais tortuosa e certamente mais longa é a de Adão e Eva.

Encurtemos, pois, e demos a Goran escossez a verdadeira origem de Giuseppe Gorani.

Eil-o nobre de longa estirpe como tantos outros do nosso tempo e da nossa terra que tiram grandes vantagens nobiliarchicas de certas homonymias casuaes.

E até ha mais fidalguia nessas fraudes. Fidalgos taes podem dizer como aquelle que disse espirituosamente : *Nous sommes les ancêtres de nous mêmes.*

Giuseppe Gorani serviu no exercito imperial da Austria no tempo em que esta era atacada pelos grande rei Frederico.

E a este proposito, conta algumas anedotas curiosas daquelle grande rei. No exercito prussiano andavam alistados alguns francezes, e um delles certa vez achou prudente desertar. Foi preso e levado á presença de Frederico, que sabidamente só reconhecia qualidades de espirito no povo francez.

— Por que desertaste, meu velho camarada ?
— perguntou o rei affavelmente.

O francez respondeu com inteiro sangue frio :

— *C'est que les affaires de votre Majesté vont trop mal.*

— *Eh bien ! (disse o rei). Retourne á ton drapeau. Demain, je vais livrer une bataille et si je la perds nous désertérons ensemble.*

Depois de correr Seca e Meca, veio Gorani aonde o attraía a fama do Conde de Oeiras, o futuro marquez de Pombal (um tanto afidalgado como elle por artes magicas e occultas).

A jornada entre Espanha e Portugal é pittoresca e cheia de incidentes burlescos. Vinha para curar-se de uma paixão contraída na Espanha e por vezes pensou em retroceder para cair aos pés da sua infiel Dona Angelica, pedindo perdão.

É da psychologia da península essa humilhação diante das espanholas.

Creio que um escriptor portuguez já a aproveitou com espirito num dos seus melhores romances.

Incerto, porém, do perdão, o nosso Gorani proseguiu na viagem, esperando do tempo o grande remedio a todas as tristezas.

E assim foi.

Em terras portuguezas jornadeou por montes e devezas na companhia de arrieiros e estudantes, e, nesse comenos, ia deletreando os — *Lusiadas* — á custa de algum latim e espanhol, já familiares.

Ia com o aprumo de gentilhomem do norte, ainda que lhe soassem ao ouvido os versos populares :

Veneziani gran signori,
Padovani gran dottori,
Vicentini mangia-gatti,
Veronesi mezzi-matti.

Et reliqua.

Ao fazer a remonta de um rio, ficou assombrado quando lhe pediram *mil e duzentos réis* pelo frete do fidalgo e do jumentinho que o levava.

A moeda desorientava-o. Elle não percebia que o real era apenas uma imaginação que sobrevive de realidades paleolithicas.

Aquella quantia pareceu-lhe uma fortuna. *Mil e duzentos !*

Afinal, veiu a saber que esses mil e duzentos réis eram apenas o numero astronomico de quantia ridicula.

Em Lisboa, albergou-se na hospedaria das — *Santas Almas do Purgatorio* — infecto pardieiro onde se acolhia um rebotalho de gente vagabunda e erratica.

Nessa hospedaria podia vêr-se o cubiculo vizinho por cima dos baixos biombos que dividiam as cellulas, quando com um pouco mais de prudencia através das rachas e fendas tambem se podia vêr a mesma coisa.

Passamos em silencio algumas das suas aventuras de baixa galantaria em Lisboa.

Gorani trazia umas cartas de recommendação para o Patriarcha de Lisboa, mas teve o bom senso de não entregal-as.

O momento era improprio. Pombal havia, então, publicado o edito contra o abuso das capellas. Esse edito voltairiano assim começava :

— A politica de Roma sempre achou melhor o partido de collocar na cadeira de S. Pedro algum velho decrepito que se presta, em sua fraqueza, a todas as machinações da vil intriga . . .

.

O esperto Gorani não precisava de mais para orientar-se. Longe de buscar o cardeal, arranjou equipagem a credito e com grande pantomima e estrondo foi direito ao Conde de Oeiras. Elle sabia que essas pantomimas são rituaes na alta sociedade e que infallivelmente impressionam « tanto a côrte como a canalha ».

Aliás, não sabemos como Gorani logrou impingir ou provar o seu parentesco, talvez verdadeiro, com a Condessa de Oeiras e dahi o começo da sua boa fortuna.

Foi logo nomeado capitão de granadeiros com 32\$000 por mês. Aqui lamentou que esses réis, aos milhares, fossem tão pouca moeda, ao contrario do que lhe parecera na primeira impressão.

Gorani chegou alguns annos depois do terremoto, mas ainda viu os escombros da grande eversão. O seu parecer, egual ao de Beule, é que Bulwer e Plinio o moço calumniaram o Vesuvio ; a destruição das cidades não foi devida ao *lapillo* vulcanico, mas ao incendio das casas abandonadas e caídas por terra. Em Lisboa, a maior destruição, diz elle, foi a do fogo das lareiras e das festas de Todos os Santos nas egrejas. O resto foi obra do banditismo dos ladrões.

Caíndo nas unhas mesmo amorosas de Pombal, ao cabo de certo tempo o nosso heroe imaginava escapar de tão felino protector e parente.

Já havia assistido a crueldades inauditas do pulso de ferro que governava em nome do Rei. Por um momento se vira abarbado nas teias do terrivel e novo tribunal da *Inconfidencia* que succedeu ao

já abolido Santo Officio, e não era certamente muito peor que a Inquisição.

Daquelle mais do que desta bem soffreram alguns brasileiros illustres, os patriotas da conjuração mineira.

As estreias do tribunal da Inconfidencia, sem o lugubre apparatus dos Autos da Fé, consummavam eguaes atrocidades.

Gorani, afinal, soccorreu-se de um stratagemma ; fez escrever da Italia uma carta em que se noticiava a morte de seu pae. Desta arte, o supposto orphão, com ar compungido e tristonho, pediu licença ao Marquez para voltar á patria.

Deram-lh'a; e elle saíu alegremente, sem aquella *saudade* portugueza caracteristica das longas ausencias.

Gorani traduziu o episodio de Ignez de Castro dos *Lusiadas*, compoz uma *Visione* em 78 estrophes impressas em Lisboa, e parece que é delle uma *Vita de Sebastian Giuseppe di Carvalho*, anonyma.

Os titulos do escriptor, porém, consistem nas admiraveis *Memorias* de sua vida tão agitada e tão cheia de anedotas da mais interessante e curiosa de todas as épocas, a da ultima metade do seculo XVIII.

Os episodios que referimos de sua passagem por Lisboa empallidecem diante das paginas que escreveu, como testemunha presencial da revolução franceza.

Conheceu os grandes demagogos do tempo, de Mirabeau a Robespierre. Define-os a todos com

grande exacção e fina sensibilidade. Nunca o enganaram o genio, o charlatanismo, a estupidez, a imprudencia e a perversidade das pessoas daquelle grandioso drama da historia.

Gorani, entretanto, era a contradicção em pessoa. Soffreu todas as metamorphoses com extrema volubilidade : foi *citoyen français*, girondino, monarchista e republicano, protestante e catholico.

E acabou esquecido de todos, pois quinze annos antes de morrer o *Dictionnaire d'histoire* publicava o seu necrologio.

A sua grande volupia era ser e não ser. E isso que era um problema para Hamlet foi o sentido verdadeiro de sua existencia.

As festas de Gonçalves Dias

Meu querido amigo :

Remetto, conforme o pedido de Vossa Mercê, todos os retalhos que pude haver á mão, das noticias e discursos (sempre os discursos) do centenario do glorioso poeta.

Por elles verá Vossa Mercê como somos incapazes de passar além da bolha de sabão da boa rhetorica. « Words, words ! »

Faltou o principal da apotheose.

Gonçalves Dias não tem sequer a edição regular de suas obras, e, agora, escôa talvez o momento mais opportuno.

As suas cartas admiraveis (como as que foram, ha já muitos annos, publicadas no velho orgão) bastariam para dar-lhe o renome de prosador tão grande como era o poeta. Essa correspondencia, que não sei se mais extensa e volumosa, não é, de todo, anecdotica ou familiar ; inculca idéas e opi-

niões ácerca da literatura nacional e dos seus meios de expressão autonómica.

Convinha reproduzil-as nesse momento fugitivo, uma vez que não entraram nas obras postumas do poeta.

Nas festas aqui organizadas, os programmas deixam muito a desejar. Para servir á frivolidade dos auditorios vulgares, metteram um pouco de musica ao caso : Massenet, Chopin, arietas de operas e romanças italianas. Que falta de discernimento ! que desproposito !

Bem se poderia satisfazer o inculto *snobismo* da nossa gente, sem excluir o character nacional e proprio da glorificação.

Ha uma duzia ou mais das formosas poesias do maranhense postas em musica e que ainda se cantam pelas terras do norte.

Confessou-me uma vez Vossa Mercê que, das modinhas nacionaes, nenhuma era mais melodiosa que aquella dos — « Seus olhos negros, negros . . . » ou a do — « Meu anjo, escuta ! ».

Mas isso que é, diante das árias francezas ou allemãs ? Quem, dos nossos *snobs*, supportaria a modinha brasileira ?

Entretanto, era essa a feição typica e caracteristica no momento.

E tudo brilhou pela ausencia, a musica, a caricatura, a polemica, o proprio jornalismo do poeta, que foi tambem jornalista.

Chamaram essas festas de « gonçalvinas », mas têm sido anti-gonçalvinas por excellencia, porque nada traduzem da sua personalidade.

Creia ; não estou exaggerando.

Fomos surpreendidos de improviso, e nada preparámos para a apotheose.

Até agora, nenhum artigo, sequer, nenhum livro de critica, nenhuma edição do poeta buscou perpetuar ou prolongar a hora que passa.

Excepção feita de uma ou outra inspiração do pincel de alguns artistas, apenas duas contribuições impessoaes, a de Humberto de Campos e a de Mesquita Pimentel, mostram os aspectos intimos menos conhecidos do poeta. Muito valiosa a descoberta que fez Pedro Gomes de uma poesia juvenil, que se considerava perdida.

O resto compõe-se de banalidades e logares communs, de discursos de méra egolatria dos discursadores.

— Eu, diz Paulo, acho que Gonçalves Dias é extraordinario . . .

— Sim, senhor, é uma grande gloria nacional, na minha opinião, atalha Sancho.

— E eu (arrisca Martinho) estou convencido de que é um genio, criador de belleza . . .

Afinal, Paulo, Sancho e Martinho o que querem é falar de si proprios, e, de caminho, endossar e mesmo valorizar, com « sua alta autoridade », o merito já consagrado do poeta.

Porque, emfim, é preciso que o publico conheça as opiniões de Paulo ou as de Sancho . . .

É incrível de fatua esterilidade esse exhibicionismo serodio e inopportuno.

Vossa Mercê deve ficar ensurdecido com esse babaréo . . .

Não tem, todavia, razão alguma.

Entre nós, a rhetorica, o discurso, a falação não é propriamente um vicio inextirpavel. É, feitas as contas, um signal de ignorancia, de fraqueza, de incapacidade e de preguiça.

Disparar trinta ou quarenta periodos vasis e sonoros sobre o auditorio inerme, mas condescendente, dispensa o estudo, a critica, a pesquisa e o trabalho.

São girandolas inoffensivas, que contribuem para o ruido essencial ás glorificações. Quando espoucam em recinto fechado, o estardalhaço é bem razoavel ; mas, quando, no outro dia, apparecem (veja os retalhos das folhas que envio a Vossa Mercê) são figuras tristes, evanescentes, como certas almas do outro mundo tardias, que se deixam surprehender pela luz solar.

« Like a poor ghost caught in the daylight » . . .

Perderam a sua unica propriedade, que era a de espantar.

Estou muito longe de pensar que os *snohs* que amam todos elles a fluidez do vacuo, e definem o talento e o valor das coisas pela superfluidade, queiram admittir (fóra do « Ba-ta-clan » physico e moral em que nos abysmamos) as indigestas locubrações, duras e pesadas, anti-poeticas e anti-rhetoricas, de um ou outro raro espectador dessas frioleiras.

A verdade é que ainda não chegamos a esse gráo de seriedade e de circumspecção asinina. Ainda não achamos a fórmula composita que associe ao

foguete, aereo, brilhante e fugitivo, alguma substancia menos phosphorica e mais nutriente . . .

Estou que lá chegaremos um dia, e felicito-me por ir embora antes desse suspirado cataclysmo.

Ha, entretanto, um symptoma agradavel a registrar : e é essa unanimidade de enthusiasmo ou, pelo menos, de alegria, num povo anti-intellectual e quasi inimigo da literatura, povo que não lê, nem presta a menor consideração aos homens que se dedicam ao ingrato officio das letras, quando estas não coincidem com qualquer posição official, com o dinheiro ou a perspectiva do dinheiro, ou, em falta de todos esses meritos, com a labia e a cavação.

Não estou, Vossa Mercê bem o comprehende, lamentando essa inferioridade, se inferioridade ella é. Estou definindo-a, apenas : pois que não é compativel com os nossos primeiros passos outra magnificencia.

A incapacidade dos povos jovens é apenas uma phase inicial e necessaria, por inevitavel, se a todo o proposito ella se torna visivel como agora.

Não podemos fazer melhor, por emquanto. E, no fim de contas, é já fazer alguma coisa, sem descer, nem desesperar.

Os discursos, que tanto desagradam a Vossa Mercê, formam o genero infantil e inicial. Podemos dizer, como aquelle novo symbolista :

I love the preliminary things . . .

E, frequentemente, um discurso qualquer sal-

va de terríveis apuros um sujeito que não tem nada que dizer.

Venha sem tardar, que ainda haverá dois outros dias de festa.

E — quem sabe? — talvez tenha V. Mercê de pedir a palavra e encantar o auditorio . . .

Do muito seu etc.

O — indianismo — na literatura

Meu amigo,

Ha entre nós um problema ou uma questão literaria que nasceu com o romantismo e com a nacionalidade.

Communico a Vossa Mercê as reflexões que me acodem ao espirito e espero que não as ache inteiramente insensatas.

As injustiças da ordem social, os proprios males da civilização sempre despertaram no homem a idéa de que uma — « idade de ouro » — se ella existiu acaso, só poderia ser collocada nos tempos primitivos.

A felicidade humana era assim uma concepção pelagica que tinha só realidade nas afastadas origens e nos remotos paraizos da historia.

Muito depois dessa intuição classica a chronologia da idade de ouro foi reforçada nos tempos modernos pelos philosophos da egualdade social e

do homem da natureza, como o queria Rousseau.

Ora, experimentalmente, a America apresentava o exemplo do — homem da natureza — dos philosophos da encyclopedia : a boa fé, o communismo e a ingenuidade das tribus selvagens impressionavam os sonhadores de systemas politicos. O homem nu era quasi o modelo da suspirada egualdade humana.

Este era o sonho que se sonhava na éra do despotismo civilizado.

Desde logo o indio americano transformou-se num mytho da politica idealista dos direitos do homem.

Se todos fossemos indios !

Entre nós, parece que não era difficil essa transformação.

Os brasileiros da época da independencia, humilhados pelo conquistador branco e envergonhados pela escravidão negra, acharam no indio fugitivo e autochtone o symbolo mais expressivo da terra e da nacionalidade.

Nessa collisão, o indio era o *tertius gaudet*, na eleição da raça que mais resistira á escravização.

O — « indianismo » — foi no decennio da independencia um sentimento ou uma voluntaria illusão generalizada pelos nativistas.

Todos queriam ser indios, quaesquer que fossem os ingredientes dessa mystificação da historia. Os proprios mazombos (que assim eram denominados os brasileiros de pura descendencia branca sem mistura), entravam nessa aspiração commum que identificava a ter a libertada e o bravio aborigine.

Ao ler os documentos que nos restam do tempo, os jornaes, as folhas volantes, as canções patrioticas da revolução da independencia e do primeiro reinado, com os dissidios entre brasileiros natos e portuguezes — parece ficar a impressão de que um povo autochtone e selvagem pelas origens alcançava depois de tres seculos de guerra o triumpho e a posse incontestada da sua terra.

Essa epopéa, falsa a não poder ser mais, definiu o enthusiasmo da época da liberdade.

Os antigos valores coloniaes inverteram os seus rotulos : os Souzas, os Bastos, os Silvas, os Oliveiras e os Carvalhos, passando por um novo baptismo nacional, mudaram-se em Caramurús, Utinguacús, Tupinambás e Goitacás.

No — *Cancioneiro patriotico* — colligido por Vaz Carvalho, vemos as ladainhas tupis, os versos em nêengatu e outras frioleiras mal escriptas em algarraria quasi ignorada dos proprios poetas que as fabricavam, em honra do povo que arrebetava os grilhões do despotismo colonial.

Dest'arte não necessita demonstração alguma o facto de que a illusão do indianismo era uma mentira convencional, e começou como um sentimento politico antes de ser a inspiração da literatura.

Nascendo em 1823, Gonçalves Dias foi embaçado no berço por essa mystificação patriotica.

Neste sentido elle differe essencialmente de Alencar. Sem duvida, o Alencar de — *Iracema* — o Magalhães dos — *Tamoyos* — seriam impossiveis sem a magia creadora do poeta maranhense.

Mas, no tempo de Alencar, a illusão indiana e patriótica havia quasi desaparecido, e o romancista inspirou-se muito menos no sentimento nacional do que na imitação estrangeira. A ficção patriótica que alentára Gonçalves Dias succedeu a imitação, por vezes literal, dos romances exóticos de Chateaubriand.

No seu indianismo, Gonçalves Dias nada parece dever á literatura franceza. Se fizermos excepção de algumas obras meramente informativas, de relações de viagens, é difficil encontrar na poesia americana de Gonçalves Dias qualquer fonte de inspiração fóra das coisas brasileiras.

No seu tempo, a America bastava, e quem não era Carumurú podia ser Montezuma ou Atahualpa. Tupis ou aztecas, pouco importava, para significar o novo espirito anti-europeu.

Em Gonçalves Dias é o seu tempo e é a sua gente quem cria e diffunde a illusão do indianismo ; é elle o poeta da sua raça imaginaria, e da sua terra, quaesquer que sejam os erros de prosapia no pergaminho nobiliarchico que lhe improvisaram.

Em Alencar, o indianismo é uma graciosa falsificação erudita e pessoal, tomada duas vezes de emprestimo : do poeta e do exotismo francez.

A independencia politica explica e justifica a poesia americana de Gonçalves Dias. É o patriotismo em estado nascente.

Em resumo, as affinidades entre Gonçalves

Dias e Alencar, ainda que evidentes pelas exterioridades, são duvidosas e equivocac quanto ao sentido substancial.

Gonçalves Dias acreditava no seu idolo, e via no indio a patria verdadeira. Essa illusão não a tinha, nem no seu tempo podia ter, Alencar. No romance deste, a parte de velhacaria excede a da sinceridade ; para elle, o « indio » era um bello motivo exotico e os motivos exoticos eram exactamente os mais predilectos do romantismo francez.

No fim de contas, a falsificação, nacional ou estrangeira, era de qualquer maneira uma falsificação.

E, podemos accrescentar, uma falsificação grosseira, aos olhos mais argutos dos ethnologos. Gonçalves Dias e Alencar conheceram o indio pelas chronicas dos padres e pelos dictionarios imperfeitos que havia. Os erros de palavras e de etymologias, os absurdos que semearam, podiam offerecer margem a commentarios pittorescos, sem dispendio de pedantismo.

Por equal são monstruosas as paixões e as idéas que emprestaram ao selvagem, dando-lhe altos sentimentos de amor, de piedade, de acção e de patriotismo, que nunca tiveram. A pobre gente foi transformada em nação de heroes, como nas antigas fabulas e legendas classicas.

Toda essa literatura tamoya, isto é, anti-portugueza e alliada casualmente ao francez, foi des-

apparecendo aos poucos e della já não resta vestigio apreciavel.

O indianismo, portanto, quanto posso alcançar na perspectiva da nossa historia literaria, foi successivamente uma ficção patriotica e uma imitação franceza.

Na primeira phase, que é a do patriotismo, fórma a nossa epopéa priginal e talvez a unica que na historia das nossas letras possa accusar uma fonte e origem profundamente nacional ; na sua segunda phase, de imitação franceza, colheu já fria e morta a illusão patriotica, mas rejuvenesceu-a, penetrando na corrente universal do romantismo.

É possivel que ainda tenhamos de vêr no curso do tempo uma ressurreição do autochtone. Os povos da terra não cessam de fabricar brazões de fidalguia e antiguidade, e não tardará muito que um Enéas fugitivo aporte ás nossas plagas trazendunos qualquer origem troyana . . .

. . . Trojæ qui primus ab oris vomit . . .

Até lá, podemos ser indios com Gonçalves Dias ou tabaréos com o Catullo Cearense. Nem portuquez, nem preto, nem mulato — justamente as quasi unicas verdades da historia.

O poeta — Dranmor

Um dia, minha doce amiga, teremos um calendario em que ao lado dos santos e martyres appareçam as nobres figuras da intelligencia.

Conheces, sem duvida, os lindos versos de Dranmor, versos de amor e de morte como os que tu inspiras.

Vae perfazer agora cem annos do natal desse poeta que viveu a maior parte de sua vida no Brasil.

Dranmor (era o pseudonymo que usava), nasceu perto de Berna, capital suissa, a 22 de julho de 1823. Era alemão pela raça, como Rousseau era francez, ambos oriundos daquella paz helvetica que se equilibra acima de tres nacionalidades.

Não é raro que em numerosas anthologias da poesia alemã encontremos o nome de Dranmor ao lado de Leuthold ou de Conrado Meyer, todos no-

taveis poetas suíços da mesma geração romântica.

O nome verdadeiro de « Dranmor » era Ludwig Ferdinand Schmid.

Conversemos um pouco ácerca da sua curiosa individualidade.

Não tinha ainda vinte annos de idade quando publicou o seu primeiro livro de versos *Blatt aus der Knabenzeit* — considerado por alguns dos seus criticos como o mais bello e inspirado dos seus trabalhos, tanta é a encantadora simplicidade daquellas estreias.

Aos vinte e um annos chegava elle ao Brasil, immigrante desconsolado, a tentar a fortuna que lhe não foi muito infiel ou tardia. A planta deu-se menos mal e amadureceu ao sol dos tropicos. Fez-se negociante e enriqueceu ; pelo menos, adquiriu o bastante para voltar ao velho mundo, viajar toda Europa, por seis annos (1847-1852) e, afinal, estabelecer-se no Rio de Janeiro.

Dentro em pouco lhe vieram contrariedades e infortunios, com a crise e depressão dos negocios ; mas, nenhum desengano o abatia e, cheio de esperanças, confiava demasiado no futuro. Sabia que os amigos eram mais assiduos na boa fortuna que nos tempos adversos. Pouco importa. Ás vezes a solidão é a mais fiel de todas as companhias.

Em verdade, escrevia, não é ruim o homem, é apenas fraco e covarde (*zwar ist die Menschheit nicht schlecht, nur schwach und feige*).

Era esse o seu temperamento de optimismo.

A tormentosa vida desse poeta, a um só tempo repartida pela dupla personalidade absurda de com-

merciante e de sonhador « poeta e corsario », como dizia, formava um contrasenso que havia de acabar pela ruina de todas as esperanças.

Aos 46 annos, numa das suas numerosas viagens, conheceu, em Paris, uma rapariga, Lise Aglae, com quem se casou no Brasil. Era esta mulher uma nova Xantippa para o pobre philosopho ? Disseram-n'o ; mas, sem fundamento razoavel. No poeta nenhuma traição do pensamento o confirma.

Era ou devia ser ella o bom senso de um Sancho Pansa de saias contra as quixotadas do esposo versatil, activo, mas inconstante, victima do seu proprio idealismo inadequado á vida pratica.

Lisa Aglae soffria dessas aventuras do esposo. Uma pouca de prosa faria bem a tão desordenada imaginação.

A verdade é que, se Dranmor fazia sempre bons versos, tambem fazia quasi sempre máos negocios.

Quarenta annos de Brasil deram-lhe fortuna, dissipações, bem-estar e ruina. O novo mundo, de que fizera segunda patria, criou-lhe prodigalidades e sacrificios generosos. Mas, ensinou-lhe a conhecer as asperezas da terra dos diamantes e a esquecer aquella falsa e malsã literatura que fala do tio rico da America ou do Nababo do Oriente.

A arvore das patacas que atormenta algumas imaginações europeas, só aproveita realmente ao Brasil. É ella um chamariz para todas as audacias e energias longinquas. É um iman civilizador.

E foi sempre entre as dôres das desillusões e dos desenganos que nasceu a prole americana.

Um aspecto curioso da vida de Dranmor, na sua velhice, no Rio de Janeiro, foi o jornalismo que exerceu, excitando entre alemães a propaganda da immigração, do abolicionismo e da educação dos escravos, da mudança da capital do Imperio para o planalto, verdadeiro nucleo do povoamento futuro.

A esses themas inteiramente praticos e positivos ajuntava o seu incuravel idealismo o culto da poesia, que era, em verdade, a face mais luminosa de sua alma.

Como elle vivia, viva e insopitavel, a saudade da patria, voltou á terra natal, pela ultima vez, para ahi deixar os ultimos despojos.

A pedra que assignala o tumulo do poeta, traz essa collegial inscripção :

PER ASPERA AD ASTRA.

Assim foi. Nada mais trivial na historia do imigrante e do poeta.

Incomprehendido, incomprehendente e incomprehensivel no ambiente que preferiu respirar, nomade e errante, a sua musa inspirou-se no sentimento da saudade.

Entre os seus versos avulsos mais caracteristicos estão os que intitidou com a palavra portugueza — « Saudade » — e os que trazem o titulo quasi identico de « Heimweh ».

É curiosa esta palavra : « Heimweh », é a dôr da patria, o desejo de voltar a ella, o « desiderium patriæ ». Hoje, é um vocabulo vulgar e corrente na Alemanha, mas, subiu e veiu da Suissa ; ha um seculo no tempo de Gœthe e Schiller, que nunca a empregaram : era desconhecida a expressão.

Os proprios medicos antigos confirmavam essa origem, admittindo uma molestia singular a— « nostalgia helvetica ».

Emfim, pouco differe da « saudade » portugueza.

Dranmor sentiu-a na sua linguagem nativa, com a resonancia unisona e amplificadora da lingua que veiu conhecer no Brasil.

Entre os criticos da poesia alemã, o nosso poeta é considerado como um discipulo de Platten, isto é, uma especie de poeta parnasiano (como dizemos á moda franceza), escrupulosissimo em questão de fórma e de exterioridades de expressão.

Esse formalista, entretanto, tem grandes suavidades espontaneas, que não parecem accusar o azeite das lampadas de Demosthenes.

Nada mais natural nem mais simples, infantil ou ingenuo, que os seus primeiros cantares da adolescencia.

« Eu quizera (diz elle numa das suas formosas poesias) eu quizera emfim, adormecer, lá na campina verde, lá onde se erguem os pinheiros ; ahi quizera dormir á sombra delles, livre dos tormentos do coração, e pela primeira vez vêr as nuvens azues e dormir eternamente ».

Essa dessaborida prosa corresponde aos bellos versos que vou transcrever para que possas sentil-os na sua admiravel simplicidade :

Ich möchte schlafen gehn,
 Dort auf den grunem Mattem,
 Dort wo die Tannen stehn,
 Möcht'ich in ihren Schatten
 Brefreit von Herzenqual.
 Zum letztenmal
 Die blauen Wolken sehn
 Und ewig shlafen gehn.

O tom luso-brasileiro da nossa cultura não nos permite apropriar-nos de um poeta alemão, sem embargo de que no Brasil ha um milhão de almas que ainda representem o pensamento germanico.

Todavia, Dranmor é um bocadinho nosso. Aqui passou a maior parte e a mais intensa da sua vida ; aqui achou inspiração em algumas das nossas historias populares e intreprou algumas das joias poeticas do nosso parnaso.

Agora, que vae passar o centenario do seu nascimento, lembrou-me escrever essas linhas de saudade e de admiração pelo poeta (1)

(1) As poesias de Dranmor (*Gedichte*) contam cinco ou seis edições. Ácerca do poeta, escreveram, no Brasil, C. von Koseritz, Silvio Romero e J. Winiger (*Litteratische Skizzen-Musterreiters Kalender*, 1904, Santa Catharina) e outros mais de que não tenho noticia. Recentemente, num volume de *Wissenschaft and Bildung*, de vulgarização, o professor Adolf Frey, no livro *Schweizer Dichter* (2.^a ed.).

O pseudonymo Dranmor é uma palavra normanda-fran-

Minha doce amiga, sinto-me como esse poeta foragido do meu lar que seria a tua alma e nem sabes que a cristalização de tua imagem é a minha unica visão interior.

Perdôa-me e crê em mim.

Do teu . . .

ceza, que significa « ao mar ! » — bem característica para um *globe-trotter*, amigo das viagens e das aventuras. Tantos trabalhos (diz elle num verso que seria o seu melhor epitaphio) tantos trabalhos por uma mortalha !

Humour versus vernaculismo

Meu grande amigo,

«Cs brasileiros zelam mais o vernaculo do que os portuguezes».

Essas palavras de Julio Dantas merecem o comentario que remetto a Vossa Mercê que é o escoliasta mais provecto dessa redondeza.

O meu intento é explicá-las agora, abonando-as com os documentos da psychologia nacional.

Dois dos nossos humoristas trataram já com grande excellencia deste curioso caso que tanto lisonjeia o gentio e nobilita a patria.

Prefiro a lição dos humoristas á da historia, porque difficilmente deletreio as coisas graves, e sou por natural melancolia inclinado ás joviaes anedotas.

Dois humoristas nossos dão-me a chave desse enigma vernacular, que sem elles me pareceria indecifavel.

Um desses humoristas é o Monteiro Lobato e o outro, o Mario Brant.

Valem ambos por historiadores e archeologos, tanto e tão profundamente penetram a alma nacional.

Contarei, pois, a Vossa Mercê os dois casos de Aldrovando Cantagallo e do José Cigarreiro — personagens representativas do quinhentismo sadio, transplantado.

Verá Vossa Mercê que Aldrovando Cantagallo foi quem lançou a semente, e o José Cigarreiro quem colheu o fruto. Ambos bem mereceram da patria, e para mim são os verdadeiros heróes e demiurgos symbolicos que heroicamente dissiparam o immundo vasconço, e fundaram a linguagem triumphante e eterna.

Aldrovando Cantagallo, que Monteiro Lobato vulgarizou, é o verdadeiro typo do apostolo grammatical.

Leia V. Mercê esse formoso conto, onde ha tudo que aprender para certos usos caseiros, a verdadeira mèzinha domestica dos males espirituaes que nos affligem.

Aldrovando é insigne no seu estilo de indagação contra os tarelos ; pedia contra os incréos da lingua leis severissimas e pelourinho infamante :

— « Leis, senhores, leis de Dracão que diques sejam, e fossados e alcaçares de granito á defensão do idioma prepostos. Mistér sendo, a forca se restaure, que mais o baração merece quem conspurca

o sacro patrimonio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira ».

Assim guerreava a sua guerra santa.

Como é gracioso esse odio theological de Aldrovando Cantagallo ! Estou que elle torceria o pescoço a uns dois terços da nossa Academia, que é caridade grande apressar a morte dos que soffrem sem remedio.

Para o Aldrovando, os jornalistas eram : « gallicigraphos de papel e graxa, que á lingua lusa offendem ».

Sentindo o orgulho e santidade da sua vocação, Aldrovando Cantagallo saíu de ponto em branco pelas ruas e praças a endireitar os tortos grammaticaes, a pôr em pé com unccão os pronomes, a restaurar os Endovellicos e Viriatos que desde as suas cavas reclamam o respeito das velhas tradições gloriosas.

O seu estilo apostolico tem vehemencias sagradas e quinhentistas :

« Fogem-me á ferula os maraos de pau e corda ? fila-los-ei pela gorja ! Salta rumôr !

« Amigo (diz elle suavemente a um ferreiro) amigo ! natural a mim me parece que erres, alarve que és ; mas, da bôa sombra do teu focinho espero que ouvido me darás. »

E todos prestavam ouvido attento.

Segunda vez no lapso dos tempos, quatro seculos depois da conquista, ouvimos na selva brasilica a voz dos nossos missionarios que hoje, ao invés de dilatar a fé e o imperio, nos edificam os pronomes e nos salvam a alma, sob as duas especies das particulas santas.

Como era de prevêr, o apóstolo da grammatica não podia deixar este mundo sem o martyrio.

Morreu effectivamente de um erro grammatical que lhe attribuiram alguns typographos malvados.

Numa tarde serena de céu limpido e azul, subiu sua alma, leve como fujo de incenso, ao seio do Creador.

A vinha que ella plantára floreceu e frutificou. Hoje bebemos o vinho celestial da sua doutrina, esquecidos e ingratos que somos do serviço daquelle apostolado admiravel.

A Aldrovando Cantagallo, ou melhor (pois que nunca é tarde para fazer justiça), a Santo Aldrovando Cantagallo devemos a polidez hodierna, a virtude quotidiana da bôa linguagem. Louvores lhe sejam dados.

Desappareceram já os tarelos, os galliciparlas, francelhos, franchinetes, tratantes e chatins de terras viciosas e corruptas.

O Brasil, hoje, é de novo subtil e manuelino, como a Torre de Belém e o doutor João de Barros.

Ora, é nesse estado de pureza immaculada do idioma que entra o novo humorista que V. Mercê bem conhece.

O segundo humorista é Mario Brant, secretario das finanças das Minas Geraes, grande jornalista, e escriptor devotado, como tantos outros, pela politica.

O heróe do conto de Mario Brant é o José Ci-

garreiro, pobre diabo que luctava pela vida, vendendo charutos e cigarrilhos.

Quando elle se estabeleceu, o tempo e o logar eram climatericos; na mesma rua havia concorrentes formidaveis, ricos e afreguezados. O José principiava a vida, e queixava-se dos máus negocios. Ninguem lhe batia á porta, quando por inspiração do alto lhe veio uma idéa.

Era já o tempo em que, graças á sementeira e aos trabalhos de Aldrovando, toda a gente conhecia o vernaculo: ninguem mais offendia a syntaxe nem as particulas.

Falava-se já uma lingua de quinhentos, em edição « ne varietur ».

— Pois é assim? Pensou o José Cigarreiro. Vão vêr agora.

E logo suspendeu á porta da sua misera tabacaria sem freguezes uma taboleta nova, em letras garrafaes: *Vende-se charutos e cigarros*.

E esperou, resignado, a indignação universal.

Logo cedo, entrou um sujeito na loja:

— Tem você aqui cigarros do Pomba?

— Tenho, sim, e de tres marcas.

— Vou levá-los todos.

E, em seguida, ajuntou:

— « Seu » José, esta taboleta não está muito catholica. Ninguem hoje diz — « vende-se charutos ». É erro grave. « Vendem-se . . . » é que é. Mude essa taboleta.

Pagou e safu. E logo entra outro individuo:

— Dê-me uma caixa de charutos da Bahia.

Foi immediatamente servido o novo freguez que, ao retirar-se, não se conteve:

— « Seu » José, ha um erro na sua taboleta. No seculo vinte, é espantoso ! Camões nem Aldrovando Cantagallo acceitariam essa lição do — « Vende-se charutos ». Pelo amôr de Deus, corrija semelhante dispauterio.

Pagou e foi-se embora.

Ao cabo do dia, ao sol posto, a gaveta do José regorgitava de moedas e a loja formigava com o entrar e sair da freguezia.

Se um erro matou o Aldrovando, outro erro rehabilitou o José Cigarreiro.

Essa é, na verdade, a historia de todos os martyres, e é tambem a philosophia da nossa historia.

Coteje Vossa Mercê esses dois factos tão diversos, e todavia tão eguaes.

O erro é o melhor estrume da verdade, e ás vezes vale a pena commetter uma asneira grande.

Entre as asnidades que tenho feito, pique um alfinete nesta e ponha na sua collecção.

Deus guarde a Vossa Mercê, como sóe fazer a todos os apostolos e colleccionadores.

EPILOGO

Aqui termina a correspondencia, e com ella as
Cartas Devolvidas.

Post malam segetem serendum est.

Até outra vez.

J. R.

INDICE DAS CARTAS

Ácerca da difficil simplicidade	5
Dum velho maço de papeis	12
Sete annos de pastor	19
Inimigos literarios	25
Questão orthographica	31
São Pedro	37
Inimigo hereditario.	43
A brevilocuencia	48
Ácerca de quem inventou a palavra—«Tupi»	53
O Carnaval	59
Um academico do seculo XVIII.	66
De um velho maço de papeis — Pedindo o voto	73
Depois da recusa do voto	77
A proposito das tragedias	80
Confederação luso-brasileira.	86
Que é a verdade?	92
Varios jacobinismos	99
Bilhete sem endereço—Profissão literaria	105
Theoria e Pratica—Breve novella	109
Gregorio de Mattos.	114
Ácerca das coisas adequadas	123
Um grão de loucura	127
Anti-grammatica	133
Perós e Maires	140
Lingua nacional.	148

Psycho-analyse literaria	153
O ultimo imperador	161
A morte que vae morrendo	169
Christovão Colombo	175
Diccionario da Academia	182
Coisas que passaram	187
Seleccção humana	196
•Colmeia•	201
Religião dos brasis	207
Ainda a religião dos brasis	215
O typo nacional	222
Leis da politica	229
Gorani em Portugal	236
Festas de Gonçalves Dias	243
Indianismos na literatura	249
O poeta Dramor	255
Humour versus vernaculismo	262
Epilogo	268

Obras de JOÃO GRAVE

- Os Famintos.*
A Eterna Mentira.
O Ultimo Fauno.
O Passado.
Gente Pobres.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Cruel Amor.
Fogosiras de Santo António.
Gleba.
Vida do Espirito (pensamentos)
S. Fret Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.
Os Vivos e os Mortos.
Memorias dos dias fin-
dos.



Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Basílio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A Ilustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Eccos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos ineditos), 1 vol.
As minas de Saolemão (tradução), 1 vol.

NOVAS OBRAS PÓSTUMAS :

A Capital, 1 vol.
Correspondencia, 1 vol.
Conde de Abranhos, 1 vol.
O Egypto (notas de viagem).
Alves & C.ª 1 vol.

NO PRÉLO

Paginas esquecidas, 1 vol.
Tragedia da Rua das Flores.



